

Registro 4:

Segundo encuentro:

Estoy en la ruta. Me piento con pueno y un poco comoda. Son las 20h y 39 min. La noche se me viene for en cima avisándome de que peligros al manejar con pueno. Hoy me levanté bastante temprano, a las 3h y 50 min. Me levanté, me duché, desayuné, organicé las cosas en el auto y partí a las 4h y 40 min para Melo. La ciudad dormida y silenciosa no se percató de la alegría que se me llenaba el alma y todo mi ser.

En la mitad del camino me bajé del auto para observar la niebla. No se veía nada, estaba fresca y se

**REFLEXÕES SOBRE OS REGISTROS DE UMA EXPERIÊNCIA
COM DETENTOS: EPIFANIAS DO VIVIDO**

Eduardo Galeano que había preparado para la clase de hoy: el derecho al delirio. Es uno de los textos más hermosos que jamás he leído. Tiene que ver con el derecho de soñar.

Mientras manejaba, observaba que cuanto más me aproximaba y entrecaba en la niebla, era como si ella caminara y estuviera siempre adelante mío, como la utopía. Galeano explica en la entrevista, que la utopía está en el horizonte y aunque el paso que nunca la habrá de alcanzar, porque aunque el camino diez pasos, ella se alejará diez pasos, cuanto más se acerca a ella se alejará, porque la utopía sirve para eso, para hacernos caminar. Sí, la utopía, los puenos, la esbronza, sirven para movernos hacia adelante.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

**REFLEXÕES SOBRE OS REGISTROS DE UMA EXPERIÊNCIA COM
DETENTOS: EPIFANIAS DO VIVIDO**

SEILA MARISA DA CUNHA ISLABÃO

Pelotas, 2018

SEILA MARISA DA CUNHA ISLABÃO

REFLEXÕES SOBRE OS REGISTROS DE UMA EXPERIÊNCIA COM
DETENTOS: EPIFANIAS DO VIVIDO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial para obter o título de Mestre em Educação.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Lúcia Maria Vaz Peres

Pelotas, 2018

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas
Catalogação na Publicação

182r Islabão, Seila Marisa da Cunha

Reflexões sobre os registros de uma experiência com detentos : epifanias do vivido / Seila Marisa da Cunha Islabão ; Lúcia Maria Vaz Peres, orientadora. — Pelotas, 2018.

216 f. : il.

Dissertação (Mestrado) — Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, 2018.

1. Escrita. 2. Imaginário. 3. Educação. 4. Cárcere. I. Peres, Lúcia Maria Vaz, orient. II. Título.

CDD : 370

Elaborada por Simone Godinho Maisonave CRB: 10/1733

SEILA MARISA DA CUNHA ISLABÃO

REFLEXÕES SOBRE OS REGISTROS DE UMA EXPERIÊNCIA COM
DETENTOS: EPIFANIAS DO VIVIDO

Dissertação como requisito parcial para a realização da pesquisa e defesa, no Programa de Pós-Graduação em Educação, na linha de pesquisa Cultura escrita, linguagens e aprendizagem, da Faculdade de Educação, da Universidade Federal de Pelotas.

Data de Defesa: 30 de Julho de 2018.

Banca Examinadora:

Prof.^a Dr.^a Lúcia Maria Vaz Peres (Orientadora) - UFPEL

Prof.^a Dr.^a Maria Helena Menna Barreto Abrahão – UFPEL

Prof.^a Dr.^a Vania Grim Thies - UFPEL

Prof. Dr. Luís Isaías Centeno do Amaral – UFPEL

Dedico este trabalho a todos aqueles que acreditam, assim como eu, em uma educação sensível.

AGRADECIMENTOS

Aos meus filhos Moisés e Matheus por me apoiarem e por me ensinarem todos os dias a aprender.

A minha família e aos meus amigos por confiarem em mim, e por compreenderem minha ausência.

Ao grande amigo Ubirajara da Cunha, o Bira, pelo olhar afetuoso e sensível para com o que me é caro.

A minha psicóloga Dr.^a Vanise Valiente que me fez ver que eu sou quem eu sou e não quem eu penso ser.

Ao GEPIEM por ter me acolhido em seu seio.

Aos meus companheiros de jornada Luciana, Francine B., Rose, Cassius, Larissa, Fran e Xoroca.

Ao colega Bruno que pacientemente me acompanhou nas tramas e dramas deste trabalho.

Ao Alexandre que além de terno amigo tornou-se meu guardião com suas bênçãos e santos.

A Andrisa com seu olhar pacífico e apaziguador.

Aos professores e ao Programa de Pós-Graduação em Educação que me acolheram com atenção e mirada sensível.

Aos componentes da banca de avaliação pelo olhar afável, cuidadoso e salutar.

A minha orientadora Lúcia Peres que tornou possível este trabalho, lembrando-me que cada dia oferece a possibilidade de novas conquistas e mudanças.

A Deus pelo “aguante” físico, mental e emocional.

Ao Universo por ter permitido que eu fosse trabalhar no ambiente carcerário uruguaio.

À lucidez inefável dos “poetas” que me acompanharam até aqui.

Por aqui não se passa sem que se sofra o calor do fogo.
(Canto XXVII – Purgatório – A Divina Comédia)

Lista de figuras

Figura 1	“O monte encantador”.....	29
Figura 2	“Voou com o vento”.....	37
Figura 3	Apresentação de Murga na prisão	40
Figura 4	Sala de aula na prisão	41
Figura 5	Sala de aula na prisão	42
Figura 6	Esquema das dimensões de nosso Ser-no-mundo propostas por Josso.....	46
Figura 7	“Galatea” – Ilustração de Salvador Dalí.....	53
Figura 8	Níveis de leitura e análise aplicados nos registros.....	55
Figura 9	Constelação maior.....	71
Figura 10	Ser de Carne.....	72
Figura 11	Ser de Atenção Consciente.....	72
Figura 12	Ser de Cognição.....	73
Figura 13	Ser de Ação.....	73
Figura 14	Ser de imaginação.....	73
Figura 15	Ser de Sensação e Sensibilidade.....	73
Figura 16	Ser de Linguagens.....	73
Figura 17	Ser de Criatividade.....	73
Figura 18	Ser de Percepção.....	73
Figura 19	Ser de Emoção e Afetividade.....	73
Figura 20	Ser Somático.....	73
Figura 21	Ser Imaginal.....	91
Figura 22	Essência do Ser.....	91
Figura 23	Ser de Reflexão.....	91
Figura 24	Cópia “Galatea” (adaptada)	102
Figura 25	Cópia “Constelação maior”.....	102
Figura 26	Esquema completo das dimensões de nosso Ser-no-mundo depois deste estudo.....	103
Figura 27	“O ovo cósmico”.....	105

RESUMO

ISLABÃO, Seila Marisa da Cunha. Reflexões sobre os registros de uma experiência com detentos: epifanias do vivido. 2018. 216p. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2018.

Este trabalho desenvolvido no cerne do Grupo de Pesquisa e Estudos em Imaginário Educação e Memória – GEPIEM, vinculado à linha de pesquisa Cultura escrita, Linguagens e Aprendizagens do Programa de Pós-Graduação em Educação/UFPel, problematiza os sentidos imersos nos registros escritos por mim, decorrentes de uma experiência realizada em uma prisão mista de segurança média-mínima em Melo, no Uruguai, entre os anos de 2013 e 2015. O projeto titulado “*Érase otra vez...*” deixou vinte e cinco registros, onde este estudo tem origem. Identificar e localizar as dimensões de nosso Ser-no-mundo que emergem do diário onde está assentada esta experiência com o intuito de revelar quais os sentidos presentes na minha escrita, é o objetivo principal desta investigação desenvolvida no período compreendido entre 2016 e 2018. Fundamentada em Philippe Artières (1998) que defende a escrita como guardiã da memória e do cotidiano; em Marie Christine Josso (2004, 2009, 2010, 2016) que preconiza que existir é ser na vida em relação com, e que somos forjados e formados por dimensões sociais, culturais, históricas, espirituais, psicológicas, tendo, sobretudo, articulação com o sensível. Finalizo este trabalho desvelando os sentidos que estão imersos no reservatório que representa essa escrita, me apoiando nos estudos de Juremir Machado da Silva (2012, 2017). Através da análise cuidadosa dos vinte e cinco registros do “*Érase otra vez...*”, percebi que diferentes seres dimensionais nos habitam, formando e forjando o nosso Ser-no-mundo. No diário concebido em instâncias de socialização e partilha de saberes, se produziu o encontro de três grandes dimensões formadoras do ser humano: **imaginário**, **escrita** e **reflexão**, fazendo com que, além de algumas dimensões existenciais emergirem com mais força e constância que outras, aparecessem três novas dimensões (Essência do Ser, Ser Imaginal e Ser de Reflexão) com peculiaridades bem significativas e dotadas de um dinamismo que sobrava e ampliava os sentidos das existentes. O desvelamento desses sentidos através do “pisar e repisar” foi fundamental para a compreensão e a consciência do meu lugar e da minha

marca no mundo, fazendo o que eu faço, sendo quem eu sou e reconhecendo-me como sujeito central da minha própria formação.

Palavras-Chave: Escrita; Imaginário; Educação; Cárcere.

RESUMEN

ISLABÃO, Seila Marisa da Cunha. Reflexões sobre os registros de uma experiência com detentos: epifanias do vivido. 2018. 216p. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2018.

Este trabajo desarrollado en el núcleo del *Grupo de Pesquisa e Estudos em Imaginário Educação e Memória – GEPIEM*, vinculado a la línea de investigación *Cultura escrita, Linguagens e Aprendizagens* del Programa de Pós-Graduação em Educação/UFPel, problematiza los sentidos inmersos en los registros escritos por mí, que decurren de una experiencia realizada en una cárcel mixta de seguridad mediana-mínima en la ciudad de Melo, en Uruguay, entre los años de 2013 y 2015. El proyecto titulado “*Érase otra vez...*” dejó veinticinco registros, en donde este estudio tiene origen. Identificar y ubicar las dimensiones de nuestro Ser-en-el-mundo que emergen del diario en el cual está asentada esta experiencia con el intento de revelar cuáles son los sentidos presentes en mi escritura, es el objetivo principal de esta investigación, que ha sido desarrollada en el período comprendido entre 2016 y 2018. Fundamentada en Philippe Artières (1998) que defiende la escritura como guardia de la memoria y del cotidiano; en Marie Christine Josso (2004, 2009, 2010, 2016) que asegura que existir es ser en la vida en relación con, y que somos forjados y formados por dimensiones sociales, culturales, históricas, espirituales, psicológicas, teniendo, sobre todo, articulación con el sensible, finalizo este trabajo desvelando los sentidos que están inmersos en el reservatorio que representa esa escritura, apoyándome en los estudios de Juremir Machado da Silva (2012, 2017). A través del análisis cuidadoso de los veinticinco registros del “*Érase otra vez...*”, percibí que diferentes seres dimensionales nos habitan, formando y forjando nuestro Ser-en-el-mundo. En el diario concebido en instancias de socialización y compartimento de saberes, se produjo el encuentro de tres grandes dimensiones formadoras del ser humano: **imaginario**, **escritura** y **reflexión**, resultando que, además de algunas dimensiones existenciales emergiesen con más fuerza y constancia que otras, aparecieron tres nuevas dimensiones (Esencia del Ser, Ser Imaginal y Ser de Reflexión) con peculiaridades muy significativas y dotadas de un dinamismo

que se les sobraba y se les ampliaba los sentidos de las existentes. El desvelo de esos sentidos a través del “pisar y del repisar” fue fundamental para la comprensión y la consciencia de mi lugar y de mi marca en el mundo, haciendo lo que yo hago, siendo quien soy y reconociéndome como sujeto central de mi propia formación.

Palabras-Clave: Escritura; Imaginario; Educación; Cárcel.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	21
PAISAGEM PRIMEIRA	29
1. E OS VENTOS ME TRAZEM DE ALGUM LUGAR...	31
PAISAGEM SEGUNDA	37
2. “É RASE OTRA VEZ...”: DO EMPÍRICO À REFLEXÃO	39
2.1. Dos objetivos ao trabalho de investigação	43
PAISAGEM TERCEIRA	53
3. TECENDO	55
3.1. Peregrinando e tecendo	70
3.2. O Ser-no-mundo como Ser em amplitude e constante evolução	100
PAISAGEM QUARTA	105
4. Epifania do vivido: a compreensão para uma experiência formadora	107
REFERÊNCIAS	115
APÊNDICES	119
Apêndice A – Registro 1	121
Apêndice B – Registro 2	123
Apêndice C – Registro 3	124
Apêndice D – Registro 4	127
Apêndice E – Registro 5	132
Apêndice F – Registro 6	137
Apêndice G – Registro 7	143
Apêndice H – Registro 8	151
Apêndice I – Registro 9	152
Apêndice J – Registro 10	156
Apêndice K – Registro 11	159
Apêndice L – Registro 12	166
Apêndice M – Registro 13	169
Apêndice N – Registro 14	175
Apêndice O – Registro 15	181
Apêndice P – Registro 16	186
Apêndice Q – Registro 17	188
Apêndice R – Registro 18	190
Apêndice S – Registro 19	193
Apêndice T – Registro 20	198
Apêndice U – Registro 21	201
Apêndice V – Registro 22	205
Apêndice W – Registro 23	208
Apêndice X – Registro 24	211
Apêndice Y – Registro 25	214

INTRODUÇÃO

O presente trabalho foi alicerçado e construído no seio do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Imaginário, Educação e Memória (GEPIEM)¹ dentro da linha de pesquisa Cultura escrita, linguagens e aprendizagem, no Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), e tem como objetivo principal revelar os reservatórios do imaginário presentes no diário de campo de uma experiência realizada com detentos, a partir das dimensões do nosso Ser-no-mundo² (JOSSO, 2016) que emergem desta escrita. As práticas da dita experiência foram realizadas em uma prisão mista (composta por homens e mulheres) de segurança média-mínima, de setembro de 2013 a janeiro de 2015, na cidade de Melo³, no Uruguai/UY.

Esta pesquisa de caráter qualitativo consiste na reflexão construída sobre a escrita guardiã da experiência, sobre minha própria dinâmica e prática, fazendo-me viver como figura central de minha formação, não somente como representação deste sujeito, do EU-sujeito, mas como um ato de reivindicar minha própria identidade existencial. A autora supracitada assevera que a pessoa é a “matriz-viva” (2016, p. 59) de sua própria (trans)formação.

O trabalho foi realizado a partir do meu diário de campo escrito durante o desenvolvimento do projeto de literatura aplicada e escrita criativa⁴ chamado “*Proyecto de Literatura y Cultura “Érase otra vez...”*”⁵. O diário está composto

¹ GEPIEM (Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Imaginário, Educação e Memória), forma parte da linha de pesquisa Cultura escrita, linguagens e aprendizagem, da Faculdade de Educação, da Universidade Federal de Pelotas. Este grupo se dedica, principalmente, a pesquisas voltadas à Antropologia do Imaginário buscando interfaces com a Biografia Educativa e processos (auto)formadores. A página “<http://wp.ufpel.edu.br/gepiem/>” abriga todas as informações referentes a este grupo de pesquisa: história, metodologias, projetos de pesquisa, banco de dissertações e teses, publicações, eventos, etc. Acesso em 03/03/2017.

² As dimensões de nosso Ser-no-mundo dizem respeito às nossas identidades existenciais (identidade para si e identidade para os outros). São manifestações de nossa existencialidade em movimento, são os diferentes registros de expressão e de representações de si mesmo.

³ Mais à frente, no texto, explico o motivo da escolha deste lugar.

⁴ Segundo Mancelos (2010, p. 13), a escrita criativa “consiste no estudo crítico, na transmissão e no exercício de técnicas utilizadas por escritores e ensaístas de diversas épocas e culturas, para a elaboração de textos literários (contos, novelas, romances, poemas, entre outros) ou não literários (artigos de jornal, reportagens, ensaios, etc.)”.

⁵ “*Érase otra vez*” é uma analogia ao fragmento inicial dos contos de fadas em língua espanhola que, normalmente, começam por *érase una vez*/era uma vez (em português)/*once upon a time* (inglês). Este é o nome do projeto desenvolvido em Melo e foi modificado pela partícula “*otra*” por sua proposta em mostrar outras possibilidades, ampliar seus horizontes de perspectivas, transformar a realidade desses reclusos que participavam das aulas, pertencentes a esta unidade carcerária. Foi estruturado em vinte encontros: dezesseis

por vinte e cinco (25) registros escritos em momentos diferentes: na prisão, antes e depois de cada prática; nas paradas na rodovia durante o percurso de mais de 10.000km entre idas e vindas de Pelotas/BR-Melo/UY-Pelotas/BR, e em casa, antes e depois, tanto da preparação das aulas como das partidas e chegadas.

Assim sendo, penso que as intimações do meio sempre nos levam a caminhos ora bifurcados ora confluentes, mas nunca a uma via de mão única. A vida, em si, é uma via de mão dupla, onde todos os sucessos e misérias humanas nos atentam a cada minuto, construindo-nos, desconstruindo-nos e reconstruindo-nos a cada ciclo, seja qual for, constituindo-nos únicos, díspares e inéditos no trajeto de nossa existência.

Essas intimações fundadoras e formadoras foram, para mim, determinantes, tanto como impulsão/motor na decisão de participar da seleção do Mestrado em Educação, como alavanca na construção deste projeto, confluindo, assim, na busca pela compreensão das razões que me levaram a estudar o que estudo e a pesquisar o que pesquiso e a ser quem eu sou: professora.

Peres⁷ (2012, p. 270) afirma que somos alavancados por matrizes fundadoras (matriciamentos) que estão na base do nosso trajeto (auto)formativo existencial, levando-nos a fazer determinadas escolhas. Desta maneira, as intimações às quais me referi anteriormente, me mobilizaram a pesquisar o que ora proponho para que se reflita, se fomente e se acenda uma discussão séria e decisiva despertando uma nova perspectiva sobre a educação sensível em espaços de alta vulnerabilidade⁸ humana, como a prisão, por exemplo.

encontros/aula, duas intervenções artísticas e duas visitas para confraternização, totalizando 154,5 h/a. Cada um dos encontros foi pensado e construído a partir da concepção de autores que defendem “a literatura como força humanizadora, não como sistema de obras. Como algo que exprime o homem e depois atua na própria formação do homem”, como afirma Antônio Cândido (2009), por exemplo.

⁶ Sobre a origem do “*Érase otra vez...*” ver páginas 34 e 35 deste trabalho, onde estão assentadas as informações primárias da concepção desse projeto.

⁷ Dr^a. Lúcia Maria Vaz Peres é professora da FAE/UFPel, líder do grupo GEPIEM (Grupo de Estudos e Pesquisas em Imaginário, Educação e Memória), do qual sou integrante, e minha orientadora neste trabalho.

⁸ Característica de quem ou do que é vulnerável, ou seja, frágil, delicado e fraco. Que há insegurança, instabilidade, fragilidade, destrutibilidade, indefensibilidade.

Os registros de um trabalho realizado numa prisão de segurança média-mínima que consistia em um projeto de literatura aplicada e escrita criativa chamado *Proyecto de Literatura y Cultura “Érase otra vez...”*, proposto por mim, desnudavam percepções acerca de um projeto pensado e estruturado a partir de questões relacionadas à reabilitação de indivíduos em situação de cárcere. O cuidado em manter protegida em sua integridade a essência deste ser enredado nas teias do isolamento social, através de atividades de leitura, escritura e reflexão, com a finalidade de ajudá-los a transcender os nefastos efeitos que o cárcere submete a todos, era um dos objetivos de dito projeto.

No entanto, depois de concluído, senti muita falta do convívio com meus alunos. Voltei aos registros das atividades, voltei a pensar sobre a minha prática através da releitura deles. Refleti sobre o que foi pensado, sobre o que foi vivido, sobre o que foi sentido. Tornando-se, neste mestrado, objeto de pesquisa com o intuito de problematizar as percepções registradas neles.

Escrevia o que me afetava e o que pensava ter-lhes afetado também. Suas expressões de surpresa, de encanto, de alegria, de silêncio, de dor, de gratidão, de tristeza; as dúvidas quanto a autores, ao texto estudado, à maneira como o texto foi pensado, escrito e abordado, as atividades; suas expectativas diante da espera de quinze dias para então reencontrar-nos; o silêncio quando se aproximava o final de tarde ou da jornada. Enfim, sempre havia motivos para escrever...

Das frequentes visitas a este material, brotaram algumas inquietações com respeito ao que fui percebendo e sentindo ao longo das práticas. Com uma mirada sensível, lendo cuidadosamente cada registro, percebi que algo havia tensionado ao longo dos encontros; que havia se desencadeado, talvez, um processo de formação, de conhecimento e de aprendizagem, que Josso (2009, p. 121) preconiza como um processo de conscientização de si e das potencialidades da própria existencialidade, possibilitando que eu refletisse e me conscientizasse sobre dinâmicas que iam transformando cada um de nós, e registrando a cada jornada desenvolvida.

Vinte e cinco (25) registros compõem a coletânea, formando o que chamamos comumente de diário de campo. Através da escrita de aproximadamente cento e cinquenta (150) páginas, etapas importantes do

cotidiano desta “hermosa” e importante, mas sobretudo, especial experiência, foram sendo assentadas, a maioria, à lápis.

Naquele interstício não houve intenção investigativa, apenas uma mirada sensível que sentia e observava a mudança silenciosamente, no entanto, revivendo a cada leitura após o encerramento, por saudade, por inquietação ou por inconformidade em não trabalhar este material, esta experiência trouxe-me ao mestrado com o intuito de aprofundar aquele vivido em forma de pesquisa.

Encontrar na área da Educação o aporte teórico e o suporte necessários para desenvolver meus estudos acerca dessas percepções e inquietações que vinham me movendo desde a execução e o encerramento do “*Érase otra vez...*”, abriram e nutriram conexões importantes que me serviram de farol neste navegar inexorável de investigadora.

Nos estudos de pesquisa em educação e formação existencial, me amparei, principalmente, na teoria de Josso (2016), que foi meu principal aporte teórico para pensar sobre o sentido dado a esta experiência, chamando a atenção desde a sua teoria. Seus contributos me possibilitaram identificar e localizar quais as dimensões de nosso Ser-no-mundo que emergiram do diário onde estão os registros das práticas, com o intuito de revelar quais os sentidos presentes na minha escrita.

A autora defende que “existir é ser na vida, ser em ligação, em relação com...” (2007, p. 424), somos formados por dimensões sociais, culturais, históricas, espirituais, psicológicas, tendo, sobretudo, articulação com o sensível, e que a atenção a este é fundamental. Josso me ajudou a pensar no que eu fiz com os internos, nossas vivências refletidas e conscientizadas, qual sentido atribuí a esta experiência.

No diário concebido em instâncias de socialização e partilha de saberes, se produziu o encontro de três grandes dimensões formadoras do ser humano: imaginário, escrita e reflexão.

Imaginário no que concerne ao que foi captado e narrado. O imaginário valendo-se de um de seus dispositivos de fabulação/mitificação a escrita narrativa para registrar o que foi vivido, sentido, experienciado. A escrita narrando, dando vazão à fluência, ao extraordinário do cotidiano e à

complexidade do vivido e do sentido. Silva⁹ (2012, p. 72) afirma que o imaginário transborda o racional possibilitando, assim, semear possibilidades criativas e concentrados existenciais (Op. cit. p. 73) para a compreensão do universo humano.

Sobre a dimensão da escrita, segundo Silva (Op. cit. p 75) as metodologias clássicas pretendem, quase sempre, explicar (objetivar) os fenômenos estudados, mas a bacia semântica que, neste caso, os registros representam, fez com que o pesquisador (eu) me autoestranhasse ao ler o que eu mesma escrevi, me desentranhasse, me despisse e me abrisse para uma nova compreensão e interpretação, não para precisar ou objetivar, mas para que eu trilhasse o meu próprio trajeto antropológico através da nova reflexão originada. O autor afirma que o homem é interpelado, provocado e produzido pelas ideias que produz (p. 46).

Pelas sendas da escrita, teci uma interlocução entre escrita e formação. A escrita ordinária caracterizada como “uma forma de existir no cotidiano” (THIES¹⁰, 2009, p. 389) conflui com Josso quando afirma que os relatos “são reconstruções baseadas em acontecimentos reais, os relatos (neste caso os registros) apelam à imaginação de cada um tentando dar sentido à experiência por meio de uma cosmogonia singular plural” (Op. cit. p. 119). Esta conexão me levou a um caminho de reflexão a ser valorado, o da escrita e a sua razão de ser, e me impeliu a desvendar o sentido misterioso das palavras cotidianamente registradas no diário, permitindo assim, desnudar elementos capazes de promover novos sentidos.

O diário foi meu manancial de sentidos. Os registros reunidos permitiram evidenciar a pluralidade, a fragilidade e o movimento dessas identidades. A escrita, como um ato de existir, convoca nossas dimensões existenciais para salvaguardar a formação experiencial e a invenção e (re) invenção de si, como fonte de um sentimento de existência.

⁹ Dr. Juremir Machado da Silva é jornalista, historiador, doutor em Sociologia pela Universidade de Paris V: René Descartes. Autor de vários livros, entre eles, Tecnologias do Imaginário (2012) e Diferença e descobrimento – O que é imaginário? (A hipótese de excedente de significação), que me serviram de apoio neste trabalho.

¹⁰ Dr^a. Vania Grim Thies é professora da Universidade Federal de Pelotas, vice líder do grupo de Pesquisa HISALES (História da Alfabetização, Leitura, Escrita e dos Livros Escolares - FaE/UFPel) e pesquisadora no Grupo de Estudos e Pesquisas em Alimentação e Cultura - GEPAC, desta mesma universidade.

Pelas vias do imaginário, Juremir Machado da Silva, me ajudou a desvendar e compreender, à luz dessa teoria, os reservatórios¹¹ do imaginário presentes na minha escrita. O que a experiência suscitou através da releitura dos registros e quais sentidos estavam presentes em sua escrita, ajudando-me a lapidar essas preciosidades. Sua teoria me possibilitou refletir sobre o que me afetou e continua produzindo efeito, desde a motivação/motor desta proposta de investigação à busca pelos sentidos que movem o ser humano em seu trajeto formativo/existencial.

Silva (2012, p. 57) sintetiza parte de minhas reflexões quando afirma que o imaginário surge da relação entre memória, aprendizado, história pessoal e inserção no mundo dos outros. Nesse sentido, o imaginário é sempre uma história de vida. No tecer e no tramar dos fios relacionados à formação, escrita e imaginário, compus esta teia no intento de refletir sobre essas relações, pois o imaginário é uma teia (Op. cit. p. 08) e sendo uma teia, foi tecido e construído como um caminho onde, nele (no imaginário) cada ser é autor, coautor e protagonista, e como afirma Josso (2010, p. 13) o escultor de sua própria existência.

Diante do exposto, este trabalho pretende oferecer um referencial importante para pensar o processo formativo como fecundo e pertinente quando observado, registrado e refletido, para uma Educação de Si, de forma sensível e potente.

No presente caso, optei por estruturar a divisão de capítulos utilizando o termo “paisagem” com a intenção de relacionar esta reflexão à peregrinação do personagem Dante, da “Divina Comédia”, de Dante Alighieri (2014), visto que considero esta meta-reflexão também uma peregrinação tal qual a do protagonista, porém, conduzindo-me para dentro de mim, e dispõe-se da seguinte forma:

Nesta introdução, constam as intenções, as questões que promovem esta pesquisa e a disposição do trabalho.

¹¹ Conceito de reservatório segundo o autor: arcabouço de imagens, sentimentos, lembranças, experiências, visões do real que realizam o imaginado, leituras da vida e, através de um mecanismo individual/grupal, sedimenta um modo de ver, de ser, de agir, e de aspirar ao estar no mundo.

Na paisagem primeira abordei o tema “E OS VENTOS ME TRAZEM DE ALGUM LUGAR” capítulo no qual (re) visito parte de minha história, minha trajetória até o mestrado e os motivos desta investigação.

Na paisagem segunda intitulada “*É RASE OTRA VEZ...*”: DO EMPÍRICO À REFLEXÃO”, eu apresento como foi realizada a prática na prisão.

E na paisagem terceira que denominei “TECENDO...” é destinado aos referenciais teóricos que venho estudando (a pesquisa formação em educação como via de formação, conhecimento e aprendizagem); a escrita como via de ressignificação e recuperação de histórias, de trajetórias, de vida, de si mesmo e dos outros, e os estudos do Imaginário na perspectiva de desvendar e revelar os processos que se darão a partir da leitura dos diários, e aos processos de análise.

Finalmente a paisagem quarta trata da “EPIFANIA DO VIVIDO: A COMPREENSÃO PARA UMA EXPERIÊNCIA FORMADORA” no intento de responder minha questão de pesquisa através das análises feitas e com as dimensões que emergiram, vislumbro um saber sensível capaz de repercutir nas pessoas, ambientes, relações, e assim, no mundo, mantendo viva a centelha que envolve a semente de luz que habita cada um de nós.

E como é comum academicamente, concluo apresentando as referências bibliográficas e apêndices.

PAISAGEM PRIMEIRA

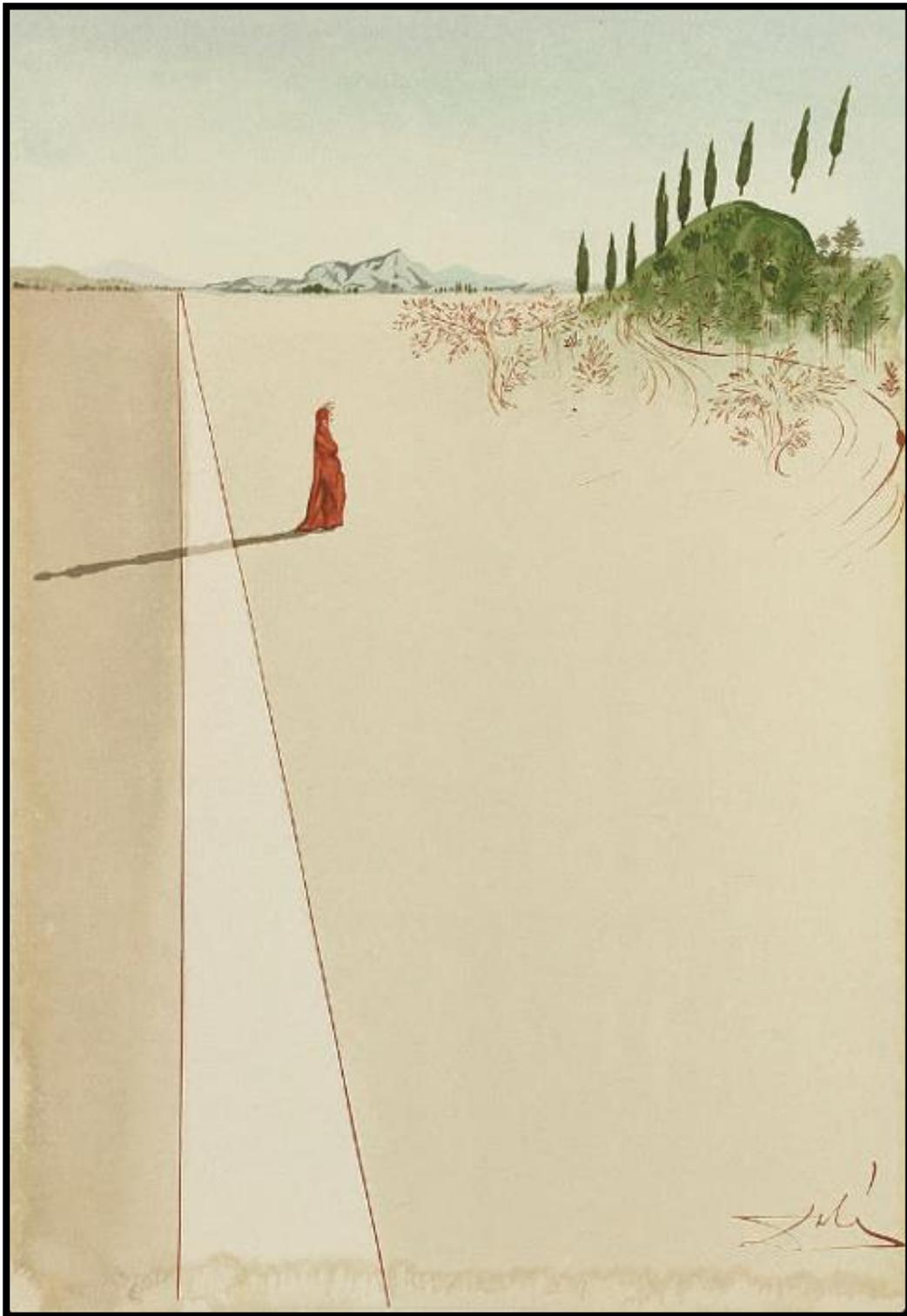


Figura 1: “O monte encantador” – Ilustração de Salvador Dalí

Fonte: <http://willimanya.blogspot.com.br/2014/10/la-obra-de-salvador-dali-1963-100.html>

Nesta primeira paisagem recorro a esta gravura¹² de Salvador Dalí que me inspira a ser esta solitária narradora de mim que me tornei nesta meta-reflexão. Assim como Dante acompanhado pelo poeta Virgílio peregrina para sua Beatriz, eu, acompanhada de mim, dos autores e dos poetas, peregrino mansamente pelos vales que a escrita bafeja em meu Ser e prenuncio um sutil encontro meu com minha memória no teor deste capítulo.

¹² Esta é a primeira de uma série de 100 gravuras que Salvador Dalí (pintor catalão, conhecido por seu trabalho de estilo surrealista), produziu para ilustrar a “Divina Comédia” de Dante Alighieri (1265-1321). Dalí teria se inscrito num concurso promovido pelo governo italiano em meados da década de cinquenta. Os organizadores do concurso teriam decidido então, que nenhum estrangeiro poderia participar, assim, Dalí acabou por guardar suas gravuras. (Fonte: A Divina Comédia de Salvador Dalí. Brasília: Câmara dos Deputados, Coordenação de Publicações, 2002. 220 p.: il. Color.)

1. E OS VENTOS ME TRAZEM DE ALGUM LUGAR...

Venho de onde o pó e o vento se engalfinham num farfalhar incessante das folhas de velhos eucaliptos. Venho do campo, da terra, de onde, em todas as madrugadas que vivi ali, escutava a cantoria do velho trem, com seu sapateado cadenciado nas falhas dos trilhos e dormentes¹³ cheirando a diesel, avisando sua chegada à velha estação Engenheiro Chaves¹⁴, na vila do Passo das Pedras de Baixo¹⁵.

Meu pai é agricultor, e minha mãe, costureira. Além de lidar com a terra e com os animais, meu pai cuidava do armazém à noite, para que minha mãe cuidasse de nosso jantar. O armazém de campanha vendia de tudo, desde leite, queijo, ferraduras para cavalos, alimentos, farelo, bebidas, louças, hortaliças, roupas, até querosene. Havia um pequeno açougue onde meu pai vendia carne de porco (que criava) e vaca (que comprava para revender). A vida era dura. Minha mãe magistralmente se revezava entre costurar, atender o armazém (de dia), cuidar da casa, do grande pátio e de nós (meu pai, minha avó paterna, eu e meus dois irmãos) e de uma pequena horta que nos mantinha saudáveis.

Sabia fazer as tarefas domésticas, mas sempre gostei de ir com meu pai para a chácara onde plantava, pois lidar com a terra sempre me encantou. Não gostava de ficar cuidando da casa, e sim, de limpar o roçado, preparar a terra com o trator, abrir os sulcos milimetricamente planejados e, por fim, amorosamente deitar as sementes no seio fecundo da Terra Mãe. Banhávamos o gado, quebrávamos milho, arrancávamos feijão e batata, colhíamos laranjas e bergamotas, recolhíamos lenha, e tudo era trazido no velho Agrale 4100 - que logo aprendi a dirigir -, para a pequena propriedade onde se localizava o

¹³ Dormentes ou travessas são as peças colocadas transversalmente à via férrea e sobre as quais os trilhos são assentados e são fixados. Podem ser de madeira, metal ou concreto.

¹⁴ A Estação Eng^o Chaves até a década de 80 era ponto de chegada e partida de trens de passageiros. Localizada entre os municípios de Capão do Leão e Pedro Osório, movimentava a pacata vila de Passo das Pedras, trazendo visitantes e trabalhadores para as safras de arroz e soja, para um grande matadouro dos arredores e para a Viação Férrea. Hoje, da velha estação, palco dos risos, afagos e lágrimas, restam apenas duas paredes de pé bravamente equilibrando-se frente às intempéries do tempo e do olvido.

¹⁵ Enquanto Capão do Leão era considerado 4^o Distrito de Pelotas, Passo das Pedras era apenas considerada "vila". Com a emancipação de Capão do Leão, a pacata vila foi elevada a distrito, modificando sua nomenclatura para Passo das Pedras de Baixo, 3^o Distrito do Capão do Leão.

armazém (na vila de Passo das Pedras), para que parte fosse utilizado para o consumo dos animais, e outra parte para a venda. Trabalhávamos todo o dia e voltávamos à tardinha, com o sol se pondo no horizonte, com o velho tratorzinho transbordando de espigas de milho secas (é uma das memórias mais presentes que tenho). Assim os dias se passavam, com muita labuta de todos da família, cada um com a sua seara.

De noite, debruçada no balcão do armazém, enquanto meu pai servia bebidas aos fregueses e palpitava no jogo de *snooker*, escutava as notícias do dia com os respectivos comentários e opiniões de quem as contavam. O velho armazém era ponto de encontro dos trabalhadores da vila e, todas as noites, se tornava arena de acirrados debates de várias ordens: futebol, política e segurança eram temas rotineiros para os que gostavam de polemizar. Quando chegava a hora do “noticiário criminal”, os ânimos se atiçavam a tal ponto que as vozes se elevavam, dedos nervosos pairavam como serpentes em ataque, sentenciando, à revelia, os destinos de desconhecidos: “Bandido bom é bandido morto!”, “Tem que matá! Tem que matá pra aprendê!”. Se um discordava, sempre havia outro pra mandar “levar (o bandido) pra casa”. Este tipo de discussão me inquietava. Eu ficava estarecida olhando aquelas pessoas, em coro, esbravejando. Ficava me perguntando se aqueles valentões que ali gritavam tinham coragem de matar sequer uma pulga. Será?!

Os finais de semana passavam apáticos, sonolentos e arrastavam-se languidamente ao som de um “Motorádio”, testemunha fiel da minha rotina e da minha história. Meus pais, vindos de uma educação muito severa, também não me permitiam ir a festas, sair nem sozinha, nem com amigos ou amigas. Então, o trabalho, a música e o artesanato, eram minha companhia.

Ali, naquela pacata e pitoresca vila de trabalhadores graciosamente surgida em meio a eucaliptos, em 1989, aos 19 anos, comecei a trabalhar como secretária da única escola da região, depois como professora, me ausentando dos trabalhos na lavoura, mas não dos do armazém. Trabalhava na escola Álvaro Berchon¹⁶ das 8h às 17h, com alfabetização e classes

¹⁶ A escola Álvaro Berchon está localizada a uns 500m da minha casa, ou, da casa onde, até hoje, vivem meus pais. É uma construção datada mais ou menos de 1930 e, na época, abrigava turmas de 1ª a 5ª séries somente. Há alguns anos, foi elevada à condição de escola municipal e abriga turmas de alfabetização à ensino médio.

multisseriadas, e mais tarde, no balcão da “venda do seu Menegildo”¹⁷, como todos a referenciavam, onde a rotina seguia contumaz e irrefreável.

Na escola, minha seara era empregar a Educação em aras dos demais, isto é, prepará-los como se prepara a terra para o plantio, para que num futuro não muito distante, discursos de ódio e de morte, como os que eu escutava no armazém, fossem extintos. Segui plantando, substituindo a roçadeira, pela leitura. A análise e a criticidade arava os discursos e as ideias. A reflexão cuidadosamente ia abrindo sulcos na existência de cada um. O cuidado e o zelo em afastar as “ervas ruins” dava “à terra” um toque de leiva, de terra lavrada, preparada, arada, cuidada. E a escritura (ah, a escritura!) recolhia e colocava à mostra os mais belos frutos, continuando, assim, o eterno ciclo de quem vive a semear. Eu acreditava (e acredito) no principal instrumento para alcançar a liberdade de pensar, de se expressar, de querer, de decidir, de ir e de vir: a Educação.

Cinco anos depois, ironicamente, me casei com um futuro policial que esbravejava o mesmo discurso o qual eu abominava. Pedi demissão da escola onde trabalhava e passei a cuidar da casa e dos filhos e dar aulas particulares em casa e a domicílio.

Quando voltei pra sala de aula, em 2008, como aluna do curso de Licenciatura em Letras Português e Espanhol e respectivas literaturas, da UFPEL percebi que a universidade proporcionava um amplo espaço para discussões e permitia pontos de vistas diferentes divergirem livremente em opiniões e convergirem harmoniosamente em soluções para a comunidade, tanto acadêmica quanto não-acadêmica.

Escolhi Letras porque sempre gostei muito de ler e de escrever. Gostava dos fenômenos que abarcavam a Ortografia, a Morfologia e a Semântica da Língua Portuguesa; gostava de Literatura; queria saber escrever bem e aprender a ensinar este idioma tão desafiador. Mas Espanhol sempre foi minha vocação. Amo este idioma alegre, ardente, apaixonado. Os tons coloridos do seu vocabulário e sua voluptuosa sonoridade, principalmente, tonalizam meu viver. Espanhol pra mim é música, é poesia, é amor. Cala forte em mim tanto

¹⁷ “Menegildo” é o apelido que carinhosamente todos chamavam e chamam meu pai, Hermenegildo da Cunha, hoje com 81 anos. Vive com minha mãe, Nelma Rickles da Cunha, 77, há 65 anos neste lugar encantador, cercado de avenidas de eucaliptos, chamado Passo das Pedras de Baixo, 3º Distrito de Capão do Leão.

os aspectos linguísticos quanto a sua literatura. Tenho um gosto, um prazer ímpar ao deleitar-me em literaturas de origem hispano-americana.

No final do ano de 2012, na disciplina Estágio de Regência, do último semestre da área da língua espanhola, construí um curso de Espanhol com fins específicos para a área de trânsito, abarcando agentes da Polícia Rodoviária Federal e agentes da Secretaria de Trânsito de Pelotas. Este projeto me levou à fronteira sudoeste, Jaguarão/BR - Rio Branco/UY, a coordenar uma jornada de trabalho possibilitando a interação dos policiais de Pelotas com os policiais de Rio Branco, de Melo (cidade situada a 90km de Rio Branco) e da capital, Montevideú¹⁸, como uma das atividades previstas do curso supracitado.

Este evento foi de grande importância em vários aspectos, principalmente acadêmico, linguístico e social, pois proporcionou a mim e aos meus alunos, um importante aporte, tanto para minha formação como professora de Espanhol como língua estrangeira, pois era o primeiro contato em situação comunicativa da língua meta, quanto para a aprendizagem de meus alunos de espanhol em imersão total na língua, gerando assim, uma motivação importante no seguimento dos estudos de todos nós. Em tempos e “relações líquidas”¹⁹, preciosos laços se construíram e contatos regaram amizades.

Em maio de 2013, em visita a um amigo que participou da interação na fronteira e que residia em Melo, no Uruguai, soube que havia sido transferido para um novo local de trabalho: a prisão estadual de Cerro Largo, localizada na zona rural desta cidade, onde fomos de passeio para que eu pudesse conhecê-la.

Fiquei meio desconcertada com o convite para visitar a prisão, afinal, sempre escutei que “bandido bom é bandido morto!”, “que bandido tem é que levar bala!”, “que gente assim tem que matá!”. E, de repente, eu estava indo ao encontro deles...

¹⁸ A *Polícia Caminera* (responsável pelo policiamento das rodovias nacionais uruguaias), se deslocou desde Montevideú para Rio Branco, fronteira oeste, limite com Jaguarão, com a finalidade de interagir linguística e socialmente.

¹⁹ Termo bastante usado pelo filósofo e sociólogo polonês Zigmund Bauman (2004) que defende a tese da sociedade líquida. Líquida no sentido de que as relações, com o passar do tempo, estão ficando cada vez mais superficiais e o contato entre os indivíduos é cada vez menor.

A prisão estava localizada nos arredores da cidade de Melo, cerca de 10km do centro. É chamada de “chácara” por estar instalada na zona rural, ser de segurança média-mínima e ter espaço para que os reclusos (homens e mulheres) pudessem dedicar-se às atividades de plantio de vários tipos de hortaliças em três grandes hortas, à criação de porcos e algumas cabras, e à manutenção elétrica e hidráulica da prisão. Além disso, na época, havia uma senhora monja que dava aulas de yoga ali também.

Este foi meu primeiro contato com uma penitenciária.

Convencida, assim como Dom Quixote²⁰, que “o cativo é o maior mal que pode vir aos homens” (CERVANTES, 2007, p. 665), durante o percurso dos 250km de volta pra casa, decidi que iria fazer algo para ajudar os que aí estavam encarcerados: algo que servisse de apoio para que eles não se deixassem afetar tanto pelo contexto. Assim, entre curvas e paisagens, estruturei um projeto de intervenção literária e escrita criativa e apresentei aos diretores desta unidade prisional, sendo aprovado e colocado em prática naquele mesmo ano.

²⁰ Personagem fictício da novela de cavalaria “O Engenhoso Fidalgo Dom Quixote de *La Mancha*, onde vive as aventuras e desventuras do Cavaleiro da Triste Figura (Dom Quixote) que ganhou o mundo tornando-se conhecido como a expressão de certo idealismo presente no espírito humano.

PAISAGEM SEGUNDA



Figura 2: “Voou com o vento”
Fonte: <http://www.arteeartistas.com.br/vladimir-kush/>

A paisagem segunda inspirada nesta belíssima ilustração²¹ surrealista metafórica, representa, simbolicamente, como o ato de escrever de mãos dadas com a imaginação e o imaginário inclinam à transformação, à reflexão, à transcendência ao trivial, ao caos, ao tempo, ao Outro e a si mesmo. O Si mesmo no processo central de conhecimento e formação. Essa imagem me inspira a pensar que cada um tem em si as metáforas das imagens mais impossíveis que exploram as camadas do sentimento, da emoção, do pensamento, do imaginário, do poético, e sobre tudo, do Ser.

²¹ Obra de Vladimir Kush- "*Flown with the Wind/Voou com o vento*", faz parte do movimento surrealismo metafórico.

2. “ÉRASE OTRA VEZ...”: DO EMPÍRICO À REFLEXÃO

O “*Proyecto de Literatura y Cultura “Érase otra vez...”*” foi levado aos internos da *Unidad de Internación de Personas Privadas de Libertad Nº 15*, em Conventos, na zona rural da cidade de Melo, departamento de Cerro Largo, Uruguai, com a finalidade de desenvolver habilidades de leitura e escrita criativa, através de oficinas e atividades produtivas que lhes servissem como apoio dentro do centro e para que os ajudassem a encarar os desafios da vida em liberdade.

Foi pensado também com o intuito de reduzir os níveis de ansiedade, depressão e estresse gerados nesses meios, e por fim, para movimentar suas emoções e percepções gerando um fluxo de transformação de dentro para fora, já que o contexto gera este movimento ao contrário, fazendo com que eles, cada vez mais, silenciem dentro de si suas culpas, seus tormentos e rancores.

Em suma, o “*Érase otra vez...”*” levava empunhado a bandeira da esperança. Esperança de extinguir os discursos de ódio (talvez a longo prazo) que permeiam rotineiramente nossas vidas, inçando de violência e tragédia nossos lares, ceifando nossos jovens, nossos filhos, nossos colegas de trabalho, arrasando nossas escolas, nossas crianças, nosso futuro. Esperança de extinguir os nefastos discursos que semeiam vertiginosamente a ira e a intolerância que assola nosso meio, e principalmente, esperança de resgatar valores imprescindíveis à formação humana.

Muitas vezes sentada no acostamento da BR116, de madrugada (tanto na ida quanto na volta), registrava a ansiedade e os temores dos momentos que antecediam a chegada, e satisfações, anseios, frustrações e curiosidades após cada jornada de trabalho. Eram 250km desde o portão da minha casa, em Pelotas, ao portão da unidade prisional de nº 15, em Melo, no Uruguai. Para cada encontro eu percorria 500km ida e volta. Eram 1 000km por mês, pois eu ia a cada quinze dias. Ao total, foram mais de 11 000km percorridos, em torno de 154,5 h/a em sala de aula, dezesseis encontros, uma apresentação de

Murga²² (figura 3), uma “*Muestra de Poemas Seleccionados*”²³ e duas visitas para confraternização.



Figura 3: Apresentação de Murga na prisão.
Fonte: Arquivo pessoal ISLABÃO/2014

Muitas vezes sentada na calçada do pátio da prisão ou no gramado da cancha de futebol enrolada em um pequeno cobertor, escrevia sobre o que havia ocorrido durante a jornada de atividades e registrava o que mais me havia chamado a atenção: os comentários, os olhares desconfiados, a alegria do abraço, a curiosidade com os temas, a confiança construindo-se aos poucos.

Outras vezes, na pequena sala de aula sozinha, devaneava sobre o que havia planejado, sobre o que foi desenvolvido; sobre o que foi e sobre o que poderia ter sido. Quando ia dormir, me iluminando com a luz do celular na negrura da noite dentro da prisão, registrava os ruídos, o silêncio, meu olhar

²² A palavra murga é originária da Espanha. O ritmo musical teria surgido em 1906, quando chegou ao Uruguai uma companhia, cujos componentes formaram um agrupamento e desfilaram pelas ruas de Montevideu para cantar, dançar e arrecadar dinheiro para as apresentações da companhia. A murga é executada basicamente com instrumentos de percussão: bumbo, tarol e pratos (às vezes se apresentam com gaitas e cornetas).

²³ Foram selecionados quatorze (14) poemas, um de cada aluno, para serem expostos em um mural construído no principal corredor da prisão, onde todos os reclusos tivessem acesso. Cada aluno escolheu a sua melhor obra para expor.

sensível e minhas impressões e percepções sobre o que havia acontecido ao longo das horas que passávamos juntos e minhas perspectivas em relação ao próximo encontro.

Como era um projeto de cunho voluntário e eu viajava desde longe, não tinha hora certa para começar nem para terminar, mas a consciência da ética, do respeito às normas que o sistema carcerário impõe, e do cuidado com o Outro, ditavam os horários e limites.

Normalmente a aula começava cedinho. Eles levantavam às 8h para “*e/ cuente*” (a contagem) e já era servido o café a todos enquanto eu descansava um pouquinho tomando café com pãozinho quente na cozinha, com outros reclusos. Por volta de 8h e 30min os alunos iam sendo conduzidos ao corredor que desembocava na pequena sala de aula (figuras 4 e 5), onde eu os esperava com um abraço afetuoso e quentinho.



Figura 4: Sala de aula na prisão.
Fonte: Arquivo pessoal ISLABÃO/2013.



Figura 5: Sala de aula na prisão.
Fonte: Arquivo pessoal ISLABÃO/2013.

Cada encontro tinha seu título/tema: “Apresentação”, “Ficção e realidade”, “Real ou Imaginário”, “O jogo dos papéis”, “Começando a criar”, “Outros olhares”, “Era outra vez...”, “Baralhando e tramando”, “Passo a passo”, “Gerando histórias”, “Construindo sonhos”, “Simplesmente... poesia”, “Um pouquinho de tudo”, “Rumo a novos caminhos”, “Revisando histórias (I e II)”.

Além de seu título/tema tinha também, em seu plano pedagógico, um objetivo geral que deveria ser respeitado e alcançado através dos objetivos específicos de cada jornada trabalhada. Por exemplo, na segunda aula cujo tema era *Ficción y realidad*/Ficção e realidade, o objetivo geral daquele planejamento de três atividades era “Incentivar a prática da leitura, o desejo e o prazer de ler e compreender textos; desenvolver o movimento de postura tanto de leitor quanto de ouvinte; promover uma reflexão acerca do que nos rodeia: até que ponto o que o rodeia é verdade e o seduz/não é verdade e não o seduz/não é verdade e o seduz/é verdade e não o seduz”. A pergunta-chave

deste encontro era: Se e de que maneira o contexto e o universo o afeta e o que ele (o aluno) fazia com o que o afetava e como reagia a isso.

Emily Dickinson²⁴ (CAMPOS, 2015, p. 32) em um dos seus poemas publicados que nos deixou como herança, nos diz que a compreensão do néctar requer severa sede. Observei que encharcados de esperança os internos vieram beber da fonte da literatura e do que promove a escritura. Buscaram saciar-se amparados no seio do imaginário existente em cada um, alimentando o seu e o imaginário do outro através da escritura, e constelando um imaginário comum a todos que ali estavam participando das atividades, auxiliando, respeitando e compreendendo com generosidade uns aos outros, e, sobretudo, a si mesmos, transformando a realidade social de cada um deles.

Neste lugar sagrado para mim, a “sala de aula” (ainda que fosse um ambiente não-escolar), uma nova consciência vai se configurando a partir da autorreflexão, caracterizando uma “existencialidade singular/plural em movimento” (JOSSO, 2007, p. 422). Na sala de aula estávamos todos interligados pela escrita e a criatividade como o fio condutor deste processo educativo/formativo. A escritura proporcionou vazão dos temores e sombras, possivelmente, através da evocação da “louca da casa” como MONTERO (2004)²⁵ se refere à imaginação.

Esta nova consciência que vai se configurando aos poucos relatada ao longo dos registros e a relação estreita com o ato de escrever e o imaginário, permitiram a autotransformação tendo como principal ponto a posição central de si no processo de conhecimento e formação, justificando, assim, tanto esta pesquisa quanto a imagem que precede este capítulo.

2.1. DOS OBJETIVOS AO TRABALHO DE INVESTIGAÇÃO

Tendo como objetivo geral desta investigação – a partir da problematização do vivido - revelar os reservatórios do imaginário presentes nos registros, e, a partir das dimensões de nosso Ser-no-mundo (JOSSO,

²⁴ Emily Dickinson foi uma poeta estadunidense que nasceu em 1830 e faleceu em 1886. Teve apenas cinco de suas composições poéticas publicadas, com caráter anônimo, durante a vida da autora. Em seus poemas revela uma força excepcional de expressão, sensibilidade e sutileza.

²⁵ Rosa Montero é jornalista e escritora espanhola. Seus livros estão traduzidos em mais de vinte línguas e é Doutora Honoris Causa pela *Universidad de Puerto Rico*.

2016) que emergiam do diário onde estão registradas as práticas da experiência com os detentos, foram determinados objetivos específicos.

Revolvendo a leiva deixada pela leitura, busquei, primeiro, identificar os sentidos que estavam presentes na escrita do diário a partir da experiência com os detentos, observando os níveis de leitura exigidos, no intento de observar a primeira questão importante desta investigação: **Que sentidos revelam os registros do “Érase otra vez...”?**

Em segundo lugar, busquei localizar as dimensões de nosso Ser-no-mundo que emergiam dos registros e, por fim, analisei os registros com a intenção de revelar os reservatórios do imaginário presentes na minha escrita. Através da reflexão, responder a segunda questão que impulsiona esta pesquisa: **Como a coletânea dessas escritas pode auxiliar na área da Educação?**

Encontrar na área da Educação o aporte teórico e o suporte necessários para desenvolver meus estudos acerca das inquietações que vêm me movendo desde a execução e o encerramento do “Érase otra vez...” e da releitura dos registros, abriram importantes e potentes conexões que estão me servindo de farol neste navegar inexorável de quem está em contínuo processo de formação.

Marie Christine Josso (2004, 2007, 2009, 2010, 2011, 2014, 2016) foi a pedra angular que sustentou esta pesquisa do início ao final, alinhando toda a investigação. A autora defende que cada ser humano tem a capacidade de viver como sujeito de sua formação, em outras palavras, de fazer tomadas de consciência a partir da reivindicação de ser sujeito para sua realização, por mais difícil e frágil que possa ser. Afirmo que este processo de conhecimento e de formação somente será possível, efetivamente, se forem articulados com o sensível.

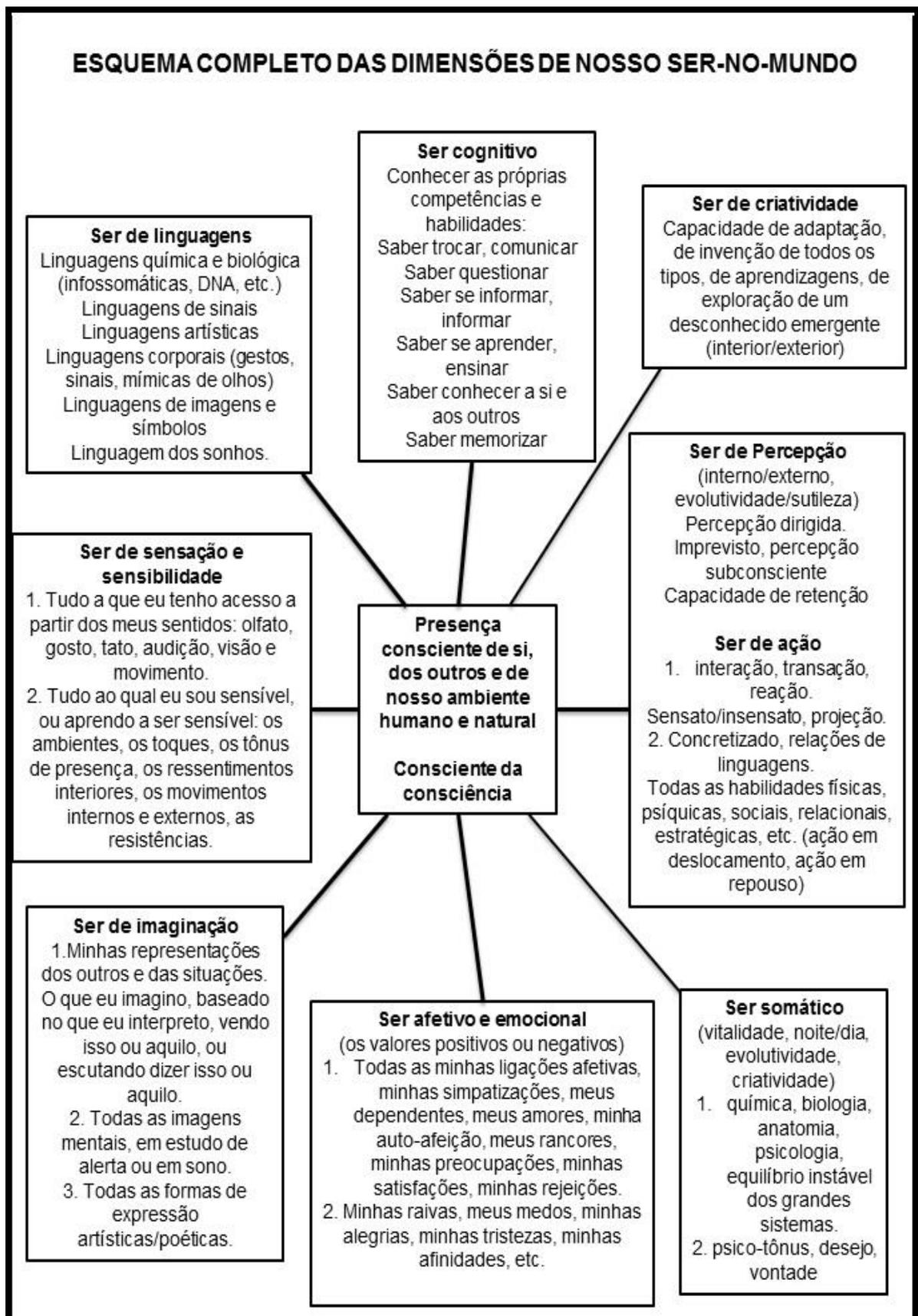
Penso que a Educação (no amplo sentido) em qualquer ambiente e em qualquer circunstância e qualquer processo formativo, deve ser abastecida pelo amor e pelo respeito, comprometida com o amor, com o respeito, com o sensível, senão, chegaremos ao dia que dramaticamente nos daremos conta que somos apenas máquinas humanas, não somente por andarmos sempre “correndo”, mas, efetivamente, por ter-nos deixado endurecer pelos padrões

impostos pelo sistema, pela sociedade e pela academia. Tornar-nos máquinas ávidas por carga horária, certificação, diplomas, formação curricular, carreiras promissoras, estacionar-nos nos empoeirados verbos do “ter” e do “parecer” e não do “SER” é cruel e árido. Foi essa postura sensível que foi tomada por mim na execução do projeto e, novamente em meu mergulho nos registros elaborados, hoje provocadores de faces que, sem a reflexão proposta pela própria teoria jossoniana, não estariam desveladas.

Se não houver uma harmoniosa relação entre conhecimento, formação e sensível, nossa existencialidade estará ameaçada.

Compactuo com a ideia de que a articulação do processo de conhecimento e de formação com o sensível seja fundamental na trajetória existencial de cada um de nós, construindo uma cosmogonia singular e ao mesmo tempo plural, mas, sobretudo, singular no que se refere à formação existencial de si mesmo, pois inexoravelmente nossas atitudes afetarão os que estão sob nossa responsabilidade formadora.

Abaixo, o esquema completo das dimensões formadoras de nossa identidade epistemológica, segundo Josso (2016), onde ancorarei a análise dos vinte e cinco (25) registros da referida experiência:



26

²⁶ Figura 6: Esquema dimensões de nosso Ser-no-mundo retirado de JOSSO (2016, p. 79).

Assim sendo, no centro deste esquema temos duas dimensões que a autora define de “*sine qua non* de nosso Ser-no-mundo” (op.cit p. 425): o **Ser de Carne**, que é o habitáculo, suporte e base para as outras dimensões; através dele estamos em sintonia com as dimensões químicas, psíquicas e energéticas de nosso universo, e o **Ser de Atenção Consciente** que a autora define como segunda dimensão indispensável a nosso Ser no mundo enquanto ser em transformação.

O Ser de Atenção Consciente faz um só corpo com o Ser de carne, caracterizando, assim, no centro deste esquema, o que a autora chama de presença consciente de si, dos outros e de nosso ambiente humano e natural, e a presença consciente da consciência.

As outras dimensões completariam esta cosmogonia de nossa existencialidade psicossomática, onde as desatenções poderiam ser fatais para a própria existência. As desatenções às quais me refiro seriam mais precisamente, desconsiderar ou negligenciar os fatores imprescindíveis e indissociáveis que agem em nosso processo de formação.

Localizar e reconhecer essas dimensões que compõem nosso Ser (no diário onde estão os registros) fez com que eu vislumbrasse um movimento de reflexão e atribuição de sentido às experiências registradas, desvelando as pré-interpretações contidas nas descrições dos fatos ali descritos. Este movimento de reflexão deu acesso de forma um tanto “concreta” ao que significa a existencialidade do Ser singular em uma humanidade partilhada. Não somente o Ser de carne e o Ser de atenção consciente, mas todas as outras dimensões estão necessariamente imbricadas.

Josso (2016) apresenta as funções dessas dimensões: o **Ser de Cognição** analisa e busca compreender e interpretar os processos de formação e de autoconhecimento. Esta dimensão permite que o sujeito conheça as próprias competências e habilidades e também suas próprias limitações e inabilidades.

O **Ser de Sensação e Sensibilidade** está em ligação direta com as sensações corporais, está relacionado aos cinco sentidos e tudo que se tem acesso a partir deles. Tudo ao qual eu sou sensível ou aprendo a sê-lo: os ambientes, os toques, os tônus de presença, etc.

O **Ser Afetivo e Emocional** está referenciado a partir dos valores positivos ou negativos: as ligações afetivas, os amores, os rancores, as preocupações, os medos, as raivas, as afinidades, etc. Esta dimensão faz-nos entrar no universo dos laços construídos, mantidos ou rompidos, em torno dos valores que nós interiorizamos não conscientemente, ou que escolhemos após uma reflexão.

A dimensão do **Ser de Ação** nos mostra que a ação só é pensável em interação social. Esta dimensão combina, mobiliza e põe em ação todas as outras dimensões do Ser. Na dimensão do **Ser de Percepção** reside a capacidade que temos de retenção do que vivemos ou experienciamos; é uma percepção dirigida, subconsciente, mas que concretiza as relações de linguagens e todas as habilidades físicas, psíquicas, sociais, relacionais, estratégicas, etc.

O **Ser de Linguagens** interatua em diversas ações: nas linguagens de sinais (grafo-simbólico e gestual, por exemplo), artísticas, corporais, de imagens e de símbolos, dos sonhos, etc.

O **Ser de Criatividade** está voltado para a capacidade de adaptação, de invenção de todos os tipos, de aprendizagens. Esta dimensão é responsável pela exploração de um desconhecido emergente, que tanto pode ser do interior do nosso Ser, quanto do exterior.

O **Ser Somático** é responsável pelo equilíbrio dos processos químicos, biológicos, anatômicos, psicológicos que sofremos; pelo nosso desejo, ou, pela nossa vontade.

O **Ser de Imaginação** é responsável pelas representações que eu faço tanto dos outros quanto das situações. O que eu imagino, baseado no que eu interpreto, vendo isso ou aquilo. Segundo a autora, esta dimensão contempla todas as imagens mentais, em estudo ou em sono, e todas as formas de expressões artísticas/poéticas. Ele se manifesta em sonhos e projetos que já serviram de marcos para orientar a existência e que permitem formular outros novos.

Segundo a autora guia deste trabalho, através do movimento e do encadeamento dessas dimensões, estaremos em um constante “vir a

ser²⁷”(sic), pois, como sujeitos inacabados, nunca estaremos concluídos, terminados; estaremos em formação contínua, em constante vigilância de nossa existencialidade, ainda que esta, aqui neste plano, seja finita.

Através da localização e reconhecimento dessas dimensões também chamadas de identidades existenciais (JOSSO, 2007), construí uma reflexão acerca do que foi vivido e sentido, dando um novo sentido a esta experiência tão singular; uma reflexão que possibilitou compreender e evidenciar a “intimidade de uma construção de mim” (p. 431), desta identidade inconsciente que nos faculta o ato de existir e de Ser em relação conosco mesmos, com o Outro e com o mundo.

No caso desta investigação, o foco esteve na experiência vivida, na vivência que está relatada nos vinte e cinco (25) registros. Neles estão os relatos de quando a experiência aconteceu. O foco desta investigação versa sobre a experiência vivida e, agora, problematizada, isto é, vivências que, após refletidas, tornam-se experiências.

Localizar as dimensões de nosso Ser-no-mundo que emergiram na escrita do diário, me ajudou a identificar os sentidos que estavam subsumidos no código escrito e desvelar os reservatórios do imaginário presentes neste código.

Gaston Bachelard (1999, p. 32), afirma que a assimilação subjetiva desempenha um papel importante no encadeamento dos símbolos e suas motivações mediados por nossa sensibilidade, significando destarte, um importante pilar no processo de descoberta no ato de experienciar, tanto experiências passadas como acumuladas, necessárias e geradoras de novos conhecimentos. O autor salienta que a razão é inadequada para compreender o movimento poético e imaginário do ser humano, pressupondo que a sensibilidade serve de *médium* entre o mundo concreto e o dos sonhos, entre o mundo material e o da subjetividade.

Essas experiências “acumuladas”, registradas no diário, interpreto como o conceito das experiências vividas (vivência) conjuntamente com as experiências que foram extraídas de cada experiência que foi vivida, pois

²⁷ Termo cunhado por Marie Christine Josso e significa que o Ser está em constante movimento de transformação e evolução.

quase sempre, ao final da jornada de trabalho, escrevia e refletia sobre o que tinha sido vivido.

Pelas sendas da escrita, tecí uma interlocução entre escrita, imaginário e formação. A escrita ordinária caracterizada como “uma forma de existir no cotidiano” (THIES, 2009, p. 389) conflui com Josso (2009, p. 119) que afirma que os relatos são reconstruções baseadas em acontecimentos reais, os relatos (neste caso os registros) apelam à imaginação de cada um tentando dar sentido a experiências por meio de uma cosmogonia singular plural.

Esta conexão me levou a um caminho de reflexão a ser valorado, o da escrita e a sua razão de ser, e me impeliu a desvendar o sentido misterioso das palavras cotidianamente registradas no diário, permitindo assim, desnudar elementos capazes de promover novos sentidos.

O diário, lembrando, foi minha fonte de pesquisa, meu manancial de sentidos e meu reservatório. Seus registros permitiram evidenciar a pluralidade, a fragilidade e o movimento de nossas identidades. A escrita, como meu objeto de estudo, como tecnologia do imaginário (Silva, 2012) que advém do reservatório como um ato de existir, convoca nossas dimensões existenciais para salvaguardar a formação experiencial, a invenção e (re) invenção de mim, como fonte de um sentimento de existência.

Artières (1998) diz que:

“Sempre arquivamos as nossas vidas em função de um futuro leitor autorizado ou não (nós mesmos, nossa família, nossos amigos ou ainda nossos colegas). [...] Pois arquivar a própria vida é [...] escrever o livro da própria vida que sobreviverá ao tempo e à morte”. (p. 32)

O autor evidencia que todos os dias e a todo momento arquivamos nossa vida e nossa memória nos registros em nossa agenda, na agenda do médico, do dentista, do advogado que consultamos, no ponto que assinamos na chegada e na saída do trabalho, no registro da nota fiscal, nos registros escolares, etc, sendo assim, em nossa cotidianidade vamos perpetuando nossa memória juntamente com a dos outros.

Salvaguardar nossa memória através da escrita é documentar, é “preocupar-se em traçar o vivido” (THIES, 2008). Através da escrita do diário, eu “guardei” a memória daquele interstício; arqueei a vida vivida naquele período de setembro de 2013 a janeiro de 2015 em função de um futuro leitor

(ou não). O fato é que, escrevendo a cada jornada, detive o tempo e o Universo nos traços e nas quase cento e cinquenta (150) páginas, arquivando anseios, medos, alegrias, gratidão, abraços, temores, memória, frustrações e lembranças.

Construí uma subjetividade que contemplava outras vidas e a minha; construí significados e sentidos caros para mim. Perpetuei aquele “presente” através de símbolos gráficos, escritos a maioria a lápis, no intento de preservar, arquivar e eternizar a esperança que habitava a cosmogonia daqueles momentos.

Nessas folhas reunidas, a escrita ordinária (escrita do cotidiano) se desnuda invadida de esperança, e sobre tudo, amor, o combustível imprescindível para que não nos tornemos máquinas humanas capazes apenas de reproduzir modelos e relações frias e distantes.

A escrita ordinária (*écritures ordinaires*²⁸) é assim caracterizada: serve para contar o dia de um modo muito particular, criando o seu próprio estilo (THIES, PERES, E., 2009, p. 219), também como uma forma de existir no cotidiano e como via de ressignificação e recuperação de histórias, de trajetórias, de vida, de si e dos outros descobre, no diário, poderosas dimensões de nosso Ser-no-mundo (JOSSO, 2016), e, de mãos dadas com os estudos em formação e existencialidade e memória material (a escrita), os estudos do Imaginário vêm complementar esta investigação na perspectiva de desvendar e revelar os reservatórios do imaginário presentes na minha escrita, a partir das práticas registradas desta experiência com detentos.

Essas teorias me possibilitaram refletir sobre o que foi vivido, sentido e experienciado; o que me afetou e continua produzindo efeito; desde a motivação/motor desta proposta de investigação à busca pelos sentidos que movem o ser humano a fazer o que faz e a se tornar o que é.

O diário visto como patrimônio da memória inscrita através de símbolos gráficos tem a escrita como reservatório e o imaginário como conduto, como canal, onde a leitura e a interpretação das palavras construíram uma terceira margem, como o conto de Guimarães Rosa (1988). No caso deste texto, esta

²⁸ O termo *écritures ordinaires* é de Daniel Fabre (FABRE, 1993, apud THIES, PERES, E., 2009).

terceira margem consiste na reflexão fundadora e formadora de nossa existência.

Convicta de que memória, escrita, experiência e imaginário estão fortemente interligados, tecendo e tramando esses fios fui compondo esta teia evocadora de emoções, sensações e sensibilidades, mas acima de tudo, restauradora no sentido de iluminar o ser humano em uma constelação de possibilidades.

PAISAGEM TERCEIRA

Quem olha para fora sonha, quem olha para dentro desperta.

Carl Jung

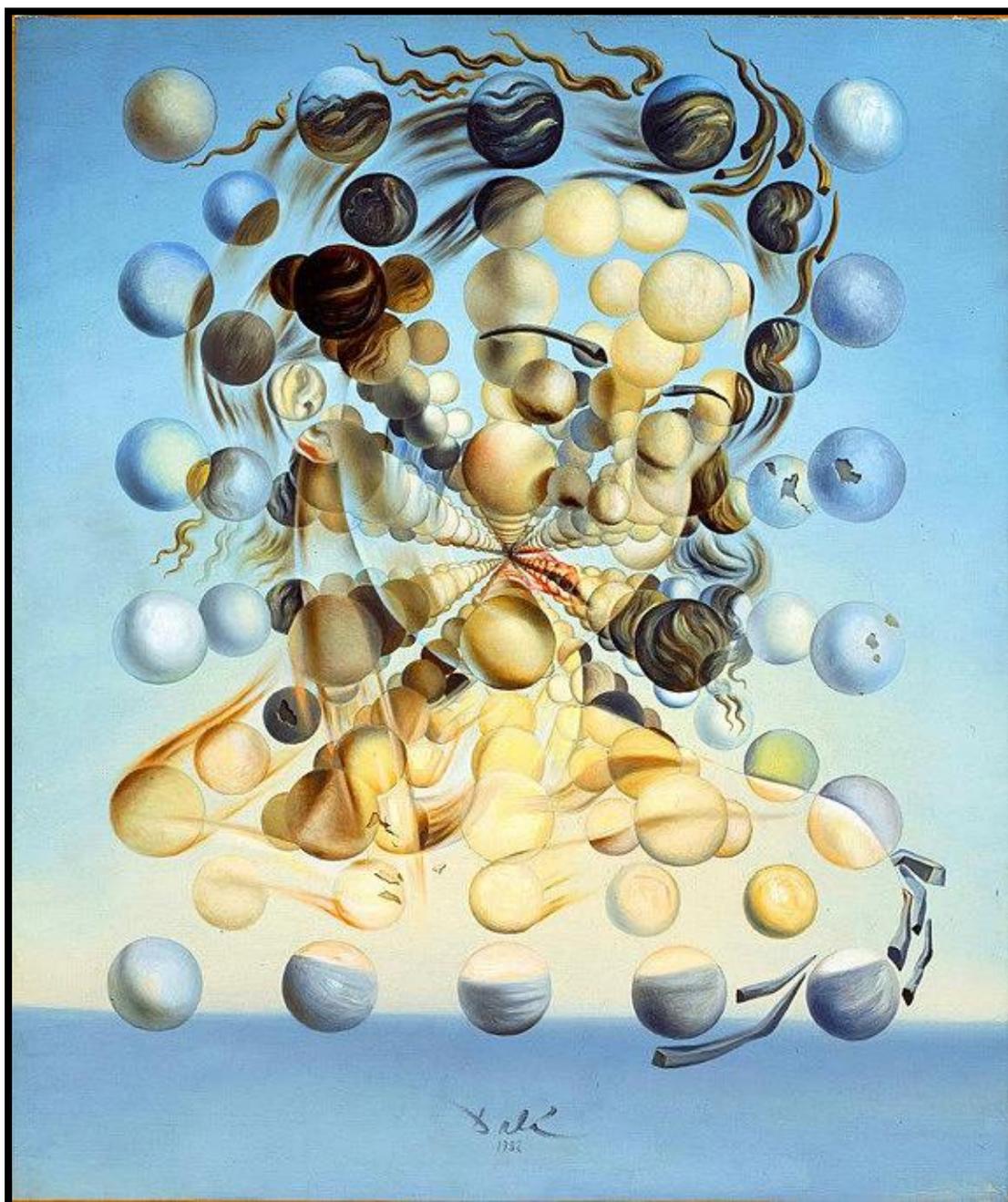


Figura 7: "Galatea" – Ilustração de Salvador Dalí

Fonte: <https://www.etsy.com/listing/497833507/salvador-dali-galatea-1952-giclee?ref=related-6>

Nesta terceira paisagem invoco a esta réplica da “Galatea”²⁹, ilustração de Salvador Dalí, também pelo que sua imagem me inspira a pensar: que, habitados por vários, somos seres plurais e especiais na nossa coletividade, e que, na nossa complexidade, somos tão especiais e tão singulares, capazes de mudar o mundo com cada sopro de palavra proferida ou ação cometida.

²⁹ A gravura intitulada “Galatea” é uma obra que retrata Gala Dalí, esposa e musa do pintor, por meio de uma reunião de esferas.

3. TECENDO...

Por aqui não se passa sem que se sofra o calor do fogo.
Canto XXVII – Purgatório – A Divina Comédia

A tecedura desse momento é mostrar o reservatório e o motor presentes na minha escrita no diário, cujo intuito foi lê-lo pela quarta e quinta vez para visualizar tais reservatórios por outros ângulos, o das dimensões de nosso Ser-no-mundo, neste caso específico de análise, culminando na interação com o imaginário, que somente à luz desta teoria é possível desvelar. Silva (2012, p. 75) afirma que “o pesquisador do imaginário mergulha na bacia semântica do outro e trilha o seu próprio trajeto antropológico, na contramão das verdades e das certezas no retrovisor. Torna-se ele mesmo parte do imaginário ‘repisado’”, relido, macerado.

A figura a seguir representa os níveis de leitura aos quais me refiro:



Figura 8: Níveis de leitura e análise aplicados nos registros.

Ao longo das mais de cem páginas fui “pisando e repisando” esta trilha semântica, e, adentrando nos vales e abismos do que estava assentado em cada página escrita, sucumbi ao prazer e ao deleite do despertar de uma

memória amorosa metamorfoseada na sensibilidade desassossegada um tanto íntima desses vestígios.

Esses dois anos de vida e trabalho arquivados em pouco mais de cem páginas transcritas³⁰, arrumando, desarrumando, reclassificando, analisando, refletindo, foram uma maneira de interrogar-me constantemente sobre minha proposta, sobre minha abordagem, sobre minha prática com os reclusos. Artiéres (1998) afirma que “refletir sobre esse ‘arrumar-se’ é, em suma, perseguir esse infra-ordinário, desentocá-lo, dar-lhe sentido, e, talvez, entender um pouco melhor quem somos nós” (p. 10). Eis o motivo de estar nesta pesquisa.

No entanto, este texto não se sustenta na praticidade e brusquidão de uma análise rasteira e apressada, atucanada pelo desentulhar de outros para desvencilho. Não. No encaicho, esquadrinhando daqui e dali, triangulando aqui e acolá, faço desta composição um cruzamento moroso e amoroso entre teorias, espiolhando meu Ser, desencovando este “infra-ordinário”, peregrinando para dentro de mim, nesta meta-análise.

Exumar esses registros me deu a possibilidade de olhar como foi desenvolvida minha prática e, ao mesmo tempo, caminhar passo a passo para dentro de mim, nesta malha vigilante que é minha formação. Ao ler cada registro, me vi arquivada; a imagem íntima de mim, o arquivamento do meu eu como prática de construção de mim através desta escrita. Para Artiéres (1998, p. 12), “desde o fim do século XVIII estabeleceu-se progressivamente um formidável poder de escrita que se estende sobre o conjunto de nosso cotidiano: para existir é preciso inscrever-se”. O autor remonta um cenário de inscrição constante: nas fichas bancárias, nos registros civis, nas fichas médicas, nos registros escolares e familiares, nas compras do mercado, etc. É um arquivamento constante da própria vida, um arquivamento constante de si para poder existir. Nos registros eu também me arqueei; arqueei e inscrevi a mim, a minha memória e a memória do Outro. Inscrevi o “*Érase otra vez...*” na memória do mundo.

³⁰ Ato de transpor (um texto escrito ou auditivo) para outro gênero de registro ou de publicação. Neste caso os registros foram transcritos da língua espanhola para a língua portuguesa por mim.

A escrita é também um reservatório/motor. Nesse compêndio de assentamentos está submerso o reservatório de experiências, de sensações, de emoções, de percepções sentidas, experienciadas e experimentadas durante minha prática, possibilitando pensar minha formação. Ainda que esses registros não sejam considerados uma narrativa autobiográfica³¹, nem uma narrativa de história de vida³², eles constituem um importante acervo de saberes (auto)formadores proporcionando encontros e novas tramas epistemológicas.

Como profissional de Letras, percorrer os caminhos dos níveis de leitura que um texto propicia me é sempre instigante e tem um sabor refrescante de aventura, onde busco incessantemente o mapa que mostra onde o tesouro foi enterrado ou perdido. Ler esses registros teve um outro sabor para mim. Essas leituras me proporcionaram uma visão mais ampla de mim como Ser no mundo em relação à construção do conhecimento experienciado e do vivido (em seu amplo espectro).

A partir da análise dos registros e do rastreamento de mim e dos que habitam em mim dentro da narrativa feita durante a experiência, emergiram também algumas questões que julguei importantes: Como eu fiz para arquivar a minha vida dentro dos registros? Que lugar eu dou, na prática, para me organizar a partir da narrativa dos registros e fora dela, ao processo de compreensão de conhecimento e de aprendizagem no meu processo de formação? E como eu me entendi com a minha existência singular enquanto Ser plural - entendendo que, habitada por tantas vozes e seres (identidades), construí minha própria narrativa, meu próprio processo de integração em interações com outras subjetividades - já que esta experiência analisada fez com que eu tomasse consciência de mim e de minhas aprendizagens experienciais, me tornando uma narradora de mim?

³¹ Narrativa autobiográfica- relato oral ou escrito de professores acerca de suas experiências formativas vivenciadas ao longo da vida, no contexto da trajetória de escolarização e/ou da prática profissional.

³² Narrativa de histórias de vida- a história do sujeito centrada na formação, efetuado na perspectiva de evidenciar e questionar as heranças, a continuidade e a ruptura, os projetos de vida.

Vivo o papel de autor, protagonista, coadjuvante, investigador e narrador de minha própria história, constituindo-me formador em formação, em um constante e pulsante vir a ser.

Ora, se minha questão de pesquisa constitui-se em saber que sentidos revelam os registros desta experiência realizada nesta prisão, deverei, então, organizar esta análise, para que o leitor não se confunda. Começo pelo intento de responder a primeira questão que julguei importante: Como eu fiz para arquivar a minha vida dentro dos registros?

O mergulho nesses papéis singulares me permitiu observar como foi construído este ateliê de escrita. Observei que este *corpus* compreendia três conjuntos de linguagem que estavam entrelaçados: fragmentos escritos em linguagem clara e objetiva, no qual eu relatava a rotina do deslocamento, a chegada e a saída da prisão; os horários, a ordem e a quantidade de propostas; a descrição física, psicológica, profissional e comportamental dos alunos; o planejamento pedagógico; a descrição do ambiente natural em que me encontrava (ambiente prisional e rodovia), e a marcação temporal sempre muito presente para orientação de tempo e espaço.

Outros fragmentos dos registros estavam compostos em linguagem mais subjetiva e poética. Percebi um lirismo sutil, alado, apaixonado, como se eu estivesse com o olhar longínquo e com a pena empunhada, inscrevendo a mim e ao “*Érase otra vez...*”, na cotidianidade do mundo. Nessas linhas o meu eu lírico³³ emergiu com doçura, desprendido e desambicioso da lógica e da compreensão de mim ou do momento, e, muitas vezes, não cabendo na trama textual, alcei voo de mim e devaneei sobre a natureza, a rodovia, o tempo, os alunos, a escrita e sobre nós mesmos (eu e os alunos), convertendo em vivência interior e quimera tudo que eu via, que eu vivia, que eu experienciava e que eu sentia.

Também a linguagem simbólica ou imaginária, permeando e ataviando a trama penejada em toda a sua extensão, permitia antever o que estava sendo dito, o não-dito e o silenciado, e decodificar e ampliar o que construí guarida no corpo do texto, mostrando sua importância e concretude. Segundo Arruda (2009, p. 15) “O imaginário não consegue manifestar-se a não ser sob

³³ Voz que expressa a subjetividade do poeta ou a maneira pela qual o mundo exterior se converte em vivência interior.

formas simbólicas. Um simbolismo sempre perpassado pela racionalidade, mas também uma racionalidade sempre impregnada de simbolismo”, desnudando os sentidos que estão expressos nesta tecitura.

Na linguagem simbólica o imaginário se vale para transmitir sua fala. Sabendo-se que uma característica do símbolo é ser pessoal, a linguagem simbólica traduz as experiências íntimas como os sentimentos, o pensamento e paixões por meio de imagens e símbolos que nos remetem ao mundo vivido.

Silva (2017) diz que “o imaginário desabrocha quando a química entre essas perspectivas antagônicas e complementares faz sentido” (p. 63). Na química promovida pela junção desses conjuntos de linguagens expressas e encontradas nos registros quando da minha análise, desabrochou uma fabulosa fênice³⁴ que, ao morrer na última cena, do último ato, nos braços de minha leitura e descobrimento minuciosos, emergiu, escarlate, na figura desta dissertação, equilibrando os antagonismos, tornando a minha própria existência um harmonioso oxímoro³⁵.

Esta confluência da qual os autores supracitados discorrem, é, sincronicamente, transitória e motora, pois “o imaginário é uma lava devastadora e nutritiva” (Ibid. p.78), movimentando esta correnteza de significados. Devastadora porque destrói, deforma, reforma e transforma qualquer construção na semântica existencial; nutritiva porque provê, alimenta, nutre, sustenta, avoluma e amplifica os sentidos.

Seguindo em frente, os registros³⁶ continham diversas passagens. No *corpus* fragmentado a seguir escrito com linguagem mais clara e objetiva, eu relatei, por exemplo:

- **a rotina do deslocamento, chegada e saída da prisão**- “São 3h30min da manhã. (...) Bom, o tempo está correndo, necessito ir. Saio às 4h. Tudo já está preparado. Tenho 250km pela frente. (...) Saí às 20h45min para minha casa. Cheguei às 23h50min. São 3h da manhã.” (Reg. 5, p. 132 e 135); “São

³⁴ Ave fabulosa mitológica que vivia muitos séculos, e, depois de queimada, renascia das cinzas.

³⁵ Figura de linguagem em que se combinam palavras de sentido oposto que parecem excluir-se mutuamente, mas que, no contexto, reforçam a expressão.

³⁶ Os registros analisados neste trabalho estarão todos, na íntegra, em um tomo à parte, para que o leitor tenha contato com a minha escrita pura, sem nenhuma interferência teórica, e está titulado como “Memórias reflexivas”.

3h10min da madrugada. Tomo meu café enquanto escrevo. Chove. Não gosto de viajar com chuva. Vou tomar meu banho, organizar as coisas no carro: o quadro-branco, a caixa amplificadora, cabos auxiliares e aparelho de som; as formas de bolo e as bolachinhas, os copos, sucos, açúcar; o material que vamos usar em aula..." (Reg. 11, p. 159); "A rotina da saída se deu igual que das outras vezes. Sempre chego cedo, me esperam na cozinha com dois pães recém assadinhos para meu café", "Saio às 4h da manhã. Necessito chegar cedo. Que Deus me conduza com segurança. Que assim seja" (Reg. 18, p. 190 e 192).

- **os horários das atividades**- "Quando um deles viu a hora, se apuraram. Eram 20h. Todos havíamos passado dos limites" (Reg. 5, p. 135); "Trabalhamos desde às 8h15min até às 17h 25min" (Reg. 9, p. 155); "Deixaram-nos trabalhando até às 21h". (Reg. 21, p. 203).

- **A ordem e a quantidade de atividades propostas**- "Apresentei o que íamos fazer hoje durante o dia: as três atividades. Começamos a primeira atividade. O título era "O que passa aos uruguaios? (...) A segunda atividade era escrever uma história coletiva baseada nas imagens que ia apresentando. (...) A próxima atividade era escolher um entre os quinze começos de livros que trouxe e escrever um texto de até duas páginas". (Reg. 10, p. 156 e 158).

- **O planejamento pedagógico que consistia na apresentação do tema de cada encontro**- "(...) "Hoje será o terceiro encontro do projeto "Érase otra vez..." O tema será 'Real ou imaginário'" (Reg. 5, p. 132); O encontro de hoje se intitulou 'Simplesmente... poesia!'" (Reg. 17, p. 188); **nos objetivos das atividades e passos metodológicos**- "O objetivo principal desta atividade era fazê-los colocar-se dentro da foto/imagem. Deslocando-se desde o imaginário e da imaginação para o lugar que tocou a cada um. (...) que escrevessem desde seus lugares, como se estivessem ali, na imagem.

Poderiam escrever o que fosse: poderia ser uma viagem até este lugar, poderiam viver neste lugar, poderia ser um sonho conhecer este lugar, um parente que vive ali". (Reg. 6, p. 139); **nos recursos utilizados e os procedimentos necessários ao desenvolvimento das atividades em sala de aula-** "Para a primeira atividade propus um jogo de dados (os geradores de contos). (...) A segunda atividade foi um baralho criativo (...) composto por cinquenta e duas (52) cartas com ilustrações diversas e coloridas. (...) Para o encerramento da jornada de escritura criativa lhes trouxe pinturas de Van Gogh. Trouxe treze pinturas impressas...", (Reg. 19, p. 194 a 195); "Iniciamos com as fotos que reparti entre todos que foram, certificando-se se eram fotos de coisas reais, de pinturas ou de desenhos. (...) Por fim (...), enquanto escutávamos o áudio original do diálogo (impresso)", (Reg. 4, p. 130 e 131).

- **A descrição física:** "B. é alto, grande. C. é um pouco mais baixo"; "V. é baixinha e carrega um rosário de sementes no pescoço que lhe cai pelo peito."; "R. é uma menina magra, (...), uns olhos esverdeados lindos!", "D. tem cabelo comprido, é dentucinho e muito gentil. É jovem.", (Reg. 7, p. 146-147); **psicológica:** "As duas são muito simpáticas"; "São muito ternos"; "É muito perspicaz, muito sagaz, inteligente, culto e erudito"; "B. parece muito retraído ou tímido, quase não fala na aula."; "Sua mirada é terna e seu sorriso é de culpada. (...) Parece uma mulher bastante forte", "Me parece humilde e um bom menino". (Reg. 7, p. 146-147); **profissional:** "Tenho (...), uma menina que já fez parte da elaboração e edição de um livro um rapaz professor de inglês; um técnico em eletricidade" (Reg. 3, p. 124); **e comportamental dos alunos:** "Percebi que alguns escolhiam algumas palavras antes de me falar" (Reg. 3, p. 124); "...a vejo calma, ela gosta das atividades, faz tudo com muita disposição e alegria. É muito carinhosa comigo"; "Me disse que ele adora ler qualquer tipo de coisa. Que prefere ler

à noite enquanto seus companheiros dormem, e tenta dormir ao longo do dia"; "A cada leitura, todos festejavam com palmas e felicitações"; "B. trouxe água para fazer o suco; S., A. e R. organizaram a mesa e C. L. e S. organizaram a comida, os copos, as facas sobre a mesa. S. F. arrumou as cadeiras"; "L. falou sobre os traumas que cada um traz dentro de si, e, que de repente, o véu se rompe e vamo-nos permitindo abrir-nos devagarinho", (Reg. 6, p. 141-142); "M. J. é criativo, divertido... É organizado com as ideias, pensa bem antes de levá-las ao papel"; "S. (...) é muito cuidadosa com sua letra... Responsável com as tarefas, sempre faz tudo com muito cuidado"; "L. (...) quase não fala e quando o faz é um pouco incisivo, bastante, eu diria. (...) É curioso, gosta de saber das coisas, como funcionam, como se faz, mas, ao mesmo tempo, é taciturno, silencioso. Às vezes nos deixa e vai para o corredor fumar um cigarro. (...). ...me parece íntegro e muito respeitador", (Reg. 15, p. 183-184).

- **Descrição do ambiente natural em que me encontrava – ambiente prisional:** "Estou sentada no pátio interno da prisão. Estou sentada no piso, enroscada em meu cobertor porque aqui a noite é fria. Estou encostada na parede perto da entrada principal. (...) A minha direita, imediatamente está a porta de entrada (do prédio). A uns 20m estão as laranjeiras, uma linda figueira, o portão de saída (na verdade há dois portões de saída), a guarita do policial de guarda (...) Depois da guarita se vê a cerca de arame e a tela de aço", (Reg. 11, p. 161-162); "A minha frente vejo a cancha de futebol, larga, longa, de um verde muito escuro. Ao fundo, o campo negro repousa no silêncio distante" (Reg. 13, p. 170), e **da rodovia:** "Estou chegando em Jaguarão. De longe vejo a entrada da cidade pela BR116. Será que foi por estes campos que se travou a Guerra do Uruguai?", (Reg. 7, p. 143); "Vim com chuva desde que saí da minha casa. Muita chuva. Em alguns momentos tive que parar o carro no acostamento porque era impossível seguir em

frente. Recém passei a ponte Mauá. Já estou em território uruguaio. (...) Posso sentir nas mãos a suavidade e a delicadeza das gotinhas nas plantinhas. As flores (...) estão exuberantes. Vejo muitos mal-me-querer (...) ovelhinhas gordinhas (...) Perto vejo um cemitério desses construídos dentro de um campo. Está ao lado da rodovia. É bonito. É pequeno. Tem um cercadinho de pedras, um portão mais alto que as outras estruturas. Três ou quatro sepulturas dentro" (Reg. 11, p. 159-160).

- **Marcação temporal sempre muito presente para orientação de tempo e espaço:** "São 5h30min. Amanhece. As aves noturnas silenciam" (Reg. 7, p. 143); "Vou pra cama. Hoje durmo numa peça escura, estranha. Amanhã saio cedo, às 5h. Por Deus, são quase 1h da manhã" (Reg. 15, p. 185); "Cheguei cedo na prisão. Às 9h já estávamos trabalhando na sala de aula" (Reg. 21, p. 201); "Depois da janta, volto para minha casa" (Reg. 23, p. 210).

Este tipo de linguagem oferece informações precisas ao leitor. O estilo de escrita é simples, claro e despretensioso, cuidadosamente escrito para facilitar a compreensão; é comunicação de informação objetiva e acessível de tudo aquilo que as pessoas precisam saber e do que realmente está sendo visto e observado; evita desvios do referente.

No *corpus* de linguagem **subjativa ou poética**, por exemplo, assentei o que segue:

- **Sobre a natureza:** "A noite chega de repente me avisando os perigos de dirigir com sono"; "A cidade dormida e silenciosa não reparou na alegria que me enchia a alma e todo meu ser (...) A névoa me mostrava que o caminho é este: de esperança" (Reg. 4, p. 127); "A tormenta me faz companhia. (...) É uma tormenta longa, larga, velha, forte. É uma tormenta que me chama a atenção para algo. Está inchada de preocupação, de raiva, de ira, como quando as mães nos chamam a atenção por algo. (...) Encolhida nos braços do Universo, escrevo estas linhas. (...) A luz se foi. Acendi uma vela (...) A magia da suave luz me acaricia e me acalma. A chama baila ao tremor da tormenta.

Parece contente. Baila sem fazer barulhos nem rumores. Se desnuda se requebrando terna e atrevida. Agora não é só a tormenta quem me faz companhia, a chama é também amiga, amorosa" (Reg. 5, p. 132-133); "A noite vai silenciando as dores e a escuridão vai dando passagem ao pranto" (Reg. 14, p. 176).

- **Sobre a rodovia:** "Se olho pra frente, vejo uma longa esperança serpenteando colinas e campos: a rodovia da esperança" (Reg. 11, p. 159); "O carro cruzou a cidade com a ansiedade. O ruído do motor cortou o silêncio sepulcral no qual dormiam os de consciência tranquila, e os que não puderam dormir, talvez, meteram a cabeça entre almofadas de suaves plumas brancas buscando um perdão que ninguém nunca saberá se vai chegar ou não" (Reg. 13, p. 169); "...a rodovia se enredando nas árvores, nas poucas casas que existem, parece uma enorme serpente" (Reg. 15, p. 181).

- **Sobre o tempo:** "Bom, o tempo está correndo, necessito ir (...) Se fez noite muito rapidamente", "Minha impressão era que o Universo tinha se detido nesta frase: "Existem ontens e amanhã, mas não existem hoje". (Reg. 5, p. 133-134); "O tempo escorreu pelo meio dos dedos" (Reg. 10, p. 158); "O tempo não tem sido companheiro. Tem desaparecido vertiginosamente por entre os dedos. (...) Queria poder deter o tempo. Pendurá-lo no espaço e ficarmos lá, esquecidos por todos." (Reg. 14, p. 178-179).

- **Sobre os alunos:** "É interessante pensar que o Amor, a Solidariedade, a Pureza de espírito e a Compaixão têm sido os provocadores desses câmbios existenciais, sociais e muito particulares que tenho observado aqui dentro. Têm sido detonadores desses pequenos milagres que têm ocorrido neste lugar já nem tão inóspito e hostil. Pelo que eu tenho observado, pequenos ninhos de afeto e confiança têm-se produzido e eles têm-se cuidado entre eles" (Reg. 14, p. 177); "Em muitos aspectos nunca deixamos de ser crianças

ou sempre levamos nossa criança dentro de nós, porque no fundo, adoramos encontrar tesouros escondidos e mapas perdidos (...) Aí estão as 'ratazanas', a 'escória' da sociedade, o pior da sociedade" (Reg. 22, p. 206).

- **Sobre o que eu constatava:** "Acredito que o melhor que pode passar é desfrutar-se dos encontros e ir conhecendo-nos pouco a pouco." (Reg. 4, p. 128); "A confiança é muito importante neste momento; construí-la é fundamental" (Reg. 6, p. 137).

- **Sobre o que eu percebia:** "Houve um movimento, uma conscientização de algo em cada um deles, mas não compartilharam com ninguém, tampouco comigo." (Reg. 5, p. 134). "A impressão que dá é que eles querem deter o tempo quando estão na sala comigo." (Reg. 6, p. 137).

- **Sobre apoio teórico:** "Saramago (José Saramago) nos ensina que é necessário ler e escrever para entender o mundo e para entendermos melhor a nós mesmos. Pensar, ler e escrever, se aprendem pensando, lendo e escrevendo, não tem outra opção" (Reg. 3, p. 126); "No livro Assim falou Zaratustra, Nietzsche (Friedrich Nietzsche) diz que 'quem conhece o leitor não faz já nada pelo leitor'. Temos que ter o cuidado de não corromper-nos: nem o que escreve, tampouco o que lê, para que se possa proteger o pensar" (Reg. 4, p. 131); "Me lembro de uma parte de Ecce Homo, de Nietzsche (Friedrich Nietzsche), no qual diz que 'manter a grandeza de sua tarefa livre de vários impulsos mesquinhos e míopes que se possam mostrar nas ações desinteressadas, essa sim é a tentação, a prova final'" (Reg. 14, p. 177); "Lembrei do texto do Pequeno Príncipe: 'se vens, por exemplo, às quatro da tarde, começarei a ser feliz desde às três", (Reg. 13, p. 170), "Eis aqui meu segredo, que não pode ser mais simples: somente com o coração se pode ver bem; o essencial é invisível aos olhos" (Saint-Exupéry): (Reg. 21, p. 204);

- **Sobre a escrita:** "Saramago nos ensina que é necessário ler e escrever para entender o mundo e para entendermos melhor a nós mesmos. Pensar,

ler e escrever, se aprendem pensando, lendo e escrevendo, não tem outra opção" (Reg. 3, p. 126); "A escrita funcionando como um processo de desenterro do misterioso no comum, destapando os processos por trás do ordinário do cotidiano. A escrita como um processo de confissão, de revelação, de confiança, desnudando a alma.", "Cada texto escrito ou lido é como se fosse um espelho da vida multiplicando o infinito de possibilidades" (Reg. 7, p. 148); "Minhas letras são minhas palavras" (Reg. 20, p. 198); "É como se através do que escrevem vão concretizando as palavras, os fatos, a vida. Através das palavras vão representando o sentido que têm encontrado nas coisas. Ao escrever, concretizam seus pensamentos, seus desejos, suas aspirações, sua aprendizagem" (Reg. 22, p. 207).

- **Sobre nós:** "Um deles me disse que 'a atividade lhe serviu para dar-se conta do tão lindo que é o Uruguai. Que uma pessoa ali dentro fica com tanto rancor na alma que tudo vai perdendo a beleza'" (...) "Estou acostumando-os a importar-se com o outro, com o que o outro faz ou escreve, visto que não estamos sozinhos, não vivemos sozinhos, ainda ali nesse lugar, não estão sozinhos" (Reg. 10, p. 156-157); "... para que pensássemos que a vida é uma trama de existências. Temos sido atravessados por todos e por tudo que temos compartilhado ao longo de nossa vida. A dimensão individual está diretamente relacionada à dimensão coletiva, não tem como separá-las. Somos feitos por muitos, mas únicos, particulares e muito especiais" (Reg. 12, p. 167).

Este tipo de linguagem possui características bem particulares, pois oferece a quem lê a expressividade da visão pessoal de quem escreve. O autor recorre a uma linguagem carregada de emoções e sentimentos combinada com metáforas, metonímias, antíteses, hipérboles e outras figuras de linguagem para expor e explorar sentidos, ideias, pareceres e sentimentos. O texto é valorizado na sua elaboração.

Eis que no *corpus* de linguagem **simbólica**, entre outras afirmações, estava registrado o seguinte:

- **Sobre o que eu via:** "A cidade dormida e silenciosa não reparou na alegria que me enchia a alma e todo o meu ser" (...) "A névoa me mostrava que o caminho é este: de esperança". (Reg. 4, p. 127); "A hora da despedida se aproximava devagarinho como as nuvens em dias de brisa. As cordas vocais se guardaram dentro das caixinhas de ternura. (...) Aos pouquinhos, devagarinho *nomás*, eles vão se fechando como ninfeias ao entardecer. Enraizados no mais profundo de seu ser, como nas águas calmas e profundas, vão se guardando para o próximo encontro, levando consigo pequenas luzes de esperança em suas mãos e o perfume das borboletas na alma." (...) "Às vezes me sinto como o rochedo solitário de Lermontov que guarda em suas rugas o suave orvalho da nuvem de ouro, de cada uma das nuvens de ouro da minha sala de aula. Ligeiros se vão, mas têm deixado o precioso orvalho da ternura e da compaixão no seio do meu ser mais puro e sensível." (Reg. 6, p. 138-139); "Se olho pra frente, vejo uma longa esperança serpenteando colinas e campos: a rodovia da esperança. O dia já se fez claro e esplendoroso. A chuva molhou todos os seres da Terra-Mãe. Se olho pra direita, vejo o campo completamente coberto pela mais genuína esmeralda. (...) As flores se eriçaram, faceiras. (...) Perto vejo um cemitério... ali descansam o estresse, a inveja, o cansaço, a beleza, a banha da barriga, o ego, a amargura. Ali descansa em paz o orgulho, a avareza, o egoísmo, a traição. (...) O campo de esmeraldas os acolheu com os braços de uma mãe. A colina verdejante e arredondada acolhe a todos com ternura." (Reg. 11, p. 159-160).

- **Sobre o que eu escutava e sentia:** "A tormenta me faz companhia. (...) É uma tormenta longa, larga, velha, forte. É uma tormenta que me chama a atenção para algo. Está inchada de preocupação, de raiva, de ira, como

quando as mães nos chamam a atenção por algo. (...) Encolhida nos braços do Universo, escrevo estas linhas. (...) A luz se foi. Acendi uma vela (...) A magia da suave luz me acaricia e me acalma. A chama baila ao tremor da tormenta. Parece contente. Baila sem fazer barulhos nem rumores. Se desnuda se requebrando terna e atrevida. Agora não é só a tormenta quem me faz companhia, a chama é também amiga, amorosa" (Reg. 5, p. 133-132); "Às vezes me sinto como o rochedo solitário de Lermontov que guarda em suas rugas o suave orvalho da nuvem de ouro, de cada uma das nuvens de ouro da minha sala de aula. Ligeiros se vão, mas têm deixado o precioso orvalho da ternura e da compaixão no seio do meu ser mais puro e sensível." (...) "Creio que por alguns minutos o céu desceu. Creio que Deus andou entre nós. Creio que anjos andaram entre nós, sobre nós e pela cancha." (Reg. 6, p. 141-142). "A noite me abraçou com a força do abraço de uma mãe ao seu filho" (Reg. 14, p. 175).

- **Sobre o que eu percebia:** "Houve um movimento, uma conscientização de algo em cada um deles, mas não compartilharam com ninguém, tampouco comigo." (Reg. 5, p. 134); "A impressão que dá é que eles querem deter o tempo quando estão na sala comigo." (...) "Os milagres existem. Todos os dias estamos sentindo e vivendo milagres espetaculares. (...) A vida está feita de pequenos milagres diários." (Reg. 6, p. 142); "...a vida é uma trama de existências. (...) Somos feitos por muitos, mas únicos, particulares e muito especiais." (Reg. 12, p. 167); "Aqui entre estas quatro paredes somos apenas nós, somos um grupo unido, todos por um, e cada um de nós, por todos. (...) "Essas histórias despertaram-nos para a fantasia e a magia" (Reg. 14, p. 178); "Eis aqui meu segredo, que não pode ser mais simples: somente com o coração se pode ver bem; o essencial é invisível aos olhos" (Reg. 21, p. 204).

- **Sobre o que eu fazia:** "Preparei um lindo presente muito especial e representativo. É um saquinho de pano (estopa) com botõezinhos de pérolas, estrelinhas e cristais dentro dele, com uma 'coisinha' para colocar recados ou fotos." (...) "Temos que ser justos e corretos para podermos ser exemplos e para poder cobrar dos alunos" (...) "A aula de hoje vai ser muito boa. Tem trabalho para aprender técnicas de escrita criativa, desenhos de animais simétricos para que relaxem suas mentes e desenvolvam outras aptidões, um curta para fazê-los pensar sobre o fato de que 'somos eternamente responsáveis pelo que cativamos'. Somos responsáveis pelas nossas rosas. (...) A mente humana constrói ou descobre significados, mas também pode inventá-los e criá-los. (...) Sou responsável pelas minhas rosas e eles pelas suas." (Reg. 11, p. 159-161); "...porque a dinamicidade da atividade lhes permitia criar em abundância posto que a cada jogada de dados era uma nova história, muito difícil coincidir em algum dado" (Reg. 14, p. 179); "Estivemos aí, creio que por uma hora ou mais, comendo, compartilhando, conversando, rindo, em harmonia com o Cosmos e com todos do grupo." (Reg. 21, p. 203).

- **Sobre o que eu aprendia e ensinava:** "Aprendi com meus professores que uma aula deve ser significativa para os alunos. Deve ser assim." (Reg. 11, p. 159); "A cada encontro se fortalece a confiança e a amizade entre nós: somos eternamente responsáveis pelo que cativamos. Somos responsáveis pelas nossas rosas. Sim, é assim." (Reg. 12, p. 167); "Bom, aproveitei a situação para falar-lhes sobre empatia, que, além de ser um valor muito precioso e importante, junto com a compaixão são elementos, ademais de úteis, imprescindíveis e que devem caminhar de mãos dadas para que possamos desenvolver a virtude da generosidade; é a chave para que alguém possa se conectar com os demais." (Reg. 21, p. 203).

Este tipo de linguagem (simbólica) opera por analogias e por metáforas, e realiza-se principalmente como imaginação. É fortemente emotiva e afetiva, onde quem escreve confunde e se realiza através dela. Normalmente oferece sínteses imediatas (imagens) e é formada por palavras polissêmicas, levando-nos para dentro dela, arrastando-nos para seu interior pela força de seu sentido, de suas evocações, de sua beleza, de seu apelo emotivo e afetivo. A linguagem simbólica nos dá a conhecer um mundo criando um outro.

O mergulho nesses registros me permitiu observar como foi construído este ateliê de escrita. Utilizando-me desses três tipos de linguagem fui registrando cada imagem, cada passagem, cada instante, cada emoção; fui me inscrevendo nas linhas e entrelinhas do mundo, e o conteúdo e os tipos de linguagens que estavam imersos neste *corpus* permitiram que emergissem dimensões existenciais distintas e sentidos vários dessa experiência.

Em alemão existem dois termos diferentes para o termo experiência: *Erlebnis* seria a experiência imediata e vivida, vivência. Quando eu realizei o “*Érase otra vez...*” e inscrevi os encontros em vinte e cinco (25) registros. *Erfahrung* seria a experiência refletida, o que se extrai de uma experiência que foi realizada. O que eu realizei em cima dos registros da prática na prisão.

No intento de responder a segunda questão que me deixou desassossegada, observo nas próximas linhas, então, que lugar eu dei, na prática, para me organizar a partir da narrativa dos registros e fora dela, ao processo de compreensão de conhecimento e de aprendizagem no meu processo de formação.

A química entre o procedimento empírico e a elaboração teórica deve ocorrer de maneira harmônica nesta alquimia investigativa, por isso o nucleamento dos registros a partir das dimensões de nosso Ser-no-mundo tornou possível o acesso a um universo de leitura um pouco mais amplo, intrigante e profundo.

3.1. PEREGRINANDO E TECENDO...

Inspiro-me a pensar as dimensões do Ser buscando os sentidos que atribuí a esta experiência. Imersos nos registros, descanso, paciente, meu olhar sobre a escrita e, devagar, emergindo um a um, denunciam um porvir que

implica um processo de humanização, reflexão e formação evidenciando singularidades, em um sincretismo equilibrado e amoroso, fazendo com que eu repense minha prática, que eu reflita sobre a minha própria reflexão.

Através do registro desta experiência que resultou neste reservatório físico (o diário que contém os registros) adentro, sem medo, analisando minha prática como experiência formadora e auto-formadora de mim, rastreando cada dimensão de nosso Ser-no-mundo que emerge em cada situação vivenciada, em cada emoção sorvida, cada circunstância experienciada, cada palavra proferida e sentida, cada olhar silenciado. Ao fazê-lo, peregrino em mim e apaziguo os contrários de maneira sensível.

Tecendo a análise dos resultados da observação com o cuidado melindroso de um aprendiz de pesquisadora, observo este mundo em movimento e me acerco a uma harmoniosa constelação de dimensões dispostas na parede da minha casa:

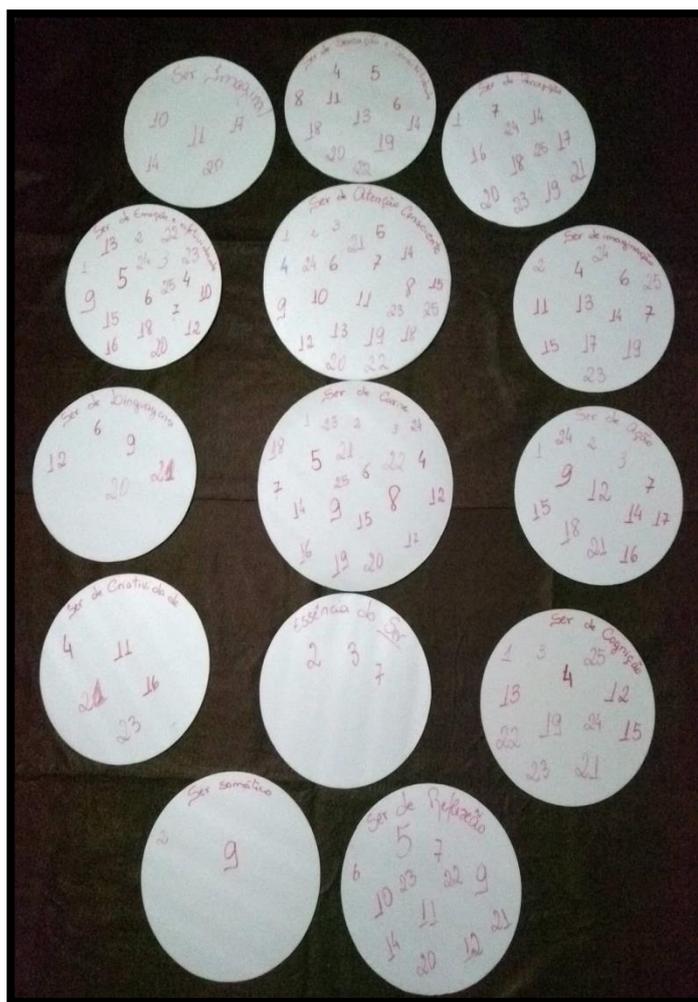


Figura 9: Constelação maior. Disposição das dimensões de nosso Ser-no-mundo de acordo com os sentidos encontrados nos registros.

Ao dispor os discos (discos de pizza), decidi nuclear os registros de acordo com a respectiva dimensão que emergia de cada um deles (dos registros), de acordo com o que fui visibilizando ao longo das leituras e da análise.

Observando as figuras a seguir, constata-se a presença das dimensões de nosso Ser-no-mundo que Josso (2016) trata de identidades existenciais, ou seja, como eu ajo e reajo quando sou interpelada pelo outro e por minhas próprias experiências e vivências; como vejo a mim, o outro e o mundo; como resolvo problemas, pendências e situações; como me relaciono comigo, com os outros e com o ambiente natural no qual me encontro; como eu reajo aos choques perceptivos³⁷ ou momentos-charneira³⁸, enfim, como eu me relaciono no mundo, com o mundo e para o mundo, acolhendo os vinte e cinco registros.

Se o homem é interpelado, provocado e produzido pelas ideias que ele mesmo produz, incito-o, caro leitor, a acompanhar-me nesta jornada de provocações e descobertas.

No núcleo da Constelação maior (figura 9) estavam as dimensões do Ser de Carne e do Ser de Atenção Consciente, que JOSSO (2016) chama de dimensões *sine qua non* – dimensões essenciais, indispensáveis para a relação com as outras.



Figura 10: Ser de Carne

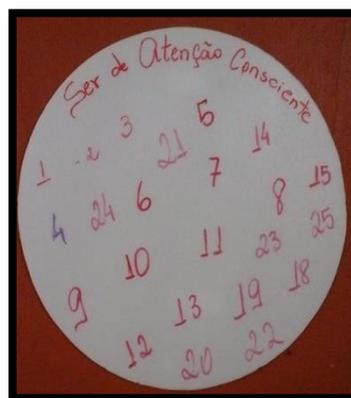


Figura 11: Ser de Atenção Consciente

³⁷ Situações paroxísticas de gozo ou de trauma, de êxtase ou de perplexidade, que deixam vestígios de DNA imaginal de cada um. Os choques perceptivos alteram a forma de ver o mundo e funcionam a partir do estranhamento que leva a um novo entranhamento. Silva: Sulina, 2012, p.57.

³⁸ Momentos-charneira segundo Josso (2010) é uma passagem entre duas etapas de vida; um divisor de águas. São acontecimentos que separam, dividem e articulam as etapas da vida.

Orbitando ao redor delas:

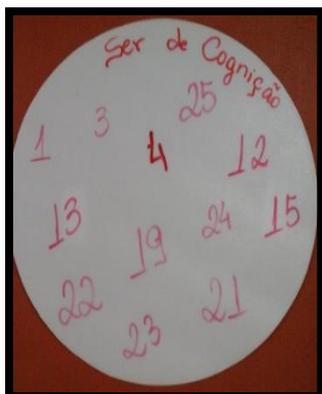


Figura 12: Ser de Cognição

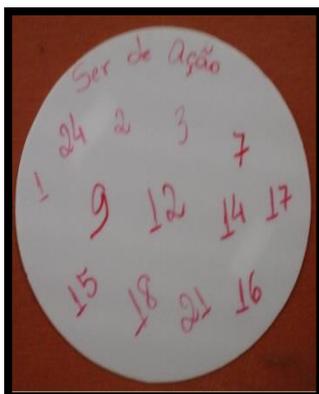


Figura 13: Ser de Ação



Figura 14: Ser de Imaginação



Figura 15: Ser de Sensação e Sensibilidade



Figura 16: Ser de Linguagens

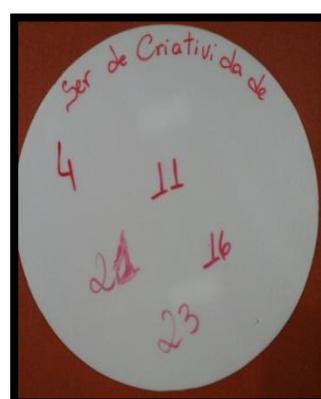


Figura 17: Ser de Criatividade

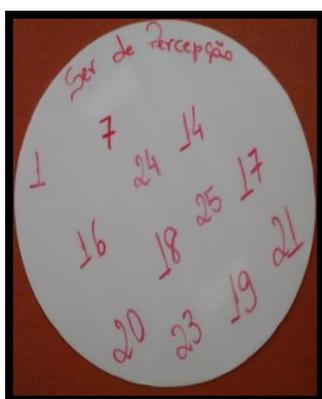


Figura 18: Ser de Percepção

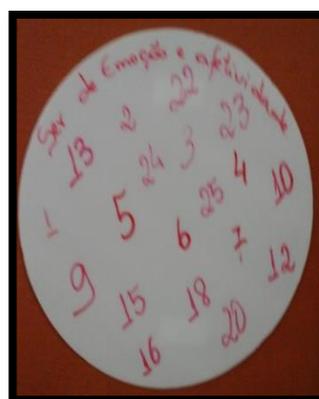


Figura 19: Ser de Emoção e Afetividade

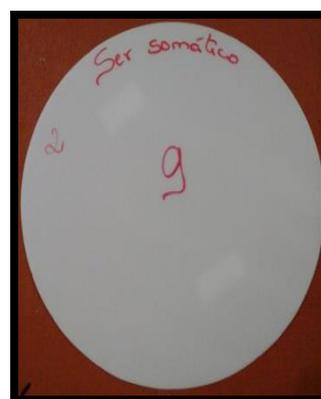


Figura 20: Ser Somático

Mobilizando minha memória neste processo de formação, percebi que é a presença consciente que me permite refletir sobre valores e visões do mundo que estruturam a nossa individualidade formada pelas nossas atividades; nossas aprendizagens existenciais, instrumentais, relacionais e reflexivas; nossas descobertas e os significados que atribuímos a tudo isso. Segundo

Josso (2014), “a formação experiencial revela novas dimensões da pessoa que está no centro de sua própria formação”. É como se nesta meta-reflexão eu estivesse “me atualizando” num constante vir a ser, construindo uma identidade para mim e, ao mesmo tempo, para os outros.

Ao nuclear os registros, fui percebendo que eles se repetiam em vários discos, caracterizando, assim, a forma e a estabilidade da teoria que venho estudando. Uma impressão forte e estável mostrou o que foi prenhe (repetido simbolicamente) neste nucleamento, determinando, assim, a medida da importância da formação experiencial como um processo evolutivo de saber-pensar, saber-fazer, saber-amar, saber-ser, saber-aprender, saber-ensinar, saber-vir-a-ser, num processo constante de transformação permanente.

Ao longo da análise e nucleamento dos registros, conforme as dimensões emergiam, fui observando que algumas se destacavam mais que outras, e que exatamente por este motivo, davam sentido especial à minha experiência (*Erfahrung*).

Como brasas guardadas embaixo de cinzas, elas estavam ali, disfarçadas, camufladas, imersas nos registros adormecidos. Foi preciso movê-las, soprá-las com o hálito quente da inquiribilidade para que refulgissem nesta constelação de seres habitantes de mim e que me fazem Existir, Ser em vida, em vínculo, em relação com.

De acordo com a prenhez, ou seja, as repetições simbólicas observadas, algumas dimensões tiveram mais ocorrências em determinados registros, a saber:

A dimensão do Ser Somático teve duas ocorrências nos registros 2 e 9. No registro 2, a confissão do nervosismo, ansiedade e insegurança quanto ao modo como seria recebida pelos reclusos:

Estou nervosa e ansiosa. Não sei como vão me receber. (Ap. B, Reg. 2, p. 123, L. 10)

É uma grande responsabilidade social e uma decisão muito delicada para mim. (Ap. B, Reg. 2, p. 123, L. 13-14)

São 4h 30min da manhã e passei a noite me revirando na cama. Dormi muito mal. Sinto-me ansiosa e muito nervosa. (Ap. B, Reg. 2, p. 123, L. 24-25)

Ao longo do registro, nervosa, repassei os objetivos principais do projeto, os passos metodológicos, e como se daria o desenvolvimento da primeira aula.

No registro 9 afirmei a vontade e a satisfação em estar em sala de aula, em dar-lhes atenção, preparar suas atividades, e o prazer que sentia em estar na prisão com eles, trabalhando, e a paz que experimentava em poder contribuir para a formação existencial dos reclusos:

Falamos, rimos, comemos. Todos muito à vontade comigo. (Ap. I, Reg. 9, p. 153, L. 29-30.)

Estão muito à vontade comigo, e eu com eles. Eu adoro estar aqui, estar em aula, dar-lhes atenção, preparar suas atividades. Isto me dá um prazer bárbaro. Faz-me sentir bem e em paz. Poder contribuir para a formação existencial de alguém é muito, muito, importante. De verdade. (Ap. I, Reg. 9, p. 154, L. 03-07.)

O Ser de Linguagens emergiu ocorrendo nos registros 6, 9, 12, 20 e 21. Esses registros, além da linguagem clara e objetiva explicando os passos metodológicos das respectivas aulas, estavam compostos por muitas metáforas, linguagem poética e simbólica. No registro 6 e no 9, por exemplo, eu recorri aos recursos textuais, visuais, audiovisuais e trabalho paralelamente com a linguagem verbal com o intuito de sensibilizar o outro e acionar o desejo de escrever, pensar, discutir e criar outras possibilidades de leitura do mundo, da vida, dos problemas, das situações. A seguir:

Apresentei a música do Maná, a "loca de San Blas". Alguns nunca haviam escutado, outros, sim. Escutamo-la duas vezes para desfrutá-la, depois decodificá-la. Pela terceira vez, acompanhada da letra. Depois de escutá-la discutimos sobre várias coisas: sobre a voz suave do cantor, sobre a ternura e solidão do clip da música; sobre a "louca", suas atitudes expostas na letra da música; sobre a história que a música conta, sobre sua verossimilhança. (Ap. F, Reg. 6, p. 137, L. 12-17).

Cantamo-la, dramatizamo-la, mas quando lhes contei que a história era real eles ficaram muito assombrados. Entreguei a história da moça a eles, e pela primeira vez, falamos de amor. (Ap. F, Reg. 6, p. 137, L. 18-20).

A pretensão é apresentar atividades que se possam trabalhar os valores: respeito, dignidade, lealdade, honestidade e que se possam pensar em outras leituras possíveis dos clássicos "O patinho feio" e "Chapeuzinho Vermelho". A intenção é mostrar outras possibilidades de leitura do mundo, da vida, dos problemas, de situações. Começamos pelo conto "O patinho feio". Somente S. F. o conhecia. Nenhum dos outros alunos o havia escutado antes. Pedi

que cada um lesse um parágrafo. Depois da leitura, discutimos sobre beleza interior, beleza exterior, amabilidade, generosidade. Discutimos sobre as atitudes dos personagens, a maneira de proceder de cada um deles. (Ap. I, Reg. 9, p. 152, L. 4-14).

Na segunda atividade eu passei um *powerpoint* com a nova versão do "Patinho feio", mas todo fragmentado. A cada slide uma hipótese. Assim fomos até o final da história. Por fim, eles adoraram a história de Alfonso, o mais belo cisne do lago. Alfonso quebra com os estereótipos criados pelo patinho feio original. (Ap. I, Reg. 9, p. 152, L. 21-24).

No registro 12, a título de exemplo, o curta-metragem "*La mendiga y las bolsas*" era silencioso, não havia comunicação verbal entre os personagens. As imagens e as ações falavam por si. Aproveitei-me desta estratégia para abordar a nossa existência com um sentido de valor real e para fazê-los pensar sobre o ato de compartilhar. Muitas vezes nada precisa ser dito. A vida é por si só. A significação do existir, da existência particular, do ser singular, e, ao mesmo tempo plural, tentando, sempre, fazê-los ter esperança. Destaquei a "manifestação" do imaginário de um dos protagonistas, como algo extraordinário...

Levei este curta porque é uma mostra preciosa de alguns valores imprescindíveis à formação humana: amizade, compartilhamento, generosidade. O imaginário de um dos protagonistas, o varredor de rua, se manifesta de maneira espetacular! "*A mendiga e as bolsas*" lhes tocou a alma. Os dois personagens, o varredor de rua e a mendiga, dão uma lição de generosidade, carinho, doação, valorização do outro, gratidão. Levei este curta-metragem não para realizar alguma atividade, mas para fazê-los pensar sobre o fato de compartilhar, sobretudo, fazê-los raciocinar e compreender que não importa onde estejamos, sempre haverá alguém, uma mão, um amigo. (Ap. L, Reg. 12, p. 166, L. 07-15).

Somos únicos, singulares, mas muitos nos habitam, como amálgama de nós mesmos e dos outros. Segundo Silva (2012) "por meio do imaginário o ser encontra reconhecimento no outro e reconhece-se a si mesmo" (p. 14). As bolsas representavam as marcas que o outro deixa em nós e as marcas que nós deixamos nos outros:

Ao final, falamos sobre "as bolsas" que têm nos deixado marcas na alma; nas que temos deixado à beira do caminho; naquelas que temos esquecido, e naquelas que temos levado conosco porque têm sido importantes, porque nos têm formado existencialmente,

porque gostamos, porque têm sido necessárias. (Ap. L, Reg. 12, p. 166, L. 16-19).

Ainda sobre o Ser de Linguagens, no registro 21 desvelei o uso da língua para falar da língua – a metalinguagem - e usei recursos de linguagem literária e escrita criativa para falarem de si mesmos, observando a função do narrador como ser empático, aprendendo a posicionar-se no lugar do outro, e, por fim, como dono de sua própria pena ao escrever sua história, com as rédeas de sua própria vida, como está assentado a seguir:

Entreguei toda a produção de cada um para que possamos corrigi-los, melhorá-los, ampliá-los ou não, e por fim, finalizá-los. Começamos por uma aula de ortografia. (Ap. U, Reg. 21, p. 201, L. 08-11).

Alguns erros na concordância verbal e tempos verbais se produziram muito naturalmente e muito diferente, por exemplo: M. confunde a desinência on de *hicieron* (3ª Pessoa do Plural do Pretérito Perfeito Simples) por *an* e escreve *hicieran* (3ª Pessoa do Plural do Subjuntivo) quando quer se referir ao passado (Pretérito Perfeito Simples). Isto gera uma confusão na escrita porque ao cabo não sabes se as coisas já aconteceram ou se ele deseja que aconteça ou se vão acontecer. (Ap. U, Reg. 21, p. 201, L. 15-21).

Pós-silêncio, pedi que fizessem as tarefas sobre os três curtas apresentados: escolher um deles, meter-se na trama para que pudéssemos trabalhar as funções dos narradores: narrador câmara (D.), narrador protagonista (S.), narrador testemunha (L. e S. F.), narrador personagem (B. e V.), narrador observador (C.), narrador onisciente seletivo (M.) e narrador onisciente neutro (A. e M.). (Ap. U, Reg. 21, p. 203, L. 12-17)

Disseram que foi mais difícil escrever de acordo com a maneira de comportar-se de cada narrador. (Ap. U, Reg. 21, p. 203, L. 20-21).

O Ser de Criatividade se manifestou em cinco registros: no 4, no 11, no 16, no 21 e no 23. A dimensão emergiu quando se manifestou em mim a capacidade serena de adaptação e improviso a partir das dificuldades apresentadas pelos alunos em realizar as atividades de leitura: improvisei, repeti, persisti, inventei, analisei, percebi, dramatizei. O excerto a seguir nos mostra como exemplo do registro 4:

É curioso como leem como se fosse uma receita de gastronomia ou uma bula de remédio. Não tem entonação, não existe admiração, as pausas existem, mas não lhes desperta nada, nenhuma expressão. É como si tudo que leem não passam de coisas completivas,

constatações. Leem mecanicamente, parece. Neste momento tive que improvisar. Busquei na minha pasta de materiais um diálogo que havia preparado para o encontro terceiro e já o adiantei. Eu o repartí entre eles e pedi que uns dois ou três o lessem. Igual. Nenhuma emoção, nada de assombro, nem risada, nem nada. Juntei-os em duplas e pedi que fizessem uma "dramatização" do texto. Que a melhor dramatização ganharia um pedaço de bolo. (Ap. D, Reg. 04, p. 128, L. 15-24).

No registro 16 a mesma dimensão se manifestou como explorador do desconhecido. De mãos dadas com a dimensão do Ser de Percepção, percebi o talento, as habilidades e competências artísticas dos alunos, com delicadeza. Explorei com seriedade e sem receio, o desconhecido que aflorou, que emergiu, também, de cada um dos alunos envolvidos no processo de escrita. A exemplo disso, temos:

Bem, B. é muito criativo. Escreve de maneira entusiasmada. Dou um estímulo e me salta um excelente texto. Fantasia; cobre o texto com magia e encantamento. (...) Mete duendes, fadas, crianças, seres fantásticos e mágicos, e salta um lindo conto. Escreve com delicadeza. Enquanto escreve, é silencioso, não fala, não diz nada. Escreve histórias graciosas e divertidas, recheadas de aventuras, alucinações e fantasia. Muito boa gente, em seus textos sempre há um conselho, um moral. É muito concentrado para escrever. Tem muito talento e devo dizer a ele. (Ap. P, Reg. 16, p. 186, L. 07-17).

No registro 23, a dimensão emergiu denotando a capacidade de adaptação e invenção frente a situação de término do projeto e de relacionar atividades com a necessidade dos objetivos a serem trabalhados:

Preparei uma aula simples porque quero que o dia seja leve, e não triste ou pesado. (Ap. W, Reg. 23, p. 206, L. 4-5).

Almoçamos todos na sala de aula. Pedi aos operadores penitenciários trazerem a comida para mim e para os alunos na sala de aula e me atenderam e eu os agradeço muitíssimo por isto. Pudemos estar mais um momento compartilhando. (Ap. W, Reg. 23, p. 209, L. 1-3).

O filme, a discussão, os comentários, tudo, esteve boníssimo! Todos participaram ativamente e eu me senti muito, muito, orgulhosa em poder realizar este momento, em poder "experenciar" este ambiente de comunicação que nos permitiu analisar mais profundamente o processo de escritura. Isto não tem preço! Não tem. (Ap. W, Reg. 23, p. 209, L. 22-26).

O Ser de Sensação e Sensibilidade aflorou em onze registros: no 4, no 5, no 6, no 8, no 11, no 13, no 14, no 18, no 19, no 20 e no 22, ressaltando o efeito do que eu sentia, do que eu via, do que escutava...

Eu as sentia caminhando sobre o cobertor. Terrível! Uma sensação absurda de terror. (Ap. H, Reg. 08, p. 151, L. 08-09).

Era impossível ver o horizonte. Ele se vestiu de um negro tão profundo que me fazia faltar o ar. (Ap. M, Reg. 13, p. 169, L. 18-19).

O mais incrível é que enquanto compartilhavam suas percepções, eu podia "ver" ou sentir as cores de suas palavras. Eram todas muito escuras, de tons acinzentados, e muito, muito, pesadas, bastante difícil levá-las nas costas, mas... (Ap. M, Reg. 13, p. 172, L. 10-12).

O efeito da música, das palavras, da leitura em mim. Silva (2012) afirma que "a música é uma extraordinária tecnologia do imaginário". O autor crê que a música não manipula o homem, embora consiga influenciar ao máximo, muitas vezes quase à morte, talvez até mesmo à morte (p. 79). Ela não é manipuladora, pois assim o homem se tornaria um objeto, um alvo de sua tessitura, mas sim, atua, interfere, intervêm, move, liberta, impressiona, como nos excertos seguintes:

Todos me olhavam como se esperassem que eu lhes dissesse algo. Baixei minha cabeça e pude escutar lágrimas que se derramavam silenciosamente. Levantei-me e pus o vídeo da cantora russa *Helene Fischer* cantando a *Ave Maria* em alemão. Foi uma comoção muito forte. (Ap. D, Reg. 04, p. 129, L. 08-12).

Acredito que a que mais sentiu as melodias e as letras fui eu hahaha Chorei como uma condenada hahaha. A música é algo sublime, escuto e fico eriçada, comovida. Sempre foi assim. (Ap. R, Reg. 18, p. 191, L. 02-04).

Poder sentir a emoção e a sensação que a música e os instrumentos nos causam, uma sensação de estranheza, este não sei o quê que tem e que nos faz sentir não sei como; que nos afeta, que desata mecanismos em nosso corpo capazes de fazer-nos sentir tremores na espinha, ou uma cálida sensação romântica ou se eriçam os pelos dos braços ou o arrepio que nos entorpece ou como seja que se apresente, mas é um momento de prazer sublime. Mas como poder sentir um prazer sublime dentro de uma prisão? Como chegar a esse ponto? Somente pela música. Somente pela música que nos conecta imediatamente com nossa emoção mais sensível, primitiva e pura. (Ap. T, Reg. 20, p. 199, L. 11-19).

O efeito do drama e da dor do outro em mim construindo a minha existência, afetando meu ser e meus sentidos. Silva (2012) afirma que “o homem é interpelado, provocado e produzido pelas ideias que produz”. Percebendo que faltavam poucos encontros para terminar o “*Érase otra vez...*”, fui ficando melancólica e nostálgica pela falta do outro em mim, pois já fui “modificada” pelo outro. Sou o produto da amálgama do outro em mim e de mim no outro. O magma produtor de sentido deu significado e a dor foi sentida na carne, de acordo com os excertos:

Sinto a nostalgia da despedida que se aproxima, passo a passo. (...) Sinto falta deles. Vou sentir uma saudade imensa. Uma solidão me invade e penetra minha carne, meu pensamento, meu Ser. Dói. (Ap. S, Reg. 19, p. 193, L. 07-12).

O segundo levava o título de “última oportunidade”. Este texto me fez chorar. Nele, ela conta como foi parar na prisão, a dor por seu filhinho tão pequeno, seu maior erro por fazer o que não devia ter feito. (Ap. V, Reg. 22, p. 205, L. 06-08).

A dimensão do Ser de Cognição surgiu em doze registros: no 1, no 3, no 4, no 12, no 13, no 15, no 19, no 21, no 22, no 23, no 24 e no 25. Os excertos a seguir denunciam preocupação e cuidado tanto com a estruturação do texto do projeto, quanto pelo seu desenvolvimento e pelo contexto no qual ele seria desenvolvido, pois é sabido que o contexto carcerário é um dos mais coercitivos e autoritários que existem. Também a explanação das intenções dos conteúdos.

Pareceu-me muito difícil estruturar este projeto, pois são ambiente e contexto social bastante vulneráveis. (Ap. A, Reg. 01, p. 121, L. 04-05).

A segunda proposta do dia era fazê-los pensar em algumas coisas, como a força que tem o grupo, se somos fortes sozinhos, somos mais fortes ainda atuando com o outro. (...) Havia uma terceira intenção na apresentação de uma parte do filme “Os deuses devem estar loucos”, (...) A intenção era que pensassem nas situações extremas que podemos passar e como sair delas. (Ap. U, Reg. 21, p. 202, L. 10-22).

As atividades têm sido pensadas e preparadas conscientemente. Nada foi preparado ao acaso. Os detalhes importam, de verdade. Para mim não importa o que são, nem o que não são; o que fizeram; seus delitos. O que a mim importa é mostrar-lhes quem em tudo existem prós e contras, existe positivo e negativo; existe negativo, mas existe positivo. O que, sim, a mim importa é aportar algo para

seu crescimento. Agregar coisas que possam ajudar em seu presente. (Ap. V, Reg. 22, p. 206, L. 16-21).

A dimensão do Ser Cognitivo apontou também para um conhecimento de si - ao questionar ou reconhecer as próprias competências e inabilidades - e do outro – ao reconhecer as habilidades e inabilidades do outro também -, para a capacidade de aprender com o outro ao ensinar. Ao mesmo tempo que ensinei, aprendi. Silva (2012) diz que o homem age (concretiza) porque está mergulhado em correntes imaginárias que o empurram contra ou a favor dos ventos (p. 12). Assim sendo, no momento que eu realizo as situações de fala, de ensino e de aprendizagem, de troca, mergulhados em correntes imaginárias vamos concretizando, agindo em favor do outro e de nós mesmos.

Não quis dar-lhes a tarefa que havia preparado porque me dei conta que era muito simples e que o nível dos alunos estava além do que eu havia preparado. (Ap. C, Reg. 03, p. 124, L. 24-26).

Eu não sinto medo deles. Gostei de estar aí. Sinto-me como se estivesse em casa. (Ap. D, Reg. 04, p. 128, L. 29-30).

Agradece por tudo que dou a eles, mas na verdade, eu somente lhes dou algo porque eles permitem, porque eles querem receber, porque a beleza e a preciosidade estão em todos, dentro de cada um deles. Não sou eu a doce e afetuosa, são eles que levam doçura e afeto dentro de si, mas somente veem em minha pessoa. O contexto parece que vai cegando para ver o bom e o precioso de cada um deles. Só podem ver nos outros, em si mesmos não. (Ap. Y, Reg. 25, p. 216, L. 01-08).

O registro 24, principalmente, está caracterizado como um registro-memória. Silva (2012) defende que “o imaginário surge da relação entre memória, aprendizado, história pessoal e inserção no mundo dos outros” (p. 57). Esta memória afetiva no registro fez com que os verbos recordar e lembrar em tempo passado revelassem uma profunda falta da troca humana e das reações humanas de troca entre nós, da rotina dos dias de encontro, da comunicabilidade, da receptividade, da aprendizagem, fazendo com que o entranhamento antes provado, sorvido, experimentado, vivido, se transforme em um estranhamento de si mesmo.

As lembranças do vivido e do experienciado com os alunos reclusos, recheiam meus dias, minha memória. De que está feita a memória? Acredito que de abraços, de ternura, de cheiros, de sabores, de olhares, de toques, de esquecimento, de perfumes, de amores, de

palavras, de fogo. Recordo o dia que eu fui ver a primeira partida do Brasil na Copa do Mundo 2014. Era Brasil e Croácia. Todos éramos torcedores de Croácia hehehe. Divertimo-nos muito. (Ap. X, Reg. 24, p. 211, L. 04-10).

Lembro que cheguei de manhã. Tinha ido certificá-los. O projeto "Érase otra vez..." havia sido encerrado fazia alguns meses. Passamos um lindo dia no pátio. Conversamos sentados sobre o enorme cobertor que havia levado, jogamos futebol, compartilhamos e fomos ver a partida de futebol na cozinha. (Ap. X, Reg. 24, p. 211, L. 15-18).

A dimensão do Ser de Percepção emergiu em doze registros: no 7, no 14, no 16, no 17, no 18, no 19, no 20, no 21, no 23, no 24 e no 25. A retenção delicada de detalhes na observação das ações dos alunos; a percepção da sutileza dos gestos, dos olhares, dos falares, do pensar, do sentir.

É incrível como eles estão gostando de fazer tudo que proponho. Eles gostam de fazer as atividades propostas, são cuidadosos com o que escrevem, pensam; fazem com cuidado para ficar bem feito. Parece que eles gostaram de trabalhar com um companheiro. (Ap. G, Reg. 07, p. 144, L. 25-28).

Pareceu que ele gostou de fazer esta revelação, parece que está se desarmando comigo. Sempre havia desconfiança em seu olhar com relação a mim, agora não. Pareceu quase uma confissão. (Ap. G, Reg. 07, p. 148, L. 19-22).

O mais interessante é que eles têm tido cuidado ao falar, ao esperar que o outro fale, opine. Interessante como eles têm se portado frente a esses temas bastante passionais. Todos têm se respeitado frente a suas opiniões. Todo o dia estivemos na volta do tema do amor, da poesia, do poético. Pareceu-me que eles gostaram do assunto e da maneira como foi desenvolvido. (Ap. Q, Reg. 17, p. 189, L. 10-15).

Notei o ânimo deles muito decaído e melancólico. A verdade é que todos estávamos muito chateados pelo encerramento do projeto, todos sabíamos que este era o último encontro, mas ninguém se animava a falar sobre o assunto. (Ap. W, Reg. 23, p. 208, L. 26-28).

A dimensão do Ser Cognitivo de mãos dadas com a dimensão do Ser de Percepção fez-me compreender o que realmente tem valor nesta vida: o compartilhar, a beleza natural, o amor e o sentimento de gratidão que invade a todos, demarcando, principalmente, a minha marca e qual o meu lugar no mundo. O Ser volta ao fundamento, aos sentimentos e percepções fundadoras do Ser em relação com. Perceber é reconhecer:

Estar nesse lugar, trabalhar com esse público esgota bastante, porque os encontrei carentes de tudo: de ânimo, de esperança, de amor, de atenção, de recursos de todo tipo. Entregar-se a esta desinteressada tarefa com a alma, como eu o fiz, esgota muito, mas acredito que seja a única maneira de lograr um bom resultado e alcançar todos ou quase todos os objetivos propostos. Bom, os resultados temos aí, registrados em todas estas folhas amontoadas em minha memória, em minha trajetória de vida, tanto profissional como pessoal. Não sou mais a Seila que começou trabalhando em setembro de 2013. Não sou. Nada é igual. Aprendi muito com eles. Aprendi sobre generosidade, compaixão, sobre a pressa em viver; aprendi sobre as pessoas, a língua e a cultura do povo uruguaio; aprendi a ter mais paciência, mais serenidade ao tratar com o outro; aprendi outros conceitos da palavra liberdade. Além disso, construímos amizades, relações duradouras baseadas, sobre tudo, no respeito ao outro. Ao longo dos dezesseis encontros, mais a apresentação da murga, o evento da *Muestra de Poemas Seleccionados* e as duas visitas, e de, aproximadamente, 155 horas de trabalho, muito estudo, muita leitura, muita discussão e muita escrita, construímos uma linda relação humana baseada no respeito e no amor. Isto não tem preço. E é por isso que eu amo ser professora. Este é meu lugar no mundo. Simples assim. (Ap. X, Reg. 24, p. 213, L. 06-25).

Josso (2016) afirma que a compreensão do processo de formação de cada pessoa implica um processo de conhecimento, tanto de Si, como do Outro, através da reflexão, pois ela permite relativizar nossos julgamentos sobre nós mesmos e sobre o outro.

A dimensão do Ser de Ação apareceu em vários registros: no 1, no 2, no 3, no 7, no 9, no 12, no 14, no 15, no 16, no 17, no 18, no 21 e no 24.

No registro primeiro, a dimensão supracitada fez com que eu percebesse que ainda que o coração estivesse cheio de temores e receios, não existia saída senão caminhar, ir em frente, avançar, pois o medo nos imobiliza, paralisa, nos amordaça e nos atrasa. Neste registro o Ser de Ação entrou em ação, me empoderando, me despertando para mim.

Como nos afirma a autora, o Ser de Ação combinou, mobilizou e acionou as demais dimensões do ser, de forma a alcançar em seu movimento, em seu deslocamento, a transformação desejada.

Bom, o caminho se faz ao caminhar, nos disse Antônio Machado. "Caminhante, são tuas marcas o caminho e nada mais". Espero poder deixar marcas no coração de cada um deles. De toda minha

alma e coração quero entregar-lhes todo o meu amor, minha ternura e dedicação possíveis. (Ap. A, Reg. 01, p. 122, L. 01-04).

No registro 7 a dimensão do Ser de Ação concretizou uma relação-ação de linguagem corporal: o abraço. Um abraço é capaz de dizer coisas inaudíveis. A habilidade relacional e estratégica aliada à habilidade social, linguístico-argumentativa, mesmo quando o abraço é passo a passo ensinado e articulado, é capaz de fazer brotar as emoções mais remotas do Ser, fazendo concreta a interação professor-aluno-professor.

No excerto a seguir se pode observar esta relação:

L. me disse que não sabia abraçar, que nunca, ninguém, o havia abraçado na vida. Um silêncio cheio de dúvidas caiu sobre nós. Ele ficou em pé, tímido, à minha frente, e eu olhando sua expressão. Pedi que me desse sua mão esquerda e a coloquei nas minhas costas, acima da minha cintura. A outra, coloquei nas minhas costas. Seu corpo ficou longe do meu, tímido, começou a rir. Creio que a situação foi divertida para aqueles que nos olhavam. Aproximei-me dele e o abracei também, forte. Mas não o soltei no próximo segundo como o fazemos sempre. Abracei e pude sentir seu coração batendo bastante perto. Perguntei se escutava os batimentos do meu. Disse que sim. Fiquei abraçada nele, em silêncio. Repentinamente começou a chorar e lhe abracei um pouco mais forte. Senti suas mãos pressionando minhas costas e o acolhi nos meus braços como uma mãe ao filho, como uma flor ao sol. Nos emocionamos. Como pode alguém não ter recebido um abraço em toda a sua vida? Como pode que alguém não saiba abraçar? Ficamos abraçados acredito que por um minuto ou mais. Quando eu o soltei, lhe sorri e ele foi se sentar em seu lugar. (Ap. G, Reg. 07, p. 143, L. 21-30 e p. 144, L. 01-05).

Seguindo em frente, o ato de poetizar a vida como técnica e estratégia faz com que uma relação forte, amistosa e confiável se estabelecesse entre o grupo. A habilidade sensível de conduzir discussões sobre temas delicados voltados aos preconceitos e as dores que os reclusos sentiam, sem ressentirlos, se transformou numa possibilidade infinita de câmbios dentro desse contexto e oportunizou novas relações sociais estáveis e construtivas:

A primeira consistia em um texto falando sobre poesia, umas das expressões artísticas que reflete o melhor do espírito humano. Falamos sobre o ato de "poetizar" a vida, as coisas. (Ap. Q, Reg. 17, p. 188, L. 09-11).

Bastante interessantes as opiniões divergentes e convergentes. O mais interessante é que eles têm tido cuidado ao falar, ao esperar

que o outro fale, opine. Interessante como eles têm se portado frente a esses temas bastante passionais. Todos têm se respeitado frente a suas opiniões. Todo o dia estivemos na volta do tema do amor, da poesia, do poético. (Ap. Q, Reg. 17, p. 189, L. 09-14).

No registro 24 está assentado um momento especial onde a linguagem se concretizou numa relação harmoniosa: todos falavam ordenadamente enquanto todos escutavam. A linguagem foi apenas um instrumento do Ser de Ação. Houve uma relação de troca, comunicação receptiva e afetiva observando a evolução da aprendizagem dos alunos. A dimensão do Ser de Ação emergiu implicando a consciência do Eu de cada um de nós e a faculdade de estar presente numa situação, numa ação, num gesto de Si ou de outrem com atenção focalizada, a serem observadas no fragmento a seguir:

Todos falaram por um momento. Cada um falou de suas percepções, de sua rotina, do que estavam fazendo e sentindo. Quando eu lhes entreguei o certificado ficaram muito contentes e orgulhosos. Lembro que se riam e liam-no, admiravam, como se não acreditassem no que tinham nas mãos. Na verdade, ficaram muito bonitas a arte e a cor escolhidas. Assinamos os três: senhor diretor, meu amigo policial e eu. Ao final do encontro, cada um deles escolheu um texto seu e o leu para o grupo. Lastimo que não tenha gravado este momento. Foi muito lindo escutá-los cada um lendo a sua produção. A cada leitura, os aplausos e as felicitações. Sentiram-se muito orgulhosos de si mesmos, era perceptível. (Ap. X, Reg. 24, p. 212, L. 20-29).

A dimensão do Ser de Imaginação emergiu em treze dos vinte e cinco registros: no 3, no 4, no 6, no 7, no 11, no 13, no 14, no 15, no 17, no 19, no 23, no 24 e no 25, ressaltando que este número importante de recorrências, repetições ou pregnâncias denota um fazer que implica um trabalho consciente de exploração de sentidos que são agregados ao seu fazer (representação dos outros e situações imaginadas), espreita (os planos do que pretende realizar baseados no público ao qual contemplará), expectativa, espera, e paciente escuta.

O imaginário dá sentido ao realizado, mas é a imaginação que gera a faísca e faz realizar, “suprindo o vazio do racional”, como afirma Silva (2012, p. 17).

Na intenção de movimentar ou remover os indivíduos da zona de conforto, oportuniza um caminho novo capaz de fazê-los comungar novos

significados e novas possibilidades, coincidindo com o olhar da maioria, de todos, ou de nenhum. Não importa. A semente é lançada, se vai, e como vai nascer, são outros quinhentos.

Quero mostrar-lhes que existe um mundo possível, o da imaginação, e que eu também era privada de liberdade, mas ao manter a imaginação acesa pude transcender a solidão e a tristeza. (Ap. C, Reg. 03, p. 125, L. 16-18).

O que eu imaginava baseada no que eu interpretava geravam atividades pensadas com objetivos claros. Nos dois fragmentos a seguir, lê-se que o objetivo seria desenvolver a habilidade de escrever com criatividade e desenvolver a própria criatividade enquanto ocorria o processo de escrita. A proposta de atividade com a escolha do “fazer de conta” que fosse um momento presente e que fora vivido por cada um, com a intenção de que eles fossem desenvolvendo a habilidade de escrever suas próprias histórias e ser protagonistas das mesmas, e, principalmente, tomar as rédeas de suas vidas e de si mesmos, tornavam-nos, aos poucos, autores e narradores de si, perdendo-se, inclusive, nas horas de trabalho envolvidas. A observar:

Para a primeira atividade propus um jogo de dados (os geradores de contos). Tinha presenteado a todos com uma caixinha com sete dados. Foi bastante divertido e muito produtivo. Alguns escreveram até três contos. Estavam inspirados, pareciam crianças sentadas, escrevendo com ganas e contentes. Nos dados estavam a estrutura pontual de uma narrativa: um lugar, um personagem, tempo, o narrador e uma ação ou conflito narrativo que é o eixo do conto, por exemplo. Houve bastante produção textual criativa, muita leitura, e principalmente, análise do que foi produzido. A manhã passou voando. (Ap. S, Reg. 19, p. 194, L. 12-20).

O jogo consistia em repartir cinco cartas para cada um deles, inclusive eu, e, a partir das que correspondessem a cada um, formar elementos possíveis para que se pudesse escrever um conto. Poderia agregar fatos ou fazê-lo todo ficcional. O mais importante da atividade era desenvolver a habilidade de escrever com criatividade, e desenvolver a própria criatividade. Eu dava os inputs e os estimulava a escrever brincando com o baralho criativo com eles. No demais, eles eram os protagonistas. (Ap. S, Reg. 19, p. 194, L. 28-30 e p. 195, L. 01-04).

No registro de número 11 no qual está inscrito o oitavo encontro, está assentada uma importante afirmação sobre o processo criativo:

Ademais, quanto ao processo criativo não temos que cortá-lo, temos que aproveitá-lo, para que nos textos eles possam perceber-se a si mesmos, transformando sua natureza e a natureza das coisas com as quais têm tido contato ou as que eles têm compartilhado. Enquanto cria, compreende, reconfigura, significa. (Ap. K, Reg. 11, p. 164, L. 04-08).

Enquanto cria, compreende, reconfigura e significa suprindo o vazio do racional, alterando, modificando, deformando e transformando o espiritual e o social.

Ainda o Ser de Imaginação emergiu no registro 6, no 24 (caracterizado como “registro-memória”) e no registro 25, tentando manter o equilíbrio psicossocial do grupo, de todos nós. Através da música o Ser de Imaginação evocou a uma reflexão, eufemizando³⁹ o momento, equilibrando a noção de existência.

Silva (2012, p. 79) afirma que a música é uma extraordinária tecnologia do imaginário, influenciadora de imaginários e de práticas. A música abriga sentidos multivários, muitas vezes inexplicáveis e insondáveis:

Cantamo-la, dramatizamo-la, mas quando lhes contei que a história era real eles ficaram muito assombrados. Entreguei a história da moça a eles, e pela primeira vez, falamos de amor. O tempo passou voando. As horas se foram como um rio com águas e reflexões profundas acerca do sentimento mais nobre que alguém pode sentir. Como um rio, as opiniões e as histórias sobre amores perdidos, encontrados, inundaram nossa manhã. Como a onda do molhe de San Blas, as histórias foram saindo de dentro de cada um, compartilhando com todos, fomos contando nossas perdas, nossas relações frustradas, nossas paixões fugazes. Cada um deles nos contou uma história. Obviamente que eu contei alguma coisa da minha vida a eles. A confiança é muito importante neste momento; construí-la é fundamental. (Ap. F, Reg. 06, p. 137, L. 18-29).

No registro 24 esta dimensão supracitada eufemizou a melancolia e a saudade transformando minha escrita num registro-memória, dando sentido a minha vida e equilibrando minha existência. Um registro recheado de recordações e lembranças dos dias passados com os alunos/reclusos trabalhando, ensinando e aprendendo na prisão. Eu escrevi:

39 Eufemizar: ocorre quando aceita-se e usa-se uma palavra, expressão ou ação em lugar de outra, por diversos motivos, em diferentes situações. É a utilização de vocábulos ou ações mais leves e mais sutis, para suavizar determinadas mensagens que precisam ser transmitidas ou recebidas.

As lembranças do vivido e do experienciado com os alunos reclusos, recheiam meus dias, minha memória. De que está feita a memória? Acredito que de abraços, de ternura, de cheiros, de sabores, de olhares, de toques, de esquecimento, de perfumes, de amores, de palavras, de fogo. (Ap. X, Reg. 24, p. 211, L. 04-07).

O registro 25 é o último relacionado à experiência na prisão. Nele estão registradas, na íntegra, três cartas recebidas de alunos e minhas reflexões acerca delas. Ante a perspectiva de sucumbir à tristeza, à melancolia, à solidão e ao desamparo, a imaginação eufemizou sentimentos, emoções e sensações, fazendo com que eu me equilibrasse psicologicamente, levando-me a reconhecer que existia um grupo que os ajudava e os estimulava a seguir em frente. Que nem eu nem eles estávamos sós, embora estivéssemos longe, mas que não nos sentíamos sós, pois mesmo não tão presente fisicamente, existia alguém que velava por eles - tanto os colegas do grupo, quanto eu, que ia ao encontro deles a cada quinze dias -, e por mim - meus mimados:

Primeiro, o que quero refletir é que em meio a uma realidade brutal como é a de uma prisão, os três reconhecem o lindo que é compartilhar, estar junto de; a beleza da natureza e o sentimento de gratidão e amor para com as pessoas. Nas palavras de C., A. e M. está o mais precioso que uma professora pode escutar. M. pede a Deus por mim, por minha pessoa. Que Deus me olhe e veja a mim que viajo desde longe para mimá-los e ajudá-los. Isto é precioso demais! É amável, é carinhoso, é amoroso, em um lugar tão brutal. Quando C. escreve com a certeza de que "sempre existe alguém que te apoia", que está a teu lado, segurando tua mão, te dando apoio, te sustentando, te amparando. Esta certeza de que "por sorte está este grupo que sempre te ajuda em algo e que sempre te dá forças para ir em frente". Em um lugar de inconstância, sumamente instável, é precioso pensar, acreditar, sentir que existe alguém, e mais, que existe um grupo que sempre te ajuda em algo. Há sentido nas coisas que escreve. Pelo menos tem sentido estar ali neste lugar já nem tão solitário e inóspito. Existe um grupo, o grupo "dos mimados da profe de literatura", o grupo de literatura, o grupo do "Érase otra vez...", não importa a denominação que lhe deem, ele sabe que existe este grupo e confia nele, que está aí para ajudá-lo a ir em frente, sempre." (Ap. Y, Reg. 25, p. 215, L. 12-29).

A dimensão do Ser de Emoção e Afetividade emergiu contabilizando um número consideravelmente alto de pregnância em dezenove dos vinte e cinco registros: no 1, no 2, no 3, no 4, no 5, no 6, no 7, no 9, no 10, no 12, no 13, no 15, no 16, no 18, no 20, no 22, no 23, no 24 e no 25. Esta dimensão é acionada

quando minhas relações afetivas, minhas simpatizações, meus amores, meus rancores, minhas rejeições, meus medos, minhas satisfações e afeições afloram e se manifestam. Ditos textos estão permeados de emoção e expressões de afeto, respeito e amor.

O comprometimento com o projeto, com os horários fielmente respeitados, não querendo decepcionar o grupo, querendo ficar mais tempo com eles. A preocupação e a reflexão sobre os valores fundamentais ao lidar com o Outro, sobre o cuidado com o Outro, como observamos nos fragmentos que seguem:

Quando se foram, fiquei sozinha na sala de aula olhando para a porta, um pouco melancólica. Curiosamente queria ficar um pouco mais com eles, no entanto, era só o primeiro dia, tinha que pedir autorização para ficarmos um pouco mais. (Ap. C, Reg. 03, p. 125, L. 01-03).

Ao longo da viagem de volta pra casa, vim pensando na extrema importância da paciência para escutar o outro, da sensibilidade e delicadeza em colocar-se no lugar do outro, e do respeito ao outro como dever e direito universal e natural de cada um. (Ap. C, Reg. 03, p. 125, L. 23-26).

Bom, o tempo está correndo, necessito ir. Saio às 4h. Tudo já está preparado. Tenho 250 km pela frente. Sinto-me motivada, contente, ansiosa por estar com eles e escutá-los, conhecê-los mais, aprender mais com eles, senti-los mais. (Ap. E, Reg. 05, p. 132, L. 13-15).

A música, sempre companheira, me fazia pensar neles: como estão, como passaram esses dias, se vão estar todos ali na sala de aula para me encontrar, será que fizeram a tarefa. Estou louca de saudade. É sempre bonito estar com eles. É tudo que quero fazer hoje. (Ap. O, Reg. 15, p. 181, L. 09-12).

A cada encontro com o grupo se fortaleciam os laços de confiança, de amor e amizade, fazendo com que nós nos cativássemos mutuamente e eu me expressasse através da escrita, empolgada, emotiva e afetuosa. O Ser humano como ser coletivo, mesmo em isolamento, interpelando e sendo interpelado por outros:

Parece-me que a cada encontro se fortalece a confiança e a amizade entre nós: somos eternamente responsáveis pelo que cativamos. Somos responsáveis pelas nossas rosas. Sim, é assim. (Ap. L, Reg. 12, p. 167, L. 02-05).

O abraço forte e amoroso e os desejos de boa viagem e boa sorte me enchem a vida. Um a um se foram, devagar, como que para encompridar o tempo. Despedi-me de todos com amor. (...) Acompanhei-os com o olhar desde a porta onde estava. Eu os quero muito bem. São preciosos para mim! (Ap. L, Reg. 12, p. 168, L. 03-09).

É de não se acreditar o cuidado e a sensibilidade que têm desenvolvido uns com os outros. É lindo vê-los compartilhando e olhando-se com amor e atenção, com preocupação e cuidado com o outro. (Ap. M, Reg. 13, p. 173, L. 04-06).

Gratidão, compaixão, energia e atitude positiva ao escutar com atenção; ter cuidado com o Outro ao silenciar e responder em oração; o abraço afetuoso em cada um deles. O cuidado em “acostumá-los” a importar-se com o Outro:

Olhei todos com uma compaixão do tamanho do céu e lhes falei que a vida é demasiadamente boa para estarmos com pena de nós mesmos. Que deveríamos ser gratos por poder compartilhar este lindo momento e que eles poderiam, sim, mudar o futuro e o mundo, bastasse que tivessem atitude. Atitude para a mudança. Abracei a cada um deles e os convidei a ir para a cancha de futebol para que pudéssemos conversar ao ar livre. (Ap. D, Reg. 04, p. 129, L. 21-26).

Estou acostumando-os a importar-se com o outro, com o que o outro faz ou escreve, visto que não somos sozinhos, não vivemos sozinhos, ainda ali nesse lugar, não estão sozinhos. (Ap. J, Reg. 10, p. 157, L. 01-03).

Finalmente, a dimensão do Ser de Emoção e Afetividade manifestou no registro 23 (entre outros fragmentos que aqui não foram mostrados), tristeza em evidência frente ao último encontro na prisão e a consciência dos sentimentos dos alunos/reclusos:

Meu coração está pesado. Hoje o dia não vai ser fácil. (...) Pensar que tudo isso se termina (em parte) hoje, me deixa bastante triste, mas como diz minha mãe, “não há bem que nunca se acabe”. (...) Os passarinhos numa alegre sinfonia anunciam um dia emocionalmente cinza. (Ap. W, Reg. 23, p. 208, L. 09-19).

A despedida foi um pouco triste, mas com a promessa de seguir indo eles ficaram mais motivados. (Ap. W, Reg. 23, p. 210, L. 08-09).

Josso (2004) afirma que pensar a formação do ponto de vista do aprendente é...

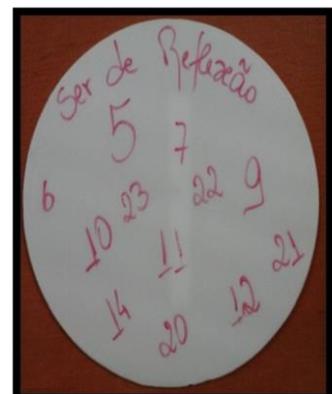
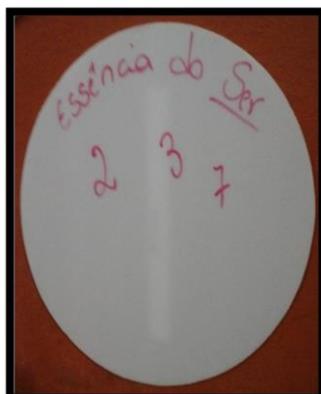
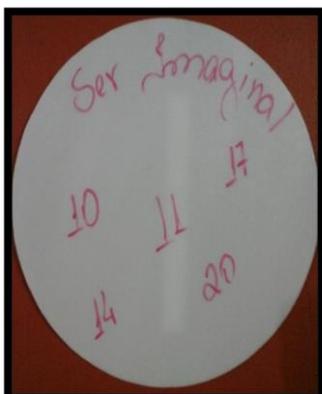
... virar do avesso a sua perspectiva ao interrogarmo-nos sobre os processos de formação psicológica, psicossociológica, sociológica, econômica, política e cultural, que tais histórias de vida, tão singulares nos contam. É procurar ouvir o lugar desses processos e sua articulação na dinâmica dessas vidas. (p.38).

Ao realizar os níveis de leitura em cada um dos registros e ao destrinchá-los nucleando-os nas dimensões de nosso Ser-no-mundo, pude virar do avesso o meu objeto de estudo e interrogar-me sobre meu processo de formação no intento de desvelar que sentidos ele abrigava.

As dimensões que emergiram com mais força e constância no diário onde estava registrada a experiência foram as seguintes: Ser de Sensação e Sensibilidade, Ser de Cognição, Ser de Percepção, Ser de Ação, Ser de Imaginação e Ser de Emoção e Afetividade, com ocorrências em onze e culminando em dezenove dos vinte e cinco registros, caracterizaram um trabalho desenvolvido com base na natureza sensível do Ser (de mim e do Outro), no cuidado com o Outro em sua natureza desinteressada de vaidades e de defeitos. Aqui estavam envolvidos o abraço forte na chegada e na saída, o olhar compassivo, a contenção de uma lágrima, a dedicação nas horas de estudo, o silêncio zeloso, a paciência atenta, a entrega desinteressada e a doação, por exemplo.

No entanto, sorrateiramente, entre as que já são conhecidas, apareceram três novas dimensões com peculiaridades bem significativas e dotadas de um dinamismo que sobrava e ampliava os sentidos das existentes (que já eram abordadas e desveladas por Josso), impossíveis de serem ignoradas.

São elas...



A pregnância insistiu e deu consistência ao que estava sendo apurado. Estas ardilosas dimensões apareceram em alguns registros, às quais nomeei como Ser Imaginal, Essência do Ser e Ser de Reflexão, devido as suas significações e sentidos que abrigam, segundo minha análise.

A dimensão do Ser Imaginal emergiu em cinco registros: no 5, no 10, no 11, no 13 e no 20, mostrando a força do devaneio poético assentado nas diversas páginas e fragmentos escritos, simbolizando imagetivamente o real, como se vê a seguir:

A tormenta está um pouco mais forte agora. É uma tormenta longa, larga, velha, forte. É uma tormenta que me chama a atenção para algo. Está inchada de preocupação, de raiva, de ira, como quando as mães nos chamam a atenção por algo. Caiu um raio perto daqui. A casa treme. As janelas se movem por causa do vento. Os vidros tiritam à voz da natureza. A Mãe-Terra me fala, tenho que escutá-la. Meus ouvidos abrem minha alma. Encolhida nos braços do Universo, escrevo estas linhas. Um suspiro sai dos meus pulmões culpados. Tenho que ser mais atenta. A luz se foi. Acendi uma vela e a pus sobre uma lata de chocolate. Ilumina-me o suficiente para que eu termine este registro. A magia da suave luz me acaricia e me acalma. A chama baila ao tremor da tormenta. Parece contente. Eu gosto de olhá-la. É suave, brilhante, linda, e muito, muito silenciosa; baila sem fazer barulho nem rumores. Se desnuda se requebrando terna e atrevida. Agora não é só a tormenta quem me faz companhia, a chama é também amiga, amorosa. (Ap. E, Reg. 05, p. 133, L. 15-28).

Segundo Silva (2017, p. 63), o imaginário acontece na realização. Ele se realiza quando amplia a realidade, portanto, o fragmento acima destacado, não se “encaixaria” como sendo algo manifestado pelo Ser de Imaginação, visto que, segundo o autor, é o imaginário quem amplia, quem dá senso ao comum, quem dá o sentido, e não a imaginação. A imaginação estaria mais para uma tecnologia do imaginário, para a criatividade, pois ao ser acionada pelo imaginário, cria, desencadeia o real e colore o real. O imaginário escapa à imaginação. É mais. É além.

O imaginário transforma o estrondo, a tormenta, em anciã, em uma anciã ancestral, antiga; atribui o sentido de estar “inchada de preocupação, de raiva e de ira” e com a simbologia da “mãe” lhe concede o poder de repreensão, mas é só uma tormenta, uma manifestação violenta da natureza.

Ao longo de todo o fragmento eu fui imprimindo uma sensação de estar vendo tudo com uma potente lente de aumento ampliando aquela realidade comum, transfigurando o cotidiano de uma noite tormentosa e transcendendo o ambiente, o estar, o ser, o comum. Ao mesmo tempo que eu distorcia o real, eu produzia sentido para este real que me rodeava; produzia relevância no cotidiano de uma tempestade. Silva (2012, p. 26) diz também que o imaginário é o encantamento do mundo. É o imaginário que reconfigura o real, por isso esta dimensão foi nomeada como Ser Imaginal. Nela está abrigada a recuperação da super-realidade que nos é negada.

Quando o imaginário se manifesta, não tem a ver somente com o Ser de Imaginação. É mais. O imaginário está além, sobra, amplia, recupera, transcende o comum e o cotidiano.

No esquema da página 36 (figura 6), a autora guia deste trabalho afirma que na dimensão do Ser de Imaginação repousam todas as imagens mentais em estado de alerta ou em estado de sono, mas Silva (2012) diz que o imaginário é um reservatório que agrega e abriga imagens, sentimentos, lembranças, experiências, visões de real que realizam o imaginado, leituras da vida. Sendo assim, essas imagens mentais em estado de alerta ou em estado de sono que a autora faz menção, fazem parte do grande arcabouço semântico e ancestral do ser humano, e, ao dar ouvidos à voz desta dimensão que emergiu, percebi que era outra, e não a dimensão do Ser de Imaginação.

Nos registros de números 10, 11 e 13, o devaneio poético foi se concretizando através da escrita poetizando o cru, o real. Simbolizando fui transcendendo o sentido da realidade vivida, experimentada, encontrada e sentida. Imagens mentais foram se alertando e simbolizando o comum e o normal, tornando-o mais aceitável, mais bonito, mais alentador, mais aprazível, mais “vivível”, mais passível de suportá-lo.

Uma suave brisa nos acariciava a alma. (Ap. J, Reg. 10, p. 157, L. 10-11).

Perto vejo um cemitério desses construídos dentro de um campo. Está ao lado da rodovia. É bonito. Pequeno. (...) Ali descansam o estresse, a inveja, o cansaço, a beleza, a banha da barriga, o ego, a amargura. Ali descansa em paz o orgulho, a avareza, o egoísmo, a traição. Por onde andam suas almas? No inferno? No purgatório? Ou no paraíso? É um lindo lugar de paz. Que Deus abençoe a todos. O campo de esmeraldas os acolheu como os braços de uma mãe. A

colina verdejante e arredondada acolhe a todos com ternura. (Ap. K, Reg. 11, p. 160, L. 04-12).

A noite cobriu-as com seu manto negro pontilhado de estrelas douradas. Que estranho! Não eram de cor prata... Por que será? O carro cruzou a cidade com ansiedade. O ruído do motor cortou o silêncio sepulcral no qual dormiam os de consciência tranquila, (...) Era impossível ver o horizonte. Ele se vestiu de um negro tão profundo que me fazia faltar o ar. (...) O caminho era longo e a memória ainda mais. A escuridão da noite abraçou a solitária rodovia, mas já não era tão solitária. Nós compartilhávamos este doce e terno abraço. (...) No céu começam os vaivéns do tempo e dos protagonistas. A lua cedeu seu espaço. As estrelas, um pouco mais atrevidas, ficam um pouco mais. Alguns atrasos. A aurora anuncia a chegada de um jovem príncipe: o Sol. A escuridão tristemente se despede. Está nostálgica. (Ap. M, Reg. 13, p. 169, L. 12-30).

Finalmente, a dimensão do Ser Imaginal emergiu quando simbolizei imagetivamente a carta do aluno como “farol” a guiar minha prática, os próximos passos a serem dados na repetição do “*Érase otra vez...*” ou na realização de outros projetos neste tipo de contexto. Eu dei sentido ao real:

Esta cartinha, as palavras de M. são como um farol na escuridão. Vão me servir como *feedback* em minha prática, a pensar, por exemplo, que tipo de atividades devem ser pensadas para a próxima apresentação do “*Érase otra vez...*” ou de qualquer outro projeto com este público específico? Quais conteúdos devem ser observados, desenvolvidos e trabalhados exaustivamente? Que resultados quero alcançar com a respectiva abordagem? Venho tendo resultados consistentes e produtivos? Para que têm servido as aulas e tudo que temos trabalhado? O que eu pude fazer por eles, realmente? Eu tenho podido ajudá-los de alguma maneira? De que têm me valido todos esses *miles* de quilômetros investidos nisso e neles? (Ap. T, Reg. 20, p. 200, L. 04-13).

Seguindo em frente, a dimensão da Essência do Ser ou dimensão Matriz (como está explanada mais adiante ainda neste capítulo) apareceu nos registros 2, 3 e 7, desvelando um desejo e uma intenção íntima de aliviar-lhes o peso da culpa e da solidão; o desejo íntimo de preservar a sensibilidade e estimular desejos e anseios de liberdade; uma vontade de; vocação íntima, fé e o sagrado dentro de nós; sinceridade, transparência. Onde habita o que “Eu” acredito e defendo:

Que Deus nos abençoe a todos! (Ap. B, Reg. 02, p. 123, L. 22)

Quero aliviar-lhes o peso da culpa e da solidão. Quero mostrar-lhes que existe um mundo possível, o da imaginação, e que eu também era privada de liberdade, mas ao manter a imaginação acesa pude transcender a solidão e a tristeza. (Ap. C, Reg. 03, p. 125, L. 16-18)

Temos que ter paciência, persistência, observância, e, sobretudo, fé e amor. (Ap. C, Reg. 03, p. 126, L. 05-06)

Esta é a dimensão que abriga e manifesta a essência, o âmago do Ser. No fragmento a seguir, revelei a mim mesma confessando meus próprios delitos com presença de espírito, honestidade e respeito aos alunos, preocupando-me genuinamente com a dor do outro, com o desejo íntimo de abraçar e acolher, e culminei minha fala com uma citação de Paulo Freire que afirma que não se pode falar de educação sem amor:

_Nada _ respondi. Eu também tenho delitos que são minha responsabilidade e não estou presa. Minto quando digo aos meus filhos que está tudo bem e não está. Digo que não estou sentindo nada, e estou com dor. Isto é falso testemunho. Quando vejo meu irmão na rua e não o cuido, e não o protejo. Isto é omissão de socorro, de ajuda. Todos cometemos delitos, mas estamos em liberdade. Não vou julgá-los. Jamais irei julgá-los. Quem sou eu? _ respondi olhando nos olhos de todos. Como nos disse Freire: não se pode falar de educação sem amor. (Ap. G, Reg. 07, p. 147, L. 29-30 e p. 148, L. 01-06)

Das três novas dimensões que apareceram, o Ser de Reflexão foi a que teve mais ocorrências: doze ao total. Ela surgiu nos registros de número 5, 6, 7, 9, 10, 11, 12, 14, 20, 21, 22 e 23.

A dimensão do Ser de Reflexão emergiu bastante forte quando a prática foi pensada e refletida a partir da e para a prática realizada, e não do planejamento, em todas as ocorrências, com o intento de compreender o sentido do que estava sendo feito, compreendendo o sentido de estar ali naquele lugar isolado, com um propósito. A dimensão do Ser de Reflexão através da atenção paciente ao Outro, compreende em termos de "Ser". Assevero que isto não exime o cuidado sempre tido com a preparação das aulas e eleição de conteúdos e materiais a serem trabalhados. Nessas doze ocorrências a reflexão sobre a prática foi bastante pregnante sobre o momento vivido, na atenção paciente com o Outro:

É um poema relativamente curto e defende o belo que é o viver, e sobretudo, viver o presente. "Não existem hojes". Existe só um dia de hoje e devemos vivê-lo em toda a sua plenitude. Me dei conta que pude tocá-los com o texto, que os fiz pensar além do que eles vivem, ainda que encarcerados neles mesmos, ainda que privados de liberdade e vivendo um dia trezentas e sessenta e cinco vezes, cada dia é um, é diferente ainda que pareça igual, e se não é diferente, cada um pode fazê-lo diferente dos trezentos e sessenta e quatro, dos trezentos e sessenta e três, ao longo de cada dia vivido, cada um à sua maneira, mudando suas atitudes com o outro, com relação à si mesmo, principalmente. (Ap. E, Reg. 05, p. 134, L. 12-21)

Nos registros de número 6, 12 e 21, refleti sobre minha prática juntamente com os alunos, compreendendo o sentido do que eu fazia, e ajudava o Outro a compreender também, protegendo o ato de pensar através da atenção paciente com o Outro. Nos fragmentos a seguir podemos observar:

Falamos sobre a aula de hoje. Disseram que adoraram tudo. Que adoraram a música, a história da "loca de San Blas", a atividade das imagens, sobre falar de seus próprios textos, responder as perguntas dos companheiros, mas, sobretudo, estar na cancha de futebol "*les encantó*". B. disse que parece que sentiu algo diferente, que algo nos uniu na cancha. L. falou sobre os traumas que cada um traz dentro de si, e, que de repente, o véu se rompe e vamo-nos permitindo abrir-nos devagarinho. (Ap. F, Reg. 06, p. 142, L. 06-12).

Ao final da conversa (ou discussão), trouxe todas as atividades que fizemos hoje: a escritura do texto com as frases iniciais e finais, os desenhos dos insetos faltando uma parte, o curta-metragem da mendiga e do varredor de rua, e o texto de Quiroga, para que pensássemos no fato de que a vida é uma trama de existências. Temos sido atravessados por todos e por tudo que temos compartilhado ao longo de nossa vida. A dimensão individual está diretamente relacionada à dimensão coletiva, não tem como separá-las. Somos feitos por muitos, mas únicos, particulares e muito especiais. (Ap. L, Reg. 12, p. 167, L. 21-27).

Outra coisa a ser pensada seria a maneira como muitos meios de comunicação e de internet nos têm adestrado e nos têm submetido a seus valores e absurdos. O vídeo "*Trickmousing*" nos leva a pensar sobre a capacidade que tem o homem de adestrar e submeter a seres de sua própria espécie e aos animais. (Ap. U, Reg. 21; p. 202, L. 14-17).

Nos registros de número 7 e de número 11, estavam assentadas reflexões importantes sobre a conduta antissocial ser o recheio de um vazio

existencial, e sobre o ambiente prisional afirmei que a afetividade e a reflexão são capazes de imprimir significados sempre novos e mais funcionais para o crescimento próprio e unido aos demais. A seguir:

Vejo a prisão como um purgatório onde cada um vem purgar suas dívidas, suas culpas. O peso do cárcere é muito, muito pesado. Aqui neste lugar inóspito de amor e paz se vive um dia trezentas e sessenta e cinco vezes. Todos os dias são iguais, têm a mesma cor: cinza; o mesmo sentido: dor; o mesmo sentimento: rancor; a mesma emoção: tristeza; a mesma sensação: solidão; a mesma culpa: não poder fazer nada por sua família que está do lado de fora. (Ap. G, Reg. 07, p. 150, L. 03-08).

O objetivo principal da aula de hoje é lhes tocar o coração com atividades significativas. Uma conduta antissocial, por exemplo, pode ser o recheio de um vazio existencial. Preciso abrir as janelas de suas almas para que possam ver que quando a vida é percebida com um significado a realizar, o sentido da vida é necessário para a saúde física e para a atitude psicológica. Portanto, quando a vida é percebida com um significado a realizar, a atitude existencial tem um papel importante no desenlace evolutivo. O sentido de liberdade, a responsabilidade consigo mesmo, com os demais, com o mundo e a vida em todas as etapas de evolução são importantíssimos para uma boa formação em todos os aspectos. A mente humana constrói ou descobre os significados, mas também pode inventá-los e criá-los. A afetividade e a reflexão permitem investigar significados sempre novos e mais funcionais para o crescimento próprio e unido aos demais. Sou responsável pelas minhas rosas (eles) e eles pelas suas. (Ap. K, Reg. 11, p. 161, L. 04-17).

Em outro dos registros, no de número 14, refleti sobre a mesquinhez e a miopia existencial; sobre o amor, a solidariedade, a pureza de espírito e a compaixão como provocadores dos câmbios existenciais e sociais que vinham aparecendo e que vinha observando; como detonadores de pequenos “milagres”. A proteção e a preservação dos valores essenciais à existência humana:

Lembro de uma parte de *Ecce Homo*, de Nietzsche, no qual diz que “manter a grandeza de sua tarefa livre de vários impulsos mesquinhos e míopes que se possam mostrar nas ações desinteressadas, essa sim é a tentação, é a prova final”. Obviamente que Nietzsche está falando sobre a superação da piedade. Mas eu trago esta frase para tentar registrar aqui que a intenção pura e sincera de ajudar de alguma maneira a estas criaturas, e a recepção e atenção que tenho recebido deles, tão carentes de tudo, mantém a grandeza desta tarefa, deste intento, do “Érase otra vez...”. Não existe lugar para a mesquinhez e a

miopia existencial nesta bonita tarefa desinteressada e amorosa. As tentações fugazes e promiscuas jamais vão manchar nossas intenções, tanto de minha parte, quanto da parte deles. Acredito que aí está o resultado que temos logrado. É interessante pensar que o Amor, a Solidariedade, a Pureza de espírito e a Compaixão têm sido os provocadores desses câmbios existenciais, sociais e muito particulares que tenho acompanhado aqui dentro. Têm sido os detonadores desses pequenos milagres que têm ocorrido neste lugar já nem tão inóspito e hostil. (Ap. N, Reg. 14, p. 177, L. 12-26).

Seguindo em frente, no mesmo registro continuei com uma reflexão sobre a privação de liberdade e tantas coisas importantes imprescindíveis à condição humana:

Aqui, neste lugar isolado das pessoas, da cidade, ao mesmo tempo tão pertencido a esta natureza que o rodeia e protege, tanta gente compartilha de um mesmo trauma: a privação da liberdade. A privação de tanto... de tantas coisas importantes, necessárias e absolutamente salutares à condição humana: a privação da alegria, do abraço, do amor, da risada fácil, dos beijos e mimos de seus entes queridos; a privação do toque amoroso e carinhoso de seu bichinho de estimação, seus miados, seus latidos, o que for; a privação de estar com seu parceiro compartilhando um jantar, tomando um mate, fazendo amor, acordando nas manhãs; a privação de estar com seus filhos brincando no pátio, no sofá, na cama antes de dormir, contando histórias ou contos de fadas para acalmá-los antes que o sono chegue; a privação de trabalhar, de proteger seus seres queridos, de cuidar de seus doentes, de enterrar os que se vão, de receber os que têm chegado a este mundo, de ser cuidado pelos seus, de ser protegido e amado em plenitude. Quanta privação do essencial, do divino, especial e necessário a nossa existência! À construção contínua de nosso caráter, de nossos afetos, dos laços mais imprescindíveis à existência humana. Açoitados pela solidão, pelo sofrimento, pelo isolamento e a incerteza, o que restou deles? O que se pode encontrar neste ser enredado no esquecimento da justiça e da sociedade? (Ap. N, Reg. 14; p. 175, L. 16-30; p. 176, L. 1-3).

Saliento que essas dimensões não podem ser ignoradas, porque se mostraram fortes e casmurras _ umas mais que outras _ e durante a leitura e a análise do material, me sobravam informes e dados que não me possibilitavam estreitar relações de aproximação com as outras dimensões, não sem antes espreita-las bem, no intento de revelar alguns indícios mui peculiares que não se “encaixavam” nas indicações observadas pela autora guia neste trabalho, mas que se relacionavam com.

De acordo com minha percepção, os principais sinais que particularizam cada uma delas são:

Dimensão do **Ser Imaginal** ou dimensão do Ser do Imaginário - Reservatório de todas as imagens mentais em estado de alerta ou em estado de sono; de experiências, relações, vivências; sensações, emoções; imagens, símbolos, referenciais. Bacia semântica onde descansa o extraordinário. É onde o real ganha sentido, recebe significação. Onde o real é simbolizado. Dimensão que mobiliza todas as outras. Dimensão motor.

É nesta dimensão que o homem consolida-se como ente simbólico. Célula do fabuloso, da transcendência, do maravilhoso, do fantástico, do mágico, da subjetividade, da transfiguração do real. Dimensão na qual se produz relevância na banalidade cotidiana; onde se metamorfoseia o banal em extraordinário; torna-se o trivial especial, onde o real se transfigura, se desfigura e se reconfigura. Alvéolo, colmeia, teia, rio que produz, reproduz e se autoproduz; gera, sobra, excede significação do comum e do real.

Essa dimensão, assim como a dimensão da Essência do Ser ou dimensão Matriz (sinais a seguir), segundo minha análise, estão circunscritas em posição de paridade com o Ser de Carne e o Ser de Atenção Consciente, sendo assim, também considerada essencial e indispensável nas relações de nosso Ser no, com e para o mundo. A dimensão do Ser Imaginal está sinalizada como um reservatório ancestral da Humanidade presente no âmago de todos os seres vivos, independente de acionamento. Esta dimensão é quem aciona todas as outras, pois é onde habita o imaginário.

Dimensão da **Essência do Ser**- (ou dimensão Matriz)- Intuição; desejo íntimo de, vontade. Vocação. Essência; Ser imaculado, em estado puro; genuíno. Inscrição do código do caráter. Lugar onde habitam os valores que cada ser vivo respeita, acredita e defende. Onde o ato de compartilhar (alimento, dores, o pouco que se tem) floresce. Onde habita o primitivo; cuidado castiço consigo mesmo e com o Outro. Presença de espírito, convicção; preocupação original; a torpeza e nobreza de espírito e de caráter. Onde habita o que “Eu” acredito e defendo independente de estar vinculado ao bem ou ao mal, a ser bom ou a ser mau, à bondade ou à maldade. Onde se potencializa e desencadeia a intenção de revelação de si mesmo. Ser

autêntico, que, impulsionado pelo imaginário, faz, age. Onde reside a impetuosa utopia.

Isocronicamente, a dimensão da Essência do Ser ou Matriz, forma paridade com o Ser de Carne, com o Ser de Atenção Consciente e com o Ser Imaginal (ou dimensão do Ser do Imaginário) no cerne das funções superiores e anteriores as outras dimensões de nosso Ser, formando uma constelação primária, uma constelação à parte, uma constelação fundante do Ser.

Já na dimensão do **Ser de Reflexão**, se dá a compreensão do sentido e consciência da proteção do ato de pensar. Atenção paciente, preocupação atenta com o Outro; conhecer o Outro e o mundo (conhecimento) e a si mesmo (autoconhecimento). O sentido explicado em termos de Ser. *Cockpit* da evolução existencial, da evolução do Ser no mundo real e imaginário.

Sendo assim, a dimensão do Ser de Reflexão é uma dimensão posterior a todas as outras, como se ela fosse consequência, desfecho, corolário, ou não. Ela se revela a partir de; a partir da atuação das outras dimensões em conjunto ou isoladas, ou não.

No caso desta experiência desenvolvida com reclusos, sim, pois em doze registros ela emergiu forte e pertinaz, denotando uma constante na escrita dos registros do “*Érase otra vez...*”.

A dimensão do Ser de Reflexão pode ser (ou não) mobilizada pelos laços conscientes ou inconscientes, não havendo uma precisão de desencadeamento. Faço questão de ressaltar “ou não”, pois nem sempre refletimos sobre nossos atos, apesar de nossas habilidades de ação, por isso ela é uma dimensão que considero posterior ao movimento das outras.

3.2. O Ser-no-mundo como ser em amplitude e constante evolução

Observando a constelação das dimensões expressas em discos de pizza, observei uma convergência singular com a imagem que vislumbra a terceira paisagem ou este terceiro capítulo, titulada como Galatea, onde, neste estudo, o fluxo das esferas representadas na figura significa a inter-relação das dimensões de nosso Ser-no-mundo interconectadas com todas as demais,

formando uma rede de relações sensíveis na formação e na construção do Ser, e neste estudo, do Ser-Professor. Galatea representa a pluralidade do Ser.

Apesar das esferas não estarem visualmente ligadas entre si na figura, simbolicamente elas conformam um poderoso conjunto energético vital, assim como o átomo, a célula, o núcleo do Ser, o Ser.

Salvador Dalí construiu esta imagem com um busto que simboliza Gala, sua esposa, e está composta por uma matriz de esferas que se relacionam harmonicamente entre si, movimentando-se, entrelaçando-se e amalgamando-se formando de maneira singular este ser que é plural, que é coletivo. Esta figura representa, neste trabalho, o funcionamento e o desenvolvimento do ser humano, que, através das suas relações consigo mesmo e com o mundo também segue ciclos, também cresce e floresce, também brota a vida e também cria raízes emocionais e sentimentais ligando-se, doando-se ao Outro sorvendo o néctar e a essência do Outro e doando-se na sua essência e relação com o Outro na sua construção como Ser-no-mundo.

Galatea simboliza a ascensão, a evolução e a transformação do Ser através da expansão espiritual, do equilíbrio, do aprendizado, da experimentação e da experiencição do e com o mundo. Através do fluxo energético o ser humano experimenta cores, sabores, sensações, emoções, sentimentos; vivencia, age, atua, se relaciona, pensa, imagina, analisa, reflete. Ampliando, sentindo, pulsando, ascendendo, evoluindo, expandindo, experimentando, experienciando, ensinando e aprendendo, num eterno vir-a-ser, vai sendo, vai deixando de ser e vai tornando-se outro Ser, numa corrente de fluxo constante, vibrante e permanente.

A Galatea representa este Ser-no-mundo que permanentemente se inventa, se transforma, se deforma e se reforma a cada experiência, a cada vivência. É a representação natural das dimensões de nosso Ser-no-mundo, pois no pulsar de seu âmago, onde lateja a essência do Ser e da vida, o espírito divino faz morada, colocando-nos em uma cosmogonia singular e ao mesmo tempo, plural, com o mundo, com nós mesmos e com o Outro.

A figura original dos discos de pizza é composta por quatorze discos ou esferas (figura 25). Na obra de Salvador Dalí (figura 24) com as cores adaptadas por mim, a figura é composta por várias dessas esferas, remetendo,

assim, ao fluxo das dimensões de nosso Ser-no-mundo, como se uma fosse a representação da outra, numa amálgama sem fim.

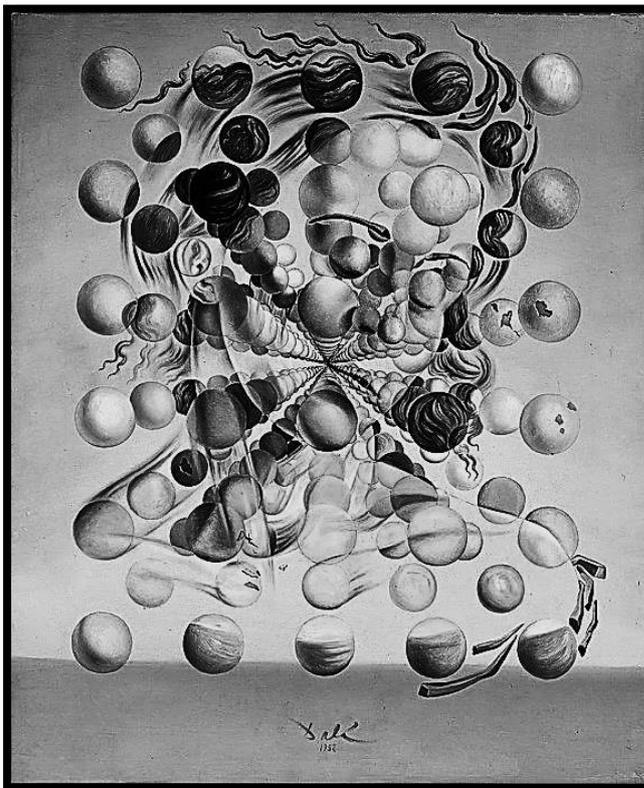


Figura 24: Cópia Galatea, pág. 53.
(Cores modificadas por mim.)

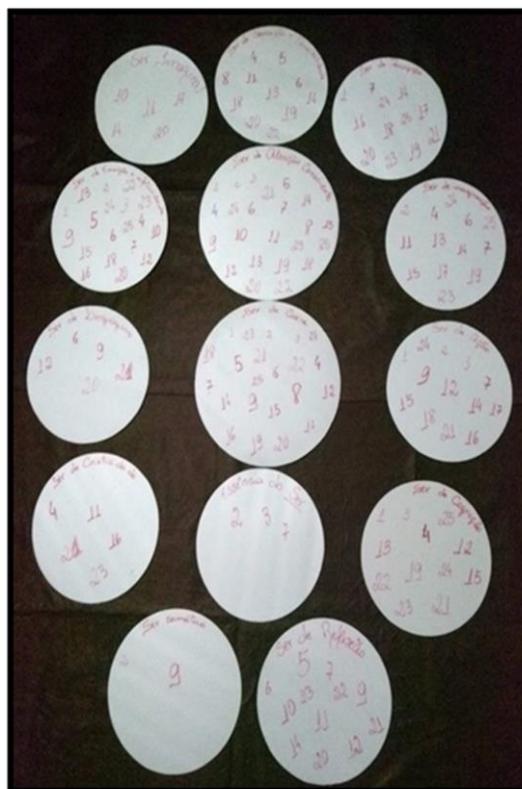


Figura 25: Cópia Constelação maior.
(Figura 9: Página 71 deste trabalho).

No eixo central da figura dos discos de pizza estão as dimensões fundantes de nosso Ser-no-mundo, as *sine qua non*, responsáveis pelas funções superiores e anteriores às demais e correspondem à Essência do Ser, a do Ser de Carne, do Ser Imaginal e a do Ser de Atenção Consciente.

A dimensão do Ser de Ação, não sendo uma dimensão fundante, mas disparadora, está localizada no fluxo para dar efeito de circularidade e movimento entre todas as outras, pois é através da ação/atitude que realizamos o que nos propomos ou imaginamos. Interconectada com as demais ao redor do eixo, estão o Ser de Imaginação, Ser de Sensibilidade, Ser de Cognição, Ser de Linguagem, Ser Somático, Ser de Emoção e Afetividade, Ser de Percepção e Ser de Criatividade, conformando um potente conjunto de particularidades constitutivas e criadoras do Ser.

Por último, não menos importante que as outras, na base da figura, está a dimensão representada pelo singular Ser de Reflexão, evidenciando um “fechamento”, um corolário, deste ciclo ou circularidade no e do Ser que se

inventa e se transforma a cada percurso formativo-experiencial de conhecimento.

Sendo assim, este seria o esquema completo das dimensões de nosso Ser-no-mundo após este estudo:

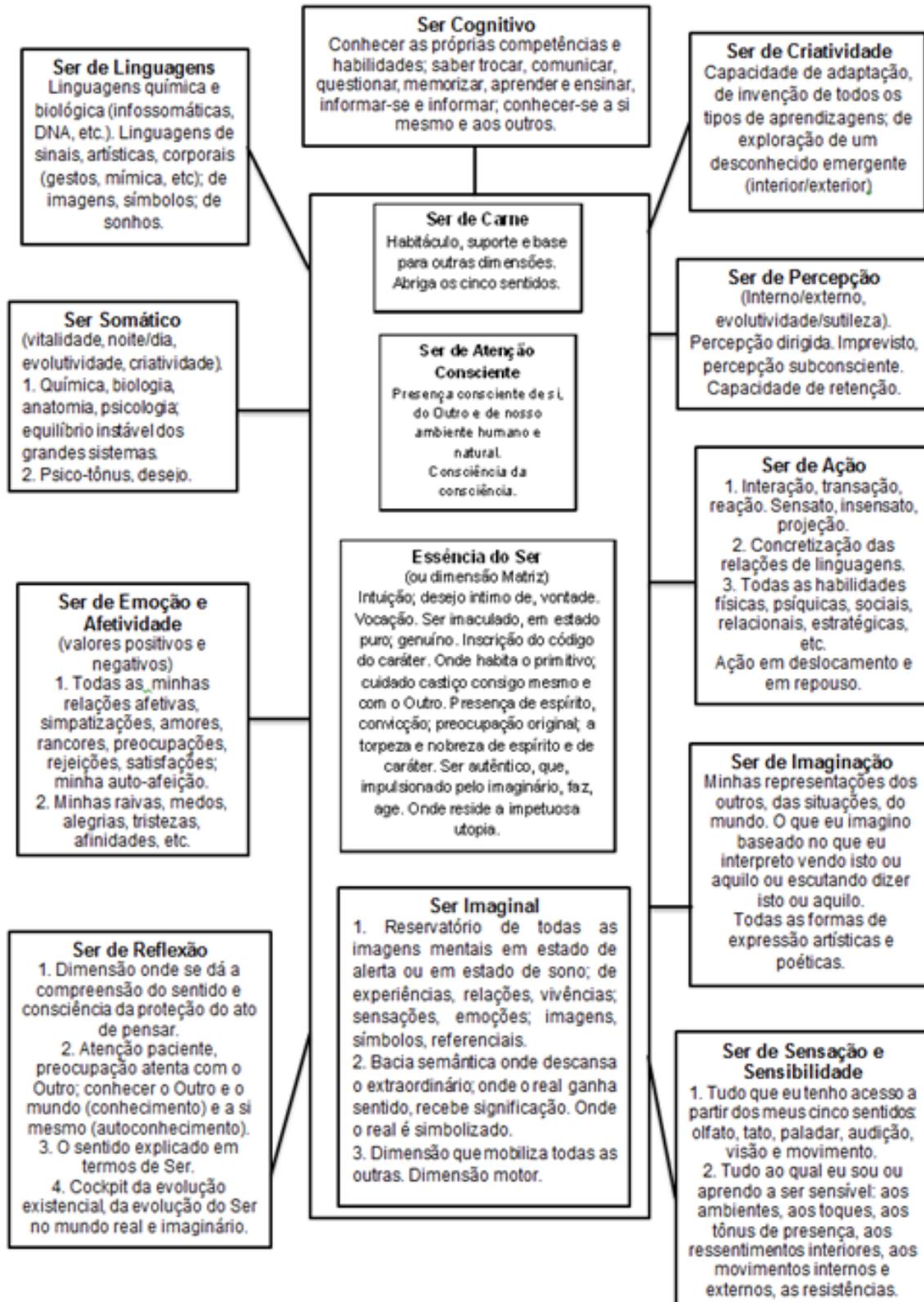


Figura 26: Esquema completo das dimensões de nosso Ser-no-mundo a partir deste estudo.

Com esse panorama sensível, eu chego, por fim, na terceira questão que julguei importante durante este trabalho me entendendo com a minha existência singular enquanto Ser plural, compreendendo que, habitada por tantas vozes, por tantos seres (identidades), fui construindo minha própria narrativa, meu próprio processo de integração em interações com outras subjetividades. Todos somos uma Galatea pulsante e vibrante.

Ao caminhar para dentro do meu Ser na análise desses registros e me tornando uma narradora de mim, fui tomando consciência de mim e de minhas aprendizagens experienciais, tornando-me detentora de minha própria pena na escrita de minha vida sentida e experienciada.

O fluxo desta potência formado pelo conjunto dessas dimensões dá corpo à realidade subjetiva dos fatos narrados e estreita ainda mais a trilha à qual me dirijo: **quais sentidos revelam os registros da experiência realizada nessa prisão...**

PAISAGEM QUARTA



Figura 27: "O ovo cósmico"

Fonte: <https://m.facebook.com/chicomatos95/photos/a.1206143869430661.1073741827.1206135529431495/1206437079401340/?type=3>

Nesta quarta paisagem o “ovo cósmico”⁴⁰ antecipa uma nova amostragem, uma nova possibilidade que se alastra pelas dimensões do ser humano. Assim como o ovo carrega a chegada de uma nova vida, a simbologia desta imagem representa o que se originou no seio desta investigação. Sua imagem me inspira a pensar que, se um ovo rebenta a casca de fora pra dentro, por uma força exterior, a vida cessa, culmina, para, remata. Mas se ele irrompe de dentro pra fora, pela força interior que impele o estalar de sua cápsula, a vida começa. Grandes coisas começam a partir do seu interior, assim como esta despreziosa investigação. Como se os registros contivessem o germe, o fruto da vida que representa o nascimento ou renascimento, a renovação, a floração cíclica da reflexão, inspirando uma cosmogonia sagrada para o Ser no mundo, um equilíbrio cósmico das dimensões de nosso Ser com o mundo e para o mundo.

⁴⁰ Obra de Vladimir Kush, discípulo de Salvador Dalí.

4. Epifania do vivido: a compreensão para uma experiência formadora

Ainda que empiricamente tenha me enredado pelos fios sedosos dos vinte e cinco registros solitários quando da realização do “*Érase otra vez...*”, nas tramas e dramas relatados ao longo de cento e cinquenta páginas escritas à mão e a lápis, revolvi o subterrâneo da vivência quando realizei esse projeto neste mestrado, tornado fonte de análise, tendo a escrita do diário como meu objeto de estudo, buscando o dito e o não-dito, o escrito/registrado e o calado/silenciado, no intento de encontrar e desvelar sentidos para fazer o que eu faço, ocupando o meu lugar no mundo como professora.

Tendo como objetivo central desta investigação revelar os reservatórios do imaginário presentes nos registros analisados, e, a partir das dimensões de nosso Ser-no-mundo que emergiram do diário poder descerrar uma reflexão fundamentalmente voltada para a valorização da Educação e da formação de pessoas nesses espaços de alta vulnerabilidade, encerro esta etapa de trabalho empenhando-me em contemplar as questões norteadoras desta pesquisa: Quais sentidos revelam os registros do “*Érase otra vez...*” e como a coletânea dessas escritas pode auxiliar na área da Educação, pois eles (os sentidos e a coletânea) constituem um importante acervo de saberes formadores e auto-formadores, que instauram novas tramas epistemológicas.

Com os passos metodologicamente planejados e desenvolvidos, pude entrever um corolário para a minha questão de pesquisa, questão que inquietava meu Ser e me fazia pensar nesta experiência com os detentos uruguaios. Descobrir (no sentido de tirar o que cobre) e desnudar os reservatórios do imaginário presentes na minha escrita, ao mesmo tempo que, sem nenhuma pretensão de responder nem explicar nada, pensar numa possível contribuição de meu trabalho na prisão com esta área tão cara para mim: a Educação.

Logo, ao invés de definir, de delimitar, de encaixar ou de explicar, tentei revelar e compreender, através da escrita e dos sentidos expressos e das dimensões de nosso Ser-no-mundo que emergiram da escrita analisada, esses reservatórios presentes nesses registros concebidos como um grande reservatório humano, de intimações passadas e permeadas pelo meio cósmico,

social e psíquico. Através deste trabalho esses registros revelaram e trouxeram à luz, a importância da formação de pessoas em situação de risco e de vulnerabilidade.

A escrita, como meu *locus*, reservatório/motor, canal e ponto de partida, constituiu-se como uma aberta, profunda e inesgotável fonte de dados, interpretações e sentidos, comportando, assim, um olheiro de possibilidades desvelando a necessidade de traçar um caminho capaz de alcançar essas pessoas e trazê-las para o seio de um devir promissor e esperançoso, pois a Educação deve estar em todos os espaços de maneira consciente e sensível. A Educação deve contemplar o direito humano de Ser e de ser Humano dessas pessoas isoladas e estremadas socialmente, pois (como já foi dito na abertura da Paisagem Segunda, p.27) “cada um tem em si as metáforas das imagens mais impossíveis que exploram as camadas do sentimento, da emoção, do pensamento, do imaginário, do poético, e sobre tudo, do Ser” singular, mas plural.

Eis aqui a bifurcação que a investigação nos antecipa. Algumas vezes, não respondemos as questões que realmente nos intrigam, mas, infalivelmente, sempre levantamos mais questões que o previsível (ação de quem aprende), fazendo-nos eternos aprendentes no processo contínuo de fazer-se professor. E isto é, além de bom, necessário.

O arquivamento de mim e da memória do “*Érase otra vez...*” se fez corpóreo em cada palavra escrita, registrada e assentada nas feiras do tempo. A escrita atuando como guardiã da memória do viver cotidiano, guardando, protegendo e perpetuando essa memória... Fazendo-me existir, singular, e, ao mesmo tempo, plural.

No fluir da leitura, percebi que cada registro funcionava como uma pesada alavanca a ser movida na busca de minha aurora existencial como uma possibilidade de mudança. Um frágil e singular raio de luz penetrava em meu Ser fragmentando e iluminando o que estava escondido e encoberto, prevendo um tempo de esperança, um estado de alvoroço, efervescência e câmbio existencial.

De acordo com o esforço despendido e o caminho percorrido, vislumbrava a expressão dos movimentos dimensionais de meu Ser-no-mundo emergindo de cada relato, revelando-me formas e sentidos múltiplos desta

existencialidade singular-plural a qual a teoria que me instruo se preocupa e defende.

O trabalho de pesquisa a partir da narração de histórias centradas na formação permite estabelecer uma perspectiva existencial maleável, fluida que se aprimora, se revigora e se transforma impondo um novo tônus no ato de criar e recriar sentido e novas formas de existir. No caso deste trabalho, a partir de uma rememoração e por meio da relação sujeito-objeto que floresceu o conhecimento, num processo dinâmico de um constante vir a ser.

Estamos constantemente sendo e vindo a ser alguém, estamos em constante movimento de transformação, de evolução através do movimento de nossas identidades existenciais. Este processo colocou em evidência a pluralidade, a fragilidade e a mobilidade das minhas identidades existenciais ao longo da escrita dos registros.

Peregrinar pelos *senderos*⁴¹ deste *locus* tecido por esses tipos de linguagens tão peculiares, atravessado por um cuidadoso planejamento pedagógico, impregnado de poesia e lirismo, encharcado de cuidado com o Outro, mobilizou minha memória neste percurso formativo e desencadeou um processo de reflexão importante sobre os saberes de um novo caminhar, assentando importantes elementos constituidores da minha opção pela docência.

Através da leitura, interpretação e compreensão dos sentidos expressos, do mapeamento dos tipos de linguagem encontradas no texto, e, a partir de ilações, aproximações e cruzamentos na totalidade da obra (o diário onde estão os registros pesquisados) ultrapassei o limiar deste parêntese que esta escrita representa e, na minha compreensão, anuncio um conhecimento muito particular de mim que aprende ensinando e ensina aprendendo, refletindo e evoluindo tanto no meu trajeto como docente como em meu trajeto existencial.

O “ovo cósmico” que esta última paisagem antecipa representa a imagem de uma Seila antes de trabalhar na prisão, que já não é mais a mesma Seila depois do encerramento do “*Érase otra vez...*”, tampouco é a mesma

⁴¹ Vocábulo em espanhol que significa trilha, caminho, estrada.

Seila depois deste trabalho de investigação. Ele antecipa esta metamorfose que a reflexão propicia.

Rumando pelo viés da expressividade, a trilha imaculada deixada pelo sentido expresso nesses registros me indica uma identidade que se consolida pela reflexão dos saberes e fazeres meus. Ao mesmo tempo que resgata minha experiência, minha vivência nesse contexto, minhas certezas e incertezas e a interação com outros sujeitos - neste caso os reclusos - revela dois momentos marcantes de transformação: um a partir da execução do “*Érase otra vez...*” (*Erlebnis*) e outro a partir do regresso aos registros, análise e construção desta meta-reflexão (*Erfahrung*).

O primeiro momento – *Erlebnis* – denota um momento de prática, de vivência resultando numa experiência, por ser acompanhada de momentos de reflexão avaliativa sobre o que foi feito, sobre as condições do que foi e do que não foi realizado, sobre dificuldades encontradas e perspectivas de mudanças para prosseguir. Naquele momento, a dimensão formadora da minha prática me possibilitou formular o que havia sido compreendido nas atividades empreendidas, me formando e me transformando.

O segundo momento – *Erfahrung* – me compromete como sujeito de minha formação, onde a leitura instigante dos registros tornou possível compreender dinâmicas e sentidos, permitindo um duplo movimento de consciência, onde a responsabilidade do meu vir a ser e os sentidos que eu crio pertencem a mim, fazendo parte da minha prática reflexiva sobre a minha vivência assentada nos registros.

A *Erfahrung* (experiência) realmente acontece quando a tomada de consciência é desencadeada. A consciência da consciência desencadeada quando eu me aproprio do que eu percebo e aprendo. A figura de Dalí nesta última paisagem encerra este sentido e antevê possibilidades de renovação e floração através do sensível, inspirando uma cosmogonia sagrada entre Imaginário, Educação e Memória.

Peregrinando, tecendo, sendo atravessada por momentos-charneira ou choques perceptivos, vou me reorientando e confrontando-me comigo. Um feroz estranhamento levando a um novo e sutil entranhar-se que se renova e quebranta o meu Ser.

Vou fiando, desfiando, alinhavando, cerzindo, remendando, mas tecendo minha existência no verdadeiro sentido do Ser, da terna cumplicidade do Estar, das inúmeras relações que envolvem o Sentir. No grande tear da vida vou chuleando, juntando, remendando, tramando os outros em mim e minhas marcas nos outros, pregando aqui e acolá com os suaves e resistentes fios do saber-saber, do saber-ensinar, do saber-fazer, mas sobre tudo, do saber-aprender.

O desvelamento desses períodos através do “pisar e repisar” foi fundamental para a compreensão e a consciência do meu lugar e da minha marca no mundo. A articulação entre a reflexão sobre a prática e a experiência contidas nos registros e a meta-reflexão que floresce neste texto, influenciam e influenciarão sobre a gestação de imaginários e de possibilidades na minha formação existencial e identitária.

Como uma grande arca recheada de retalhos multiversos, o imaginário, como reservatório/motor que significa minha escrita, onde o motor que me impele nesta jornada, vai relacionando memória e aprendizado, minha história com as histórias e o mundo dos outros, formando, assim, uma existência de sentidos vários.

Confrontando-me comigo, vou caminhando pra mim, vou me conhecendo, me reconhecendo e recuperando a minha e a memória do “*Érase otra vez...*”, ressignificando fragmentos do passado em conexão com a reflexão no presente, promovendo projeções para o futuro, nos inscrevendo no mundo que o cotidiano abraça, num vaivém *continuum*, compreendendo, explicando, interpretando, retesando, descobrindo, pois formamo-nos quando integramos na nossa consciência, nas nossas experiências e atividades, aprendizagens, descobertas e significados inseminadores de nossas ações e anseios.

O que me move a imprimir a marca digital simbólica do ser, de mim nos outros e dos outros em mim, e no mundo, me incitando, me impulsando a fazer o que eu faço, a ser quem eu sou e a reconhecer-me como sujeito central da minha própria formação e da minha própria transformação.

Sempre senti a prisão como um purgatório não como um inferno como já ouvi de muitos, mas um purgatório onde expiamos nossas culpas, nossas misérias humanas, que tantos de nós melancolicamente sucumbimos engolidos e fustigados pela nossa própria incúria e ignorância, gerando aflição e dor pra

nós mesmos e os outros, sonhando com o perdão, uma bem-aventurança qualquer, uma outra paisagem ou uma redenção que, talvez, nunca chegue.

Exilada em mim, empurrei a pesada alavanca que abria o grande portal de minha memória, e baixei, acompanhada pelos poetas⁴², a escadaria que levava aos úmidos porões embolorados de meu Ser. Ali fiquei por dias a fio, esquecida e entretida em meio as feiras de mim, arquivadas entre 2013 e 2015. Da janela de meu aposento, vislumbrava sempre, pousado sobre o velho muro enrugado pelo tempo, um *pitangus sulfuratus*⁴³ que me avisava sempre os turnos que estavam por vir, mas eu seguia, porfiosa e irreduzível, a jornada que cabia somente a mim nesta investigação, nesta *Erfahrung*. Porque, sim, é uma jornada solitária.

A trilha foi íngreme, áspera, estreita e alcantilada. Ao encontrar a aurora do meu processo de aprendizagem e formação, evoquei a passagem do canto XXVII do Purgatório, onde o Anjo do Senhor diz a Dante: — *Por aqui não se passa sem que se sofra o calor do fogo*. A cada registro lido e esgotado em seus sentidos, sofri o calor do fogo da compreensão e do entendimento me consumindo, lentamente, imprimindo, marcando, com sua força, minha alma, minha aura, minha essência, num processo abrasador de uma amálgama sem fim. Ninguém passa incólume pelo fogo da *Erfahrung*.

Galgar esta trilha em mim foi deveras extenuante, mas profundamente formadora, pois problematizar uma intervenção já realizada em um contexto de alto controle, adormecida nas alas do tempo, à luz do imaginário e dos processos formativos, me proporcionou alcançar um limiar de compreensão e reflexão que me conferiu, como sujeito e matriz de minha formação, ser a cinzeladora de minha própria existência.

Ao emergirem as sete dimensões que mais tiveram força e pregnância dos registros - Ser de Sensação e Sensibilidade, Ser de Cognição, Ser de Percepção, Ser de Imaginação, Ser de Ação, Ser de Emoção e Afetividade e Ser de Reflexão - percebi que, apesar de afetuosamente serem todas complementares e necessárias as outras sete - Essência do Ser, Ser de Carne, Ser Imaginal, Ser de Atenção Consciente, Ser Somático, Ser de Linguagens,

⁴² Assim como o poeta Virgílio teve como missão sua guiar o seu discípulo Dante até as portas do Paraíso, assim também, me senti guiada por Dante e pelos autores, nesta peregrinação em mim.

⁴³ Bem-te-vi ou grande-kiskadi. É uma ave passeriforme da família dos tiranídeos.

Ser de Criatividade - as primeiras conformam um conjunto mui peculiar e sensível capaz de transformar pessoas, ambientes, relações, e assim, transformar o mundo, mantendo viva a centelha que envolve a semente de luz que habita cada um de nós.

REFERÊNCIAS:

ALIGUIERI, Dante. **A Divina Comédia – Inferno/Purgatório/Paraíso** – São Paulo: Editora 34, 2014.

ARRUDA, Francimar. **A linguagem do Imaginário**. Revista Letras de Hoje, Porto Alegre, Vol. 44, n. 4, p. 14-18. 2009.

ARTIÉRES, Philippe. **Arquivar a própria vida**. Revista de Estudos Históricos, p. 9-34, 1998.

BACHELARD, Gaston. **O Direito de Sonhar**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1986.

_____. **A Psicanálise do Fogo**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

BAUMANN, Zygmund. **Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 2004.

BROOK, Peter. **A Porta Aberta**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

CAMPOS, Augusto de. **Emily Dickinson: Não sou ninguém**. São Paulo: Editora Unicamp, 2015.

CÂNDIDO, Antônio. In: Outros escritos: **O direito à literatura**. Rio de Janeiro, Ouro sobre Azul, 2009.

CERVANTES, Miguel de. **O engenhoso cavaleiro D. Quixote de La Mancha – Segundo livro**. São Paulo: Editora 34, 2007.

DALÍ, Salvador. **A Divina Comédia de Salvador Dalí**. Brasília: Câmara dos Deputados, Coordenação de Publicações, 2002.

ASOCIACIÓN DE ACADEMIAS DE LA LENGUA ESPAÑOLA. **DICCIONÁRIO DE LA LENGUA ESPAÑOLA**. Madrid: ESPASA, 2001.

GIL, José, CRISTÓVAM-BELLMAN, Isabel, **A Construção do Corpo ou Exemplos de Escrita Criativa**. Porto: Porto Ed., 1999.

JOSSO, Marie-Christine. A imaginação e suas formas em ação nos relatos de vida e no trabalho autobiográfico: uma perspectiva biográfica como suporte de conscientização das ficções verossímeis com valor heurístico que agem em nossas vidas. In: PERES, Lucia Maria Vaz (Org). **Essas coisas do imaginário**. São Leopoldo: Oikos; Brasília: Liber Livro, 2009. p.118-147.

_____. Processo Autobiográfico do Conhecimento da Identidade Evolutiva Singular-Plural e o Conhecimento da Epistemologia Existencial. In: ABRAHÃO, M. H., FRIZON, L.M.B. e BARREIRO, C.B.(Orgs.). **A nova aventura (auto)biográfica**. Tomo I. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2016. p. 59-89.

_____ ; Trad. Albino Pozzer; Coord. Maria Helena Menna Barreto Abrahão. **Caminhar para si**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010.

_____. **Experiência de vida e formação**. Editora Cortez. 2004.

_____. **A transformação de si a partir da narração de histórias de vida**. Revista Educação PUCRS. Porto Alegre/RS, ano XXX, n. 3 (63), p. 413-438, set./dez. 2007.

_____. **Proceso autobiográfico de (trans)formación identitaria y de conocimiento de si**. Revista Mexicana de Investigación Educativa [en línea] 2014, 19 (Julio-Septiembre). Acesso em: 10/04/2017. Disponible en:<<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=14031461005>>ISSN1405-6666.

_____. **Conocer el cuidado de si mismo para mejorar el cuidado del prójimo**. Revista Rizoma freireano-Rhizome freirean, nº. 11, 2011. Instituto Paulo Freire de España.

MANCELOS, João de. **Introdução à Escrita Criativa**, 2ª edição. Lisboa: Edições Colibri, 2010.

MONTERO, Rosa. **A louca da casa**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

PERES, Lúcia Maria Vaz. **Dos saberes pessoais à visibilidade de uma Pedagogia Simbólica**. Tese (Doutorado em Educação). Porto Alegre: FAGED/UFRGS, 1999.

_____. Apontamentos sobre polarizações mítico-simbólicas: matriciando a escrita (auto)biográfica de estudantes de pós-graduação. In: **Coleção Pesquisa (auto)biográfica: temas transversais, 7/ Territorialidades: imaginário, cultura e invenção de si**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2012.

_____. O imaginário como matéria sutil e fluída fermentadora do viver humano. In: PERES, Lucia Maria Vaz (org). **Essas coisas do imaginário**. São Leopoldo: Oikos; Brasília: Liber Livro, 2009. p.103-117.

ROSA, Guimarães. **Primeiras Estórias**. Editora Nova Fronteira - Rio de Janeiro, 1988, pág. 32.

SILVA, Juremir Machado da. **Tecnologias do Imaginário**. 3ª Ed. Porto Alegre: Sulina, 2012.

_____. Diferença e descobrimento. O que é imaginário? A hipótese do excedente de significado. Porto Alegre: Sulina, 2017.

THIES, Vania Grim; PERES, Eliane. **Quando a escrita ressignifica a vida: diários de um agricultor – uma prática de escrita “masculina”**. Revista Brasileira de Educação v. 14 n. 41 maio/ago. 2009.

THIES, Vania Grim. **Arando a terra, registrando a vida: os sentidos da escrita de diários na vida de dois agricultores**. Dissertação (Mestrado), Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, 2008.

Apêndices

1 **Apêndice A: Registro 1**

2 Registro 1:

3 Projeto "Érase otra vez..."

4 Pareceu-me muito difícil estruturar este projeto, pois são ambiente e
5 contexto social bastante vulneráveis, além de ser muito especial visto que a única
6 diferença entre nós, eu e os detentos, são as grades, nada mais.

7 Em uma conversa, um dia depois que o havia enviado a Prof. Aline para analisá-
8 lo, ela me disse que esse não era um contexto escolar, de aprendizagem normal, que
9 era um contexto especial, e que o projeto deveria contemplar as peculiaridades
10 deste contexto. Confesso que pareceu-me um pouco complicado, mas,
11 imediatamente, busquei uma solução e comecei a estudar e a fazer cursos pela
12 internet. Comprometi-me e envolvi-me com este "hermoso", mas difícil tema.

13 Com muitas ganas e algumas dificuldades, sobretudo, relacionadas à falta de
14 tempo, consegui concluir com grande sucesso os cursos de "Reintegração social" e
15 "Psicologia Social" feitos online, cada um deles com carga horária de 60 horas de
16 estudos.

17 Para o início, preparei um questionário para saber com quem vou trabalhar: a
18 formação profissional, se estudam, se leem, se escrevem; o que eles gostam de
19 fazer dentro e fora da prisão; quais autores conhecem, essas coisas. Soube que vou
20 ter quatorze alunos, mas não sei quantos homens nem quantas mulheres.

21 Esta será uma experiência muito especial. Sinceramente, sinto um pouco de
22 receio pela falta de experiência profissional. Parece mentira que aos 43 anos não
23 tenha tido experiência nesta área, por toda minha motivação e questões que
24 sempre têm me deixado perplexa.

25 Eu adoro trabalhar, lidar com pessoas e acredito que será um lindo tempo de
26 aprendizagem, tanto para eles, mas mil vezes mais para mim.

27 A proposta do "Érase otra vez..." é aplicar a literatura intencionalmente para
28 trabalhar o resgate de valores morais através da escritura. Eu me pergunto: o que
29 vai acontecer?, vou consegui-lo?, será que minhas aulas serão úteis?, será que as
30 aulas não vão ser aborrecidas e chatas?

1 Bom, o caminho se faz ao caminhar, nos disse Antônio Machado. "Caminhante,
2 são tuas marcas o caminho e nada mais". Espero poder deixar marcas no coração de
3 cada um deles. De toda minha alma e coração quero entregar-lhes todo o meu amor,
4 minha ternura e dedicação possíveis.

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14

15

16

17

18

19

20

21

22

23

24

25

26

27

28

29

1 **Apêndice B: Registro 2**

2 Registro 2:

3 Amanhã começo na prisão Conventos, na cidade de Melo, estado de Cerro
4 Largo, com o Proyecto de Literatura y Cultura "Érase otra vez...". O objetivo
5 principal do projeto é que os reclusos aprendam algo sobre literatura, que reflitam
6 e escrevam outros finais, outros começos, outras possibilidades; que tenham
7 outras perspectivas. Vão conhecer vários tipos de textos literários e não literários
8 e desenvolver habilidades de leitura, interpretação, compreensão, reflexão e
9 técnicas de escrita criativa.

10 Estou nervosa e ansiosa. Não sei como vão me receber. Meu amigo policial
11 está muito contente e animado e se sente muito agradecido pela iniciativa. Disse
12 que estão todos me esperando muito alegres e esperançosos.

13 Para mim é algo de grande responsabilidade. É uma grande responsabilidade
14 social e uma decisão muito delicada para mim, posto que toda minha vida escutei
15 que "bandido bom é bandido morto". Que coisa!

16 Meu amigo me disse que vou tratar com criminosos diversos: assaltantes,
17 narcotraficantes, viciados, estelionatários, homicidas, ladrões e não sei que tipo de
18 pessoas mais. Para o primeiro dia, vou apresentar o projeto e tudo que se refere a
19 ele; entregar meu questionário específico para que possa conhecê-los um pouco
20 mais e a seus hábitos de leitura, e conversar sobre como vão funcionar as aulas;
21 vou contar um pouco de mim. Bom, são planos.

22 Que Deus nos abençoe a todos! Saio às 6h da manhã.

23 (...)

24 São 4h30min da manhã e passei a noite me revirando na cama. Dormi muito
25 mal. Sinto-me ansiosa e muito nervosa. Sairei às 6h.

26

27

28

29

30

31

1 **Apêndice C: Registro 3**

2 Registro 3:

Primeiro encontro

3 Cheguei às 9h15min na praça central de Melo. Estive na delegacia e conversei
4 um pouco com os policiais que estavam ali. Meu amigo policial chegou às 9h40min.
5 Fomos para a prisão. A paisagem é muito linda... Maravilhosa!

6 Os alunos já me esperavam na sala de aula. Todos muito respeitosos e muito
7 educados, quase uma servidão.

8 Estava muito nervosa, me equivoquei em algumas estruturas sintáticas do espanhol
9 em alguns momentos. Vi muita esperança em seus olhos e espero não decepcioná-
10 los. É muito importante que esta semente cresça e amanhã, quem sabe, possamos
11 compartilhar outros projetos mais, e outros momentos mais.

12 A manhã passou muito rapidamente e a verdade é que passamo-la muito bem.
13 Todos contaram suas coisas, seus desejos, suas expectativas, seus medos. Percebi
14 que alguns escolhiam algumas palavras antes de me falar, outros, tímidos, falavam
15 baixinho e todos silenciavam para escutar o que diziam. No total, são quatorze
16 alunos: quatro homens e dez mulheres. Tenho um senhor que me disse que já leu de
17 tudo que se pode imaginar; uma menina que já fez parte da elaboração e edição de
18 um livro; um rapaz professor de inglês; um técnico em eletricidade; um rapaz muito
19 jovem e muito gentil me falou de sua mãe que está doente; uma moça com grandes
20 olhos verdes, muito gentil, simpática, que estava sempre me olhando de longe.
21 Havia uma neném de um aninho, linda e muito doce. A bebê me pedia que eu a
22 levasse até a janela para ver o que se passava no pátio interno. Muito terna e
23 mimosa.

24 A aula se foi até às 11h30min. Não quis dar-lhes a tarefa que havia preparado
25 porque me dei conta que era muito simples e que o nível dos alunos estava além do
26 que eu havia preparado.

27 Ao final, ao despedirmo-nos, me perguntaram se havia possibilidade de
28 ficarmos todo o dia trabalhando.

1 Quando se foram, fiquei sozinha na sala de aula olhando para a porta, um
2 pouco melancólica. Curiosamente queria ficar um pouco mais com eles, no entanto,
3 era só o primeiro dia, tinha que pedir autorização para ficarmos um pouco mais.

4 Pareceu-me muito bom este primeiro encontro, na verdade, melhor do que eu
5 esperava. Falamos da arte de ler e escrever, da literatura como arte da expressão
6 através da palavra; da literatura como expressão artística assim como o teatro, a
7 pintura, o desenho, o cinema, etc; da literatura como expressão dos valores
8 humanos, de sentimentos, de multiculturalidade, da realidade, dos sonhos e dos
9 desejos; da literatura como expressão do real e do não-real.

10 Apesar de estar nervosa no início, ao longo da aula os assuntos foram se
11 misturando e um puxava outro. Falamos sobre sensibilidade em ler determinados
12 textos, que uns nos tocam mais profundo que outros. Curioso como eles ficaram
13 entusiasmados com o assunto. O técnico em eletricidade me disse que tinha
14 pensado que a aula seria muito chata, mas que ele gostou. Isso me deixou bastante
15 tranquila. Não quero deixar suas vidas mais aborrecidas e terríveis do que já são.
16 Quero aliviar-lhes o peso da culpa e da solidão. Quero mostrar-lhes que existe um
17 mundo possível, o da imaginação, e que eu também era privada de liberdade, mas ao
18 manter a imaginação acesa pude transcender a solidão e a tristeza.

19 (...)

20 Almoçamos e saímos a passear pela chácara. Meu amigo me mostrou os vinte e
21 oito leitõezinhos que estavam ali, conversamos um pouco e voltei às 15h30min.

22 Alguns nomes já sei de cor.

23 Ao longo da viagem de volta pra casa, vim pensando na extrema importância
24 da paciência para escutar o outro, da sensibilidade e delicadeza em colocar-se no
25 lugar do outro, e do respeito ao outro como dever e direito universal e natural de
26 cada um.

27 Fazê-los pensar e raciocinar sobre o ato de ler, fazê-los analisar e valorizar o
28 grande legado cultural que recebemos e temos recebido ao longo do tempo é um
29 dos objetivos do "Érase otra vez...". Se não quisermos ser escravizados,
30 manipulados e subjugados mental e culturalmente, temos que ler para robustecer-

1 nos de instrumentos e ferramentas que nos permitam combater o destino que
2 outros nos forjam ou nos impõem. Saramago nos ensina que é necessário ler e
3 escrever para entender o mundo e para entendermos melhor a nós mesmos.

4 Pensar, ler e escrever, se aprendem pensando, lendo e escrevendo, não tem
5 outra opção. Não é difícil lográ-lo. Temos que ter paciência, persistência,
6 observância, e, sobretudo, fé e amor.

7

8

9

10

11

12

13

14

15

16

17

18

19

20

21

22

23

24

25

26

27

28

29

30

1 **Apêndice D: Registro 4**

2 Registro 4: Segundo encontro

3 Estou na rodovia. Estou com sono e um pouco cansada. São 20h39min. A noite
4 chega de repente me avisando os perigos de dirigir com sono. Hoje me levantei bem
5 cedo, às 3h50min. Levantei, tomei banho, tomei café, organizei as coisas no carro e
6 saí às 4h40min para Melo. A cidade dormida e silenciosa não reparou na alegria que
7 me enchia a alma e todo meu ser.

8 Na metade do caminho desci do carro para observar a neblina. Não se via
9 nada, estava fresca e podia senti-la na pele. Não se escutava nada, somente os
10 insetos noturnos. Arranquei e segui adiante em direção ao meu destino. A neblina,
11 um pouco mais densa me fez lembrar uma entrevista de Eduardo Galeano que havia
12 preparado para hoje: o direito ao delírio. É um dos textos mais lindos que eu já li.
13 Tem a ver com o direito de sonhar.

14 Enquanto dirigia, observava que quanto mais me aproximava e entrava na
15 neblina, era como se ela caminhasse e estivesse sempre adiante, como a utopia.
16 Galeano explica na entrevista que a utopia está no horizonte e ainda que ele saiba
17 que nunca poderá alcançá-la, porque ainda que caminhe dez passos ela se
18 distanciará dez passos, quanto mais se aproxime dela, se distanciará, porque a
19 utopia serve pra isso, para fazer-nos caminhar. Sim, a utopia, os sonhos, a
20 esperança, servem para mover-nos para adiante.

21 A luz do carro iluminava a neblina e já não era escuro. A névoa me mostrava
22 que o caminho é este: de esperança. Sementes de esperança...

23 O dia passou muito rápido. Cheguei, fui cumprimentar o pessoal que estava
24 trabalhando, depois à cozinha para tomar um café quentinho. O padeiro me
25 presenteou um pão pequeno que recém tinha tirado do forno. Fui para a sala de aula
26 organizar as coisas. Trouxe tudo do carro: o aparelho de som, a caixa
27 amplificadora, o material de trabalho e dois potes com bolo que havia feito para
28 comermos de tarde, na cancha de futebol.

29 Aos pouquinhos, foram chegando devagarinho, um pouco tímidos, ficavam
30 parados na porta e eu recebi a todos com um sorriso de alegria e um abraço forte.

1 Cada um buscou um lugarzinho e eu os olhava atentamente enquanto se
2 cumprimentavam e se sentavam. Pareciam um pouco retraídos.

3 Percebi que havia sentido falta deles. Queria estar ali. (Tenho que ir agora, a
4 noite chegou rapidamente. Já são 21h15min e faltam uns 100km ainda).

5 (...)

6 Cheguei em casa bastante tarde. Estou moída, mas me sinto muito
7 recompensada pelo dia que tivemos.

8 Iniciamos a aula com a proposta primeira: suas percepções sobre os textos
9 que eu havia entregue para ler no período entre aulas sobre a importância da
10 leitura e da compreensão leitora.

11 Devo destacar que S. F. se sobressaiu lendo os textos. Todos lemos juntos,
12 cada um leu uma parte, um parágrafo, mas percebi que alguns deles têm grande
13 dificuldade para compreender os textos. Leem mais ou menos. O único que lê com
14 entonação das interrogativas e exclamativas é S. F.. Aos outros, parece que o
15 texto não significa muito, ou, nada. É curioso como leem como se fosse uma receita
16 de gastronomia ou uma bula de remédio. Não tem entonação, não existe admiração,
17 as pausas existem, mas não lhes desperta nada, nenhuma expressão. É como si tudo
18 que leem não passam de coisas completivas, constatações. Leem mecanicamente,
19 parece.

20 Neste momento tive que improvisar. Busquei na minha pasta de materiais um
21 diálogo que havia preparado para o encontro terceiro e já o adiantei. Eu o reparti
22 entre eles e pedi que uns dois ou três o lessem. Igual. Nenhuma emoção, nada de
23 assombro, nem risada, nem nada. Juntei-os em duplas e pedi que fizessem uma
24 "dramatização" do texto. Que a melhor dramatização ganharia um pedaço de bolo.
25 Ficaram entusiasmados e leram um pouco melhor, pelo menos se colocaram mais
26 "dramáticos" com caras e caretas. Hehehe Foi divertido.

27 É estranho como me olhavam com interrogações no olhar, como se eu fosse
28 suspeita, como se eu ocultasse algo. Mas não quis saber. Acredito que o melhor que
29 pode passar é desfrutar-se dos encontros e ir conhecendo-nos pouco a pouco. Eu
30 não sinto medo deles. Gostei de estar aí. Sinto-me como se estivesse em casa.

1 Bom, ao final da dramatização deles, convidei S. F. para ler o diálogo com a
2 entonação correta, e a verdade é que nos saímos muito bem!

3 Por fim, comemos um pedacinho de bolo e brindamos com um copo d'água,
4 enquanto escutávamos o áudio original do diálogo: Os perigos de dizer sim. Todos
5 gostaram do áudio e gerou algumas histórias a mais. Contaram como é difícil estar
6 na prisão, o ambiente com muito barulho, a falta do que fazer, o não poder fazer
7 nada, os gritos, a submissão à qual estão expostos, enfim, eu os escutei com
8 atenção e um grande silêncio se fez. Todos me olhavam como se esperassem que eu
9 lhes dissesse algo. Baixei minha cabeça e pude escutar lágrimas que se derramavam
10 silenciosamente. Levantei-me e pus o vídeo da cantora russa Helene Fischer
11 cantando a Ave Maria em alemão.

12 Foi uma comoção muito forte.

13 Apesar de saber que estavam ali por algum motivo que desconhecia, eu tinha
14 diante de mim pessoas, seres humanos, seres que não souberam lidar com suas
15 emoções, com suas falhas, com suas frustrações e cometeram algum delito, como
16 eu, como tu, como qualquer um de nós. Não temos o direito de julgar ninguém.
17 Ninguém nos deu este direito, e, além disso, quem esteja sem pecado, que atire a
18 primeira pedra. Mas, não podemos esquecer de que as vítimas, algumas, já não
19 estão e não podem compartilhar sequer um momento de risos, um abraço, um bolo,
20 por exemplo.

21 Olhei todos com uma compaixão do tamanho do céu e lhes falei que a vida é
22 demasiadamente boa para estarmos com pena de nós mesmos. Que deveríamos ser
23 gratos por poder compartilhar este lindo momento e que eles poderiam, sim, mudar
24 o futuro e o mundo, bastasse que tivessem atitude. Atitude para a mudança.
25 Abracei a cada um deles e os convidei a ir para a cancha de futebol para que
26 pudessemos conversar ao ar livre.

27 Saímos da sala todos juntos. Eles saíram na minha frente e na entrada do
28 corredor principal em direção à saída se abriram para que eu tomasse a dianteira.
29 Todos me seguiram em silêncio até o balcão onde pedi autorização ao guarda de
30 turno.

1 Saímos pela porta de entrada e fomos até a cancha que fica uma distância de
2 uns 50m desde a porta da prisão. Ali nos sentamos à vontade. Eram como crianças,
3 se portavam com obediência e respeito comigo. Escutavam-me atentamente e
4 faziam tudo o que eu lhes pedia ou dizia.

5 Conversamos sobre literatura, sobre estrutura narrativa e escrita criativa.
6 Todos me disseram que não sabiam escrever, uns dois ou três que não gostavam.

7 Alguns de nós cantamos algumas músicas e a todos que cantavam, nós os
8 aplaudíamos. Ao final, nos levantamos, nos demos as mãos fazendo uma roda e
9 agradecemos por poder compartilhar este dia.

10 Ao voltar pra aula, ficaram silenciosos e de cabeça baixa. Creio que eles
11 gostaram de estar ali. Eu adorei! Sinto-me bem.

12 Ao meio-dia, cada um voltou para sua cela me prometendo que logo voltariam.
13 Da sala de aula, sozinha, fiquei escutando-os comentar sobre termos ido para a
14 cancha, sobre os que cantaram. Se riam uns dos outros. Pareciam tranquilos.

15 Almocei com os policiais. Comemos massa com molho que eles chamam de
16 pesto. Estou aprendendo uma porção de palavras novas: pesto, pila, guita,
17 chiquitín... Adoro aprender!

18 (...)

19 Enquanto estava terminando de almoçar já estavam todos me esperando na
20 sala de aula.

21 Seguimos, primeiramente, retomando sobre o que fizemos de manhã: sobre o
22 diálogo e o compartilhar na cancha de futebol. Disseram-me que adoraram o que
23 fizeram. Isso é bom. Foi um começo.

24 A segunda proposta era falar sobre o tema do encontro: "Ficção ou
25 realidade". Iniciamos com as fotos que repartí entre todos que foram,
26 certificando-se se eram fotos de coisas reais, de pinturas ou de desenhos. Esteve
27 muito interessante esta atividade porque pude "enganá-los" com o material que
28 havia levado.

29 Houve uma intensa discussão e ao final lhes mostrei o que era real e o que não
30 era real. A foto da mulher no desenho do leopardo e o prédio que girava em todos

1 os andares foram as duas coisas que mais impactaram. Admiravam-se ao ver a
2 inteligência do homem, a maneira como o homem pode criar coisas incríveis e
3 falavam sobre a magnitude da imaginação humana. Neste momento apresentei o
4 texto de Rosa Montero, sobre "la loca de la casa". Falamos sobre criação, sobre
5 imaginação; as diferenças entre imaginar e mentir; falamos sobre as imagens, o
6 aviãozinho de papel e o monumento do avião que lhes causou assombro; as pinturas
7 hiper-realistas encantou a todos.

8 Parecia que hoje tudo era novo para eles.

9 (...)

10 Depois desta atividade, decidimos nos levantar e compartilhar um momento
11 comendo os bolos de chocolate e banana que eu havia levado pra eles. Algo terrível
12 aconteceu: centenas de baratas tinham entrado nas sacolas dos bolos e os alunos
13 davam pequenos potoques com os dedos e comiam tudo. Eles gostaram muito dos
14 sabores dos dois bolos. Ao compartilhar, aprendi que tem coisas muito piores que
15 baratas: a perda da liberdade. Não existe coisa pior que estar encerrado.

16 Para a terceira atividade, criação a partir de estímulos através de imagens
17 com a finalidade de construir uma história sem importar se verdadeira ou não, com
18 a única observância de escrever algo que eles tivessem vontade. Um deles me
19 perguntou se teria que pensar "para quem" estaria escrevendo. Eu achei incrível a
20 pergunta. Abri um parêntese e falamos sobre a nobre figura do "leitor".

21 Quando escrevemos algo, escrevemos para "alguém". Pode ser para mim
22 mesmo, mas eu sou alguém. Pode ser uma reflexão, nada mais, mas sempre existe
23 um motivo, objetivo ou um receptor de minha escrita. Sempre há uma intenção.
24 Mas, o que não se pode fazer é conhecer ao leitor. No livro Assim falou
25 Zaratustra, Nietzsche diz que "quem conhece o leitor não faz já nada pelo leitor".
26 Temos que ter o cuidado de não corromper-nos, nem o que escreve, tampouco o que
27 lê, para que se possa proteger o pensar.

28 Que sono! Não posso mais pensar. Hahaha

29 Seila

30

1 **Apêndice E: Registro 5**

2 Registro 5:

Terceiro encontro

3 São 3h30min da manhã. Tomo café. Penso em como vão receber a aula de
4 hoje. Como terão passado esses dias? Sinto vontade de vê-los. Está me agradando
5 muito a maneira como as coisas têm acontecido, como as coisas têm caminhado.
6 Esta proposta tem me mostrado algumas coisas: a liberdade é o bem mais
7 apreciado que alguém pode ter, e, como disse Quixote: o encerro é o pior castigo
8 que pode sobrevir aos homens. Por isso, essas pessoas que estão aí necessitam a
9 mais pura, paciente e serena atenção. Uns, condenados a passar mais tempo
10 encerrados, outros, condenados a passar menos tempo, mas os efeitos do cárcere
11 são para toda a vida. Obviamente que cada um reage de uma maneira, mas sempre
12 ficará uma marca.

13 Bom, o tempo está correndo, necessito ir. Saio às 4h. Tudo já está preparado.
14 Tenho 250 km pela frente. Sinto-me motivada, contente, ansiosa por estar com
15 eles e escutá-los, conhecê-los mais, aprender mais com eles, senti-los mais. Hoje
16 será o terceiro encontro do projeto "Érase otra vez...". O tema será "Real ou
17 imaginário". Quero lhes mostrar o quanto a existência pode ser linda ainda que
18 estejamos encerrados e privados de liberdade.

19 (...)

20 São 12h30min. Recém terminou a aula. Deveria tê-la terminado às 11h30min,
21 mas eles pediram ao policial de turno se poderíamos trabalhar até um pouquinho
22 mais tarde e ele nos permitiu. Eles adoram estar na aula e tudo o que lhes tenho
23 trazido. Pela manhã o guarda se manteve vigilante. Entrava e saía silenciosamente
24 da sala de aula. Sentou a escutar o que eu lhes explicava sobre textos literários e
25 não literários. Parece que ele gostou do tema também. Ainda que se perceba que os
26 alunos se sintam bem comigo, notei que eles estavam um pouco intimidados pela
27 presença do policial no fundo da sala.

28 Bom, me chamam para almoçar. Na parte da tarde, na segunda atividade, vou
29 lhes apresentar as tipologias textuais que eu escolhi para que conheçam e saibam
30 diferenciar e formar opiniões.

1 (...)

2 São 20h. A aula terminou demasiadamente tarde. Eles foram pedindo,
3 pedindo, e eu fui ficando, ficando um pouco mais, um bocadinho mais, e o sol se foi.
4 Fez-se noite muito rapidamente. Vou comer uma sopa com eles (com os policiais) e
5 depois da janta vou andar mais 250km de volta pra casa. Vou chegar bastante
6 tarde em Pelotas.

7 (...)

8 São 1h da manhã. Chove bastante. A tormenta me faz companhia. Não tenho
9 sono, percebo que estou bastante agitada. Dormi dirigindo!!! O susto foi terrível.
10 Em um ponto da rodovia me acordei e tive que descer do carro para lavar o rosto e
11 tirar o sono. Sensação assombrosa de terror. Meu coração parecia que ia explodir,
12 batia descompassado. A chuva calma, o escuro, o embalo do limpador de vidros, a
13 música, sei lá, tudo junto me adormeceu os sentidos. Lembro das marcas brancas
14 do lado direito da rodovia. Curioso como me posicionei pelo lado direito. Não sei por
15 quanto tempo dormi, nem por quantos quilômetros. A tormenta está um pouco mais
16 forte agora. É uma tormenta longa, larga, velha, forte. É uma tormenta que me
17 chama a atenção para algo. Está inchada de preocupação, de raiva, de ira, como
18 quando as mães nos chamam a atenção por algo. Caiu um raio perto daqui. A casa
19 treme. As janelas se movem por causa do vento. Os vidros tiritam à voz da
20 natureza. A Mãe-Terra me fala, tenho que escutá-la. Meus ouvidos abrem minha
21 alma. Encolhida nos braços do Universo, escrevo estas linhas. Um suspiro sai dos
22 meus pulmões culpados. Tenho que ser mais atenta.

23 A luz se foi. Acendi uma vela e a pus sobre uma lata de chocolate. Ilumina-me
24 o suficiente para que eu termine este registro. A magia da suave luz me acaricia e
25 me acalma. A chama baila ao tremor da tormenta. Parece contente. Eu gosto de
26 olhá-la. É suave, brilhante, linda, e muito, muito silenciosa; baila sem fazer barulho
27 nem rumores. Se desnuda se requebrando terna e atrevida. Agora não é só a
28 tormenta quem me faz companhia, a chama é também amiga, amorosa.

29 A tarde foi bastante proveitosa, me pareceu. As tipologias as quais eu lhes
30 apresentei alguns conheciam, outros não. Apresentei textos de Benedetti, Borges,

1 Cortazar, Cervantes e Sófocles. Lemos todos, um a um. Eram nove textos, cada um
2 deles leu um, e os maiores eu os dividi entre dois. Ao final de cada leitura, um
3 assombro. O primeiro poema "Conjugações" de Benedetti, causou uma surpresa
4 enorme. Primeiro não o entenderam, depois se surpreenderam com o escrito.
5 Acredito que a última parte do poema ficou plasmada em suas mentes: "Existem
6 ontens e amanhã, mas não existem hoje". Alguns ficaram repetindo
7 silenciosamente. L. me olhava e pensava, mas não queria compartilhar comigo seus
8 pensamentos. Lia, me olhava e pensava. Minha impressão era que o Universo tinha
9 se detido nesta frase: "Existem ontens e amanhã, mas não existem hoje". Não
10 compartilhou com nenhum de nós. Ficou silencioso consigo mesmo.

11 O primeiro texto (o poema este) demandou bastante tempo para leitura,
12 compreensão, interpretação e reflexão acerca do escrito. É um poema
13 relativamente curto e defende o belo que é o viver, e sobretudo, viver o presente.
14 "Não existem hoje". Existe só um dia de hoje e devemos vivê-lo em toda a sua
15 plenitude. Me dei conta que pude tocá-los com o texto, que os fiz pensar além do
16 que eles vivem, ainda que encarcerados neles mesmos, ainda que privados de
17 liberdade e vivendo um dia trezentos e sessenta e cinco vezes, cada dia é um, é
18 diferente ainda que pareça igual, e se não é diferente, cada um pode fazê-lo
19 diferente dos trezentos e sessenta e quatro, dos trezentos e sessenta e três, ao
20 longo de cada dia vivido, cada um à sua maneira, mudando suas atitudes com o
21 outro, com relação à si mesmo, principalmente. Seria este o primeiro milagre? Não
22 sei.

23 Houve um movimento, uma conscientização de algo em cada um deles, mas não
24 compartilharam com ninguém, tampouco comigo.

25 O segundo texto, um poema de Jorge Luis Borges, lhes pareceu muito
26 complexo. O guarda também disse que não o compreendeu. Os alunos gostaram
27 quando o guarda disse que era impossível, pra ele, compreender o poema e se
28 mostraram amáveis lendo-o aos poucos, exercitando a compreensão e atenção ao
29 ler algo, principalmente ao ler Borges, mas, efetivamente ao ter paciência e

1 tranquilidade ao tratar com o policial, a pessoa que os mantém sob vigilância e
2 custódia. Seria este o segundo milagre? Pode ser. O tempo vai me mostrar.

3 Pra mim pareceu incrível a atitude deles com o guarda, mas não sei, parece
4 que lhe percebi um tanto molesto pela ajuda dos alunos em relação a ele. Por volta
5 das 16h se foi e não apareceu mais até o final da aula.

6 O texto "O patinho feio" nos trouxe muitas percepções acerca dos
7 preconceitos: a homofobia, o racismo, as classes sociais; a discriminação pelas
8 roupas, por ser bonito ou feio, simpático ou tímido, por ser detento ou não, etc.

9 O único que disse que não conhecia o texto foi L., os outros todos ou já o
10 haviam lido ou já o haviam escutado quando crianças.

11 Passei um vídeo do "Patinho feio", um curta-metragem da Disney, com a
12 finalidade de amplificar o conto e comparar aspectos importantes entre o que foi
13 preparado para ser lido e o que foi preparado para ser visto. Os detalhes
14 fundamentais na estrutura de uma narrativa e de um curta-metragem; a
15 amplificação do espaço, do tempo, dos personagens e do conflito central; a atitude
16 do narrador frente ao que foi escrito para ser lido e contado aos outros, e do que
17 foi escrito para ser dramatizado por outros para ser visto por outros ainda.

18 Estávamos nesta parte quando o guarda abriu a porta "me convidando" a
19 terminar a aula porque deveria ir para sua casa. Necessitava descansar.

20 Não lhes deixei nenhuma tarefa. Todos muito gentilmente arrumaram suas
21 coisinhas na bolsa do projeto e me olhavam com ansiedade. Despedi-me de cada um
22 amorosamente. Quando um deles viu a hora, se apuraram. Eram 20h. Todos
23 havíamos passado dos limites. Os desejos de boa viagem, bom regresso a minha
24 casa, me acariciavam a alma.

25 Era bom estar ali com eles. Desfrutar deste dia com eles foi um enorme
26 presente.

27 Graças te dou, oh, Deus, por todo o compartilhado e tudo que foi vivido hoje.

28 Organizei a sala de aula, organizei meus materiais no carro e me fui à cozinha
29 tomar uma sopa com os policiais de turno. São todos muito gentis comigo.

30 Saí às 20h45min para minha casa. Cheguei às 23h50min.

1 São 3h da manhã. Agora, sim, o sono está me dominando.

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14

15

16

17

18

19

20

21

22

23

24

25

26

27

28

29

30

1 **Apêndice F: Registro 6**

2 Registro 6:

Quarto encontro

3 São 13h. Hoje nos passamos no horário. Parece que as criaturas não querem
4 sair da aula, não querem que termine, que se acabe. A impressão que dá é que eles
5 querem deter o tempo quando estão na sala de aula comigo. Desejam prendê-lo,
6 mas ele escorre pelo meio dos dedos... de nossos dedos, porque eu adoro estar na
7 sala de aula com eles, trabalhar com eles, escutá-los um a um, suas dores, suas
8 motivações, seus silêncios quando me abraçam forte.

9 Hoje lhes pedi algo: que quando entrem na sala de aula que se esqueçam de
10 tudo lá fora. A intenção é fortalecer o grupo com as atividades e com os assuntos
11 tratados; fortalecer os laços de amizade, e se não há, criá-los.

12 A aula pela manhã esteve bárbara! Apresentei a música do Maná, a "loca de
13 San Blas". Alguns nunca haviam escutado, outros, sim. Escutamo-la duas vezes para
14 desfrutá-la, depois decodificá-la. Pela terceira vez, acompanhada da letra. Depois
15 de escutá-la discutimos sobre várias coisas: sobre a voz suave do cantor, sobre a
16 ternura e solidão do clip da música; sobre a "louca", suas atitudes expostas na letra
17 da música; sobre a história que a música conta, sobre sua verossimilhança.

18 Cantamo-la, dramatizamo-la, mas quando lhes contei que a história era real
19 eles ficaram muito assombrados. Entreguei a história da moça a eles, e pela
20 primeira vez, falamos de amor.

21 O tempo passou voando. As horas se foram como um rio com águas e
22 reflexões profundas acerca do sentimento mais nobre que alguém pode sentir.
23 Como um rio, as opiniões e as histórias sobre amores perdidos, encontrados,
24 inundaram nossa manhã.

25 Como a onda do molhe de San Blas, as histórias foram saindo de dentro de
26 cada um, compartilhando com todos, fomos contando nossas perdas, nossas
27 relações frustradas, nossas paixões fugazes. Cada um deles nos contou uma
28 história. Obviamente que eu contei alguma coisa da minha vida a eles. A confiança é
29 muito importante neste momento; construí-la é fundamental.

30 Bom, vou comer algo. Começamos às 14h.

1 (...)

2 São 20h.

3 Quando o sol se escondeu no horizonte o silêncio lhes apertou a alma. A hora
4 da despedida se aproximava devagarinho como as nuvens em dias de brisa. As
5 gargantas foram se fechando com o passar do tempo até o término do encontro. As
6 cordas vocais se guardaram dentro das caixinhas de ternura. A aula foi silêncio
7 enquanto apenas eu falava. Um agoniado sentimento de compaixão se apoderou do
8 meu ser. Quando o pôr-do-sol se aproximava, meu ser já se colocava atento para
9 lhes levantar o ânimo. Não gosto de vê-los tristes. Assim, enquanto a tarde ia indo
10 embora, eu me colocava mais terna. Aos pouquinhos, devagarinho *nomás*, eles vão se
11 fechando como ninfeias ao entardecer. Enraizados no mais profundo de seu ser,
12 como nas águas calmas e profundas, vão se guardando para o próximo encontro,
13 levando consigo pequenas luzes de esperança em suas mãos e o perfume das
14 borboletas na alma.

15 A atividade da "loca de San Blas" de manhã colocou todos em desatino.

16 Hehehe

17 Quando voltaram à sala de aula depois de comer estavam muito excitados,
18 queriam falar e falar de seus afetos e desafetos. Eu gosto de escutá-los. Creio que
19 as pessoas andam muito carentes de afeto e de que escutem-nas. Eu gosto mais de
20 escutar que falar. Não. Eu gosto de falar também. Mas eu gosto de escutar as
21 pessoas, aprender das pessoas, de cada um. Mas a eles, particularmente, eu gosto
22 de escutar.

23 Às vezes me sinto como o rochedo solitário de Lermontov que guarda em suas
24 rugas o suave orvalho da nuvem de ouro, de cada uma das nuvens de ouro da sala de
25 aula. Ligeiros se vão, mas têm deixado o precioso orvalho da ternura e da
26 compaixão no seio do meu ser mais puro e sensível.

27 Bom, falamos quase duas horas mais sobre seus amores. Rimos, S. chorou, A.
28 B. e D. estavam emocionados. S. e R. contaram histórias divertidas. S. F. não quis
29 falar, é muito concentrado e reservado. L. se ria de tudo que contavam. Creio que

1 foi a primeira vez que o vi rindo. Parecia estar se sentindo à vontade na aula. Todos
2 estávamos nos sentindo muito à vontade na sala, juntos.

3 Na atividade do encontro de hoje, que estava nomeada como "o jogo dos
4 papéis", apresentei doze imagens de lugares diferentes do mundo: casas sobre
5 rochas, rodovias em meio à flores e bosques, campos de chá chineses, um lago cor
6 de rosa, uma ponte de vidro, um túnel verde, um bosque escuro, montanhas
7 coloridas e um caminho de bambus verde-esmeralda.

8 O objetivo principal desta atividade era fazê-los colocar-se dentro da
9 foto/imagem. Deslocando-se desde o imaginário e da imaginação para o lugar que
10 tocou a cada um. Expliquei como fazer a tarefa, sorteei as imagens e entreguei a
11 cada um deles.

12 Quero entrar com a figura do narrador e por isso pedi que escrevessem
13 desde seus lugares, como se estivessem ali, na imagem. Poderiam escrever o que
14 fosse: poderia ser uma viagem até este lugar; poderiam viver neste lugar; poderia
15 ser um sonho conhecer este lugar; um parente que vive ali. Dei algumas pistas e
16 pedi que escrevessem em silêncio. O protagonista lhes foi apresentado. Falamos de
17 primeira pessoa. Falei de primeira pessoa gramatical, primeira pessoa narrativa, a
18 perspectiva em primeira pessoa nos vídeo-jogos e da Primeira pessoa da Santíssima
19 Trindade. Falamos de autoria, de tomar as rédeas da história e escrever. Escrever
20 sobre os papéis que nos são impostos, sobre os que nós mesmos tomamos como
21 nossa responsabilidade.

22 Silenciosos e muito concentrados, trabalharam todo o tempo. Alguma
23 pergunta sobre vocabulário, sinônimo, ortografia e concordância verbal.

24 Ah, recém me dei conta: não tivemos policial na sala de aula. O guarda me
25 disse que eles estão se portando bem e eu lhe disse que poderia ir, que não ia
26 acontecer nada. São muito respeitosos e tranquilos comigo. Percebo que existe
27 alguma coisa entre eles. Há divergências de quase todos com relação a uma das
28 mulheres, S. Mas a vejo calma, ela gosta das atividades, faz tudo com muita
29 disposição e alegria. É muito carinhosa comigo.

1 Sobre a atividade, o que tenho a dizer é que apesar de terem sido criativos,
2 quase não saíram do ambiente carcerário. Somente duas pessoas se entregaram ao
3 voo da imaginação. Os outros todos ficaram enredados no contexto.

4 S. se foi com um dragão a outro reino e conheceu um Príncipe Encantado e o
5 convidou a conhecer seus campos de chá. O texto esteve impecável! A escrita um
6 pouco nostálgica, mas a criação artística, espetacular!

7 A S. F. o texto saiu estupendo! Ele escreve muito bem. Eu gosto muito de lê-
8 lo. Seu vocabulário é riquíssimo, muito amplo. Disse-me que adora ler qualquer tipo
9 de coisa. Que prefere ler à noite enquanto seus companheiros dormem, e tenta
10 dormir ao longo do dia. À noite pode concentrar-se na leitura, durante o dia, não,
11 fazem muito barulho, têm gritos, visitas, a contagem, as revistas, e ele não gosta
12 nada nada de ler no período do dia.

13 Todos entregaram seus textos para que eu desse uma olhada na ortografia,
14 na concordância e na articulação das frases. Corrigi a acentuação também. L. é
15 muito preguiçoso para colocar os acentos. C. escreve muito mal, come letras, não
16 usa vírgulas, nem acentos. Disse-me que tem preguiça de escrever. Além disso, sua
17 letra é uma coisa terrível, parecem hieróglifos. Hehehe C. tem um abraço terno,
18 tímido.

19 Tudo feito com muita paciência e calma. O objetivo é que aprendam a
20 controlar-se, a controlar suas emoções, suas reações, a acalmar-se, relaxar-se. A
21 escrita está como para que desestressá-los e acalmá-los. A leitura os acalma, mas
22 falar e escrever os desestressa.

23 Depois que corrigimos tudo que havia para corrigir, cada um leu seu texto em
24 voz alta, sem ordem. A cada leitura, todos festejavam com palmas e felicitações.
25 Depois da leitura de todos, lhes provoqueei a falar sobre o texto do outro, antes de
26 falar sobre os seus.

27 Eles escolhiam um companheiro e lhe diziam coisas sobre o texto dele: se eles
28 tinham gostado, se não; o motivo de tê-lo escrito; se era verdade o narrado ou não;
29 se era uma fantasia ou não, enfim, curiosidades sobre o processo de escrita do

1 outro. Assim, cada um falou de seu texto muito tranquilamente, sem pressa, e
2 todos escutaram com muita atenção.

3 Paramos um momento para comer o bolo e a torta que havia levado. B. trouxe
4 água para fazer o suco; S., A. e R. organizaram a mesa e C. L. e S. organizaram a
5 comida, os copos, as facas sobre a mesa. S. F. arrumou as cadeiras.

6 Sentamo-nos para compartilhar. Comemos, falamos, rimos, compartilhamos.
7 Sim, compartilhamos. É lindo compartilhar. Eles adoraram os sabores dos meus
8 bolos. Trouxe dois pacotes de bolachinhas e comeram tudo. Não sobrou
9 absolutamente nada. Fiquei contente por isso.

10 Organizamos o lixo e as coisas e pedi autorização para levá-los um momento
11 para a cancha de futebol. Autorizaram-me e fomos. Sentamo-nos todos no meio da
12 cancha. A tarde esteve ótima. O solzinho quentinho e amigo abraçou a todos nós

13 Sentamo-nos formando uma roda para que nos pudéssemos ver a todos.
14 Sentamo-nos todos à vontade, confortavelmente, olhamo-nos a todos. Alguns se
15 riam. Seguimos olhando-nos, rindo por nada. Então, pedi que fechassem os olhos e
16 silenciassem. Observei por entre as pálpebras e os meninos me observavam
17 também. Hahaha Lhes adverti carinhosamente e novamente pedi que se
18 entregassem, sem medo, que não ia acontecer nada; que silenciassem e fechassem
19 os olhos, que eu também ia fazer o mesmo. Do nada me veio uma emoção muito
20 forte e comecei a cantar o hino "mais perto quero estar, meu Deus, de ti". Cantei-o
21 em português.

22 Creio que por alguns minutos o céu desceu. Creio que Deus andou entre nós.
23 Creio que anjos andaram entre nós, sobre nós e pela cancha.

24 Alguns se emocionaram. Lágrimas de dor se dessangraram pelas faces. A fé
25 de cada um deles se fez forte, renovada.

26 O ocaso nos surpreendeu. Quando terminei a música e o silêncio se fez, todos
27 nos olhamos em silêncio e em paz.

28 No céu, a primeira estrela anunciava a chegada da noite. Era chegada a hora
29 de recolher-se e voltar à sala de aula.

1 Voltamos em silêncio alguns, outros falando baixinho, com o coração em paz
2 divina.

3 A tarefa para as próximas duas semanas era falar de duas virtudes deles.
4 Cada um ia olhar para dentro de si mesmo e descrever duas virtudes, apenas duas.
5 A tarefa é de escrita. Não importa o tamanho do texto.

6 Falamos sobre a aula de hoje. Disseram que adoraram tudo. Que adoraram a
7 música, a história da "loca de San Blas", a atividade das imagens, sobre falar de
8 seus próprios textos, responder as perguntas dos companheiros, mas, sobretudo,
9 estar na cancha de futebol "les encantó".

10 B. disse que parece que sentiu algo diferente, que algo nos uniu na cancha. L.
11 falou sobre os traumas que cada um traz dentro de si, e, que de repente, o véu se
12 rompe e vamo-nos permitindo abrir-nos devagarinho.

13 Preciosos relatos.

14 Os milagres existem. Todos os dias estamos sentindo e vivendo milagres
15 espetaculares.

16 Bom, tenho que ir. Já se faz "re" tarde. São 21h30min. Vou tomar minha
17 sopinha e viajar mais 250km até minha casa em Pelotas.

18 Que Deus me acompanhe e que acompanhe a cada um deles nesta jornada.

19 "A vida está feita de pequenos milagres diários".

20 Seila islabão

21

22

23

24

25

26

27

28

29

30

1 **Apêndice G: Registro 7**

2 Registro 7: Quinto encontro

3 São 5h da manhã. Estou na rodovia. Do nada senti sono. Amanhece. As aves
4 noturnas silenciam e as diurnas começam uma suave sinfonia de esperança. É o
5 presente que chega. É o regalo de Deus.

6 Estou chegando em Jaguarão. De longe vejo a entrada da cidade pela BR 116.
7 Será que foi por estes campos que se travou a Guerra do Uruguai?

8 O ruído de patas de cavalos me remete à memória do que foi lido. Como seria
9 se me encontrasse agora em meio a uma batalha, a uma guerra? A verdade é que
10 todos temos nossa guerra, nossas batalhas diárias. Aprendi desde criança que "não
11 devemos fazer ao outro o que não queremos que façam pra nós", mas alguma ou
12 outra vez entramos na guerra do outro, sem saber, sem querer ou escolher.

13 O sol me saúda com amor, cálido com seu carinho. Sentar aqui, no
14 acostamento, me fez bem. Posso tocar as ervas, suaves como o cabelo de uma
15 criança. À minha frente os campos estão cobertos de esmeraldas, de um verdor
16 fascinante e esperançoso.

17 Devo seguir agora.

18 (...)

19 Começamos as atividades às 9h. Às 8h30min começaram a vir com um sorriso
20 tímido, cada um deles aproximando-se sem saber o que fazer. Dei um abraço forte
21 em todos. Algo estranho nos aconteceu. L. me disse que não sabia abraçar, que
22 nunca, ninguém, o havia abraçado na vida. Um silêncio cheio de dúvidas caiu sobre
23 nós. Ele ficou em pé, tímido, à minha frente, e eu olhando sua expressão. Pedi que
24 me desse sua mão esquerda e a coloquei nas minhas costas, acima da minha cintura.
25 A outra, coloquei nas minhas costas. Seu corpo ficou longe do meu, tímido, começou
26 a rir. Creio que a situação foi divertida para aqueles que nos olhavam. Aproximei-
27 me dele e o abracei também, forte. Mas não o soltei no próximo segundo como o
28 fazemos sempre. Abracei e pude sentir seu coração batendo bastante perto.
29 Perguntei se escutava os batimentos do meu. Disse que sim. Fiquei abraçada nele,
30 em silêncio. Repentinamente começou a chorar e lhe abracei um pouco mais forte.

1 Senti suas mãos pressionando minhas costas e o acolhi nos meus braços como uma
2 mãe ao filho, como uma flor ao sol. Nos emocionamos. Como pode alguém não ter
3 recebido um abraço em toda a sua vida? Como pode que alguém não saiba abraçar?

4 Ficamos abraçados acredito que por um minuto ou mais. Quando eu o soltei,
5 lhe sorri e ele foi se sentar em seu lugar.

6 Perguntei como haviam passado nesses dias que estivemos longe. Disseram
7 que sentiram minha falta e eu também a eles (lhes disse) e que não haviam feito a
8 tarefa porque tinham se esquecido. Chamei a atenção com carinho e cuidado e disse
9 que agora iam ter duas atividades para o próximo encontro.

10 Hoje vamos passar a manhã com Cortázar. Trouxe o texto "preâmbulo das
11 instruções para dar corda no relógio" e "instruções para chorar", mas primeiro,
12 antes de mais nada, fizeram a primeira atividade: juntando-se a um companheiro,
13 cada dupla deveria dar instruções para dar corda no relógio, utilizar o caixa
14 eletrônico e dar instruções para chorar. Estamos nisso agora.

15 Vejo que estão tranquilos escrevendo. De vez em quando me olham para ver o
16 que estou fazendo. S. me perguntou o que estou fazendo e lhe disse que estava
17 registrando as coisas que eu faço com eles: tudo.

18 Falam baixinho com o companheiro para que não possam dar pistas de nada
19 aos outros grupos. É surpresa!

20 Se riem, se passam com as piadas, mas escrevem.

21 São quase 11h da manhã. Estão concentradíssimos.

22 (...)

23 Quando terminaram pedi que cada um dos grupos lesse os textos que haviam
24 escrito.

25 Todos muito criativos nas atividades. É incrível como eles estão gostando de
26 fazer tudo que proponho. Eles gostam de fazer as atividades propostas, são
27 cuidadosos com o que escrevem, pensam; fazem com cuidado para ficar bem feito.

28 Parece que eles gostaram de trabalhar com um companheiro.

29 Tenho observado e parece que S. é um pouco problemática. Não sei em que
30 parte ela lhes complica a vida. Alguma coisa acontece e não sei o que é.

1 Hoje pela manhã me vi numa situação bastante diferente. L. interrompeu a
2 aula e pediu silêncio a todos. Levantou, sentou sobre a classe e me fez uma
3 pergunta: se eu sabia o motivo deles estarem ali. Respondi que não. Eu estava de pé
4 no outro extremo da U (ah, arrumamos as classes sempre em forma de U para
5 trabalhar e para que todos possam enxergar-se) e L., sentado na classe, sobre a
6 base. Dali em diante seguiu um diálogo:

7 _E por que não?

8 _Porque não me interessa _ respondi.

9 _E por que não lhe interessa? _ me disse.

10 _Porque todos nós cometemos delitos. Não estou aqui por causa dos delitos
11 de vocês. Estou aqui para servir, para ajudar. Este lugar carece de Luz e calor
12 humano e eu acredito que seja na escuridão que se deve acender a Luz. Minha
13 intenção é somente trazer Luz _ disse olhando para todos.

14 L. parecia nervoso. Quis, no fundo de sua alma, se revelar, e que todos ali se
15 revelassem para que eu não me enganasse com eles.

16 _Pois eu creio que seja hora de nos revelarmos _me disse. Não somos santos.
17 Somos o que a sociedade tem de pior, a sociedade nos chama de ratazanas, de lixo,
18 de merda. Eu quero que todos nós lhe contemos o motivo de estar aqui. (Texto
19 omitido)

20 Fiquei calada, em silêncio, olhando-o. Tinha necessidade de falar, não queria
21 calar-se. Revelar-se estava sendo difícil pra ele, mas era necessário me dizer,
22 queria ser sincero, me disse.

23 Um a um foram se revelando, devagar.

24 S. estava por (texto omitido). Já está há sete anos na prisão, encerrada. S.
25 chorou muito. Senti muita compaixão de sua dor, mas somente a escutei em
26 silêncio. Não me movi. Senti vontade de abraçá-la, mas não fiz nada. Pensei em tudo
27 que me contou. Eram tantos detalhes que parecia que eu estava lá e que vi tudo.
28 Acalmei-a com palavras. Toquei sua mão e lhe entreguei um pouco d'água. Sentiu-se
29 acolhida depois. Ela me disse que queria pedir perdão (texto omitido). Isto é
30 terrível. É algo aterrador.

1 S. F. (Texto omitido.) É muito perspicaz, muito sagaz, inteligente, culto e
2 erudito. Disse que por não confiar nos advogados, aprendeu a ler com as letras de
3 pernas pra cima. Eu o vejo um pouco arrogante, mas às vezes, é somente uma
4 armadura. Disse que ainda tem dois ou três anos mais encerrado. Parece uma boa
5 pessoa.

6 B. é o mais caladinho. Parece muito retraído ou tímido, quase não fala na aula.
7 Adora um mate. Tem um olhar profundo, olhos negros. Disse que está por (Texto
8 omitido), mas não quis falar sobre o assunto. É um menino bastante jovem.

9 C. é amigo de B., se percebe que se dão muito bem. É muito jovem, representa
10 uns 17 anos, não mais que isso. (Texto omitido.)

11 B. e C. vão ficar por vinte e seis (26) anos presos. Que coisa horrível! Podia
12 ser um filho meu. Que sofrimento, meu Deus.

13 Tanto B. quanto C. falam baixinho, têm a voz baixa. B. é alto, grande. C. é um
14 pouco mais baixo. São muito ternos.

15 A. Contou que está presa porque estava desempregada, tem duas filhas e,
16 como não conseguia trabalho, aceitou (Texto omitido). Sua mirada é terna e seu
17 sorriso é de culpada, coitada. Sente vergonha, mas "a vida é assim". Disse que vai
18 cumprir seu tempo com a cabeça erguida. Parece uma mulher bastante forte. Disse
19 também que seu marido está preso pelo mesmo motivo. Eles só conseguem ver-se
20 na visita íntima a cada quinze dias.

21 S. e R. são duas paraguaias. Estão presas por (Texto omitido). Parece que já
22 não falta muito tempo para saírem. Logo se vão, disseram. As duas são muito
23 simpáticas.

24 V. é baixinha. Carrega um rosário de sementes no pescoço que lhe cai pelo
25 peito. É tímida, mas gosta de cantar, me disse.

26 Contou que está presa por (Texto omitido.). Disse que falta pouco para sair.

27 R. também está por (Texto omitido.). Tem 16 anos e um bebê de seis meses
28 que é a sua vida. É uma menina magra, simpática, uns olhos esverdeados lindos!

29 D. parece um argentino fisicamente. Tem cabelo comprido, é dentucinho e
30 muito gentil. Está sempre me olhando e sorrindo. É jovem e amigo de B. e C.. (Texto

1 omitido.) Disse que foi um erro. Me parece humilde e um bom menino. Num
2 momento baixou sua cabeça e... (Texto omitido.) "Agora já foi", disse. Pobrezinho.
3 Senti vontade de abraçá-lo.

4 A moça do bebê não apareceu hoje e me disseram que saiu em liberdade junto
5 com outros dois alunos.

6 Fiquei com onze alunos. Eram quatorze.

7 Bom, me chamam para almoçar. Estou com uma fome bárbara!

8 Depois de comer vou pedir autorização para ficar por aqui, na prisão, porque
9 dormi dirigindo na minha última viagem. Se me permitirem, poderei trabalhar até
10 mais tarde com eles e poderei descansar e sair cedo. Os hotéis são bastante caros
11 e como ninguém me ajuda não posso passar dos limites.

12 (...)

13 Por causa da intervenção de L. a aula terminou bastante tarde. Recém pude
14 comer. São 14h. Voltamos às 14h30min.

15 Meu amigo policial me permitiu ficar para poder dormir um pouco e sair
16 cedinho amanhã.

17 Sobre o assunto dos delitos dos meninos:

18 Quando D. terminou de falar senti muita compaixão por todos eles. Ninguém
19 merece estar encerrado. Isto não resolve! Isolar as pessoas socialmente é um erro
20 bárbaro!

21 Distanciá-los de suas famílias, de seus filhos, de seus trabalhos. Isto causa
22 um efeito devastador no emocional e no psicológico. Só gera mais indignação, raiva,
23 ódio e rancor. Alguns deles não têm família. A rua os criou. Somos obrigados a
24 colocar-nos no lugar do outro, e ainda assim, não será igual. Temos obrigação de
25 ver-nos a nós todos como humanos, filhos do mesmo Pai. Somos todos filhos da Luz,
26 não podemos permitir que nossos irmãos estejam na escuridão.

27 Depois que todos falaram, L. me perguntou o que eu pensava. Eu seguia
28 estática no extremo da U, escutando-os.

29 _Nada _ respondi. Eu também tenho delitos que são minha responsabilidade e
30 não estou presa. Minto quando digo aos meus filhos que está tudo bem e não está.

1 Digo que não estou sentindo nada, e estou com dor. Isto é falso testemunho.
2 Quando vejo meu irmão na rua e não o cuido, e não o protejo. Isto é omissão de
3 socorro, de ajuda.

4 Todos cometemos delitos, mas estamos em liberdade. Não vou julgá-los.
5 Jamais irei julgá-los. Quem sou eu? _ respondi olhando nos olhos de todos.

6 Como nos disse Freire: não se pode falar de educação sem amor.

7 Começamos a aula às 15h. Todos pareciam contentes. Estavam bastante
8 risonhos. Disseram que gostaram de fazer a tarefa de dar corda no relógio. Os que
9 a fizeram disseram que nunca tinham prestado atenção nesses detalhes. "São
10 detalhes que desprezamos porque se torna mecânico, automático". A. disse "que
11 nunca tinha prestado atenção na maneira que as lágrimas caem, o que as gera, como
12 se chora. Que achou impressionante a maneira pragmática e naturalmente poética
13 de Cortázar falar do pranto. De repente, o comum se torna misterioso, complexo",
14 me disse.

15 S. F. adora escrever e me disse que está acostumado a escrever sobre
16 política e economia, mas que gostou de escrever sobre como utilizar o caixa
17 eletrônico, porque também nunca o havia pensado desta maneira. Que sempre o viu
18 com outras intenções, não como utilizá-lo de maneira "honesto".

19 Este comentário gerou risos entre os companheiros. Pareceu que ele gostou
20 de fazer esta revelação, parece que está se desarmando comigo. Sempre havia
21 desconfiança em seu olhar com relação a mim, agora não. Pareceu quase uma
22 confissão.

23 A escrita funcionando como um processo de desenterro do misterioso no
24 comum, destapando os processos por trás do ordinário do cotidiano. A escrita como
25 um processo de confissão, de revelação, de confiança, desnudando a alma. Que
26 precioso isso! Parece que teve necessidade de expressar-se! Espetacular!

27 (...)

28 A segunda atividade nos tomou toda a tarde. Passei um curta-metragem:
29 Paperman. É um curta romântico, no qual conta a história de um rapaz tímido que se
30 apaixona perdidamente por uma moça, na rua. Então, passa a lhe enviar aviõezinhos

1 de papel para lhe chamar a atenção. A primeira coisa que deveriam fazer era dar
2 um final ao curta, pois eu o interrompi antes do final.

3 A segunda era ver o filme completo. Houve comparações entre o final
4 verdadeiro e os seus.

5 A terceira atividade era um exercício básico de interpretação acerca do que
6 eles tinham visto.

7 A quarta atividade consistia em entregar-lhes uma folha com imagens do
8 curta-metragem com a finalidade de organizarem as cenas.

9 A quinta atividade estava em escrever alguma experiência estranha que acaso
10 eles tivessem passado em algum momento na vida.

11 Depois que terminaram, compartilharam seus escritos através da leitura
12 deles. Não fiz correção ortográfica, quero despertar-lhes o desejo de escrever.
13 Cada um deles leu sua história, compartilhando-a com os companheiros e comigo. É
14 incrível e fascinante como o fato de escrever dá rédeas à imaginação. Cada texto
15 escrito ou lido é como se fosse um espelho da vida multiplicando o infinito de
16 possibilidades. A cada atividade de escrita ou de leitura se multiplicam as maneiras
17 de olhar, são onze pares de olhos lendo, escutando, ampliando suas visões e
18 percepções. Além do mais, temos três culturas diferentes aqui dentro: uruguaia,
19 paraguaia e brasileira.

20 Em poucas horas pudemos compartilhar percepções, atitudes, olhares,
21 culturas, linguagens diferentes, mas todos conectados pelo fio fascinante da
22 imaginação e da criatividade na escrita.

23 Fomos trabalhando até a noite. Eram 20h20min quando a policial foi pedir que
24 encerrássemos a jornada porque os alunos deveriam ir cada um a sua cela. Ninguém
25 queria voltar pra cela, todos queriam ficar um pouco mais.

26 Despedimo-nos todos com um abraço forte e carinhoso. Prometemos estar
27 juntos em quinze dias e se foram.

28 Fiquei sozinha na sala de aula. Sinto-me bastante cansada. Minha cabeça está
29 um pouco tonta, creio que por tanto tempo trabalhando. Mas é bom. Esgota, mas me

1 compraz poder aliviar o peso dos outros. Todos se distraíram muito com as
2 atividades.

3 Vejo a prisão como um purgatório onde cada um vem purgar suas dívidas, suas
4 culpas. O peso do cárcere é muito, muito pesado. Aqui neste lugar inóspito de amor
5 e paz se vive um dia trezentas e sessenta e cinco vezes. Todos os dias são iguais,
6 têm a mesma cor: cinza; o mesmo sentido: dor; o mesmo sentimento: rancor; a
7 mesma emoção: tristeza; a mesma sensação: solidão; a mesma culpa: não poder
8 fazer nada por sua família que está do lado de fora.

9 São 21h30min. Vou comer uma sopinha e ver onde vou dormir.

10

11

12

13

14

15

16

17

18

19

20

21

22

23

24

25

26

27

28

29

30

1 **Apêndice H: Registro 8**

2 Registro 8: Sobre o quinto encontro

3 São 10h da manhã do dia seguinte ao dia de ontem.

4 Dormi na peça da policial feminina. Meu amigo policial me colocou um colchão
5 por causa das baratas. O colchão era somente espuma amarela (não tinha forro).
6 Enrosquei-me no meu cobertor e somente deixei um burquinho para respirar. As
7 baratas andam por tudo, apesar de tudo ser bastante limpo. Os alunos me disseram
8 que são praga lá. Eu as sentia caminhando sobre o cobertor. Terrível! Uma sensação
9 absurda de terror. Mas sobrevivi. Como estava bastante cansada, dormi muito bem
10 e muito profundamente bastou me deitar.

11 Levantei-me às 4h15min. Havia dois guardas vigiando no balcão de entrada,
12 vendo televisão.

13 Tomei banho no banheiro dos policiais e saí às 4h30min. Organizei minhas
14 coisas no carro e vim. Cheguei às 8h em Pelotas.

15 A viagem foi bem tranquila, pouco tráfego, o ar fresco, o céu azul sem nuvens
16 quando cheguei.

17

18

19

20

21

22

23

24

25

26

27

28

29

30

31

1 **Apêndice I: Registro 9**

2 Registro 9: Sexto encontro

3 Este é o sexto encontro dentro do projeto "*Érase otra vez...*". O tema do
4 encontro é "Outras miradas". A pretensão é apresentar atividades que se possam
5 trabalhar os valores: respeito, dignidade, lealdade, honestidade e que se possam
6 pensar em outras leituras possíveis dos clássicos "O patinho feio" e "Chapeuzinho
7 Vermelho".

8 A intenção é mostrar outras possibilidades de leitura do mundo, da vida, dos
9 problemas, de situações.

10 Começamos pelo conto "O patinho feio". Somente S. F. o conhecia. Nenhum
11 dos outros alunos o havia escutado antes.

12 Pedi que cada um lesse um parágrafo. Depois da leitura, discutimos sobre
13 beleza interior, beleza exterior, amabilidade, generosidade. Discutimos sobre as
14 atitudes dos personagens, a maneira de proceder de cada um deles.

15 L. falou sobre seu pai que o mandava pedir esmolas nos semáforos. Disse que
16 tinha muita raiva de seu pai porque não o cuidava, não o mimava, só batia nele e o
17 obrigava a pedir esmola.

18 Depois falamos sobre os preconceitos: a homofobia, o racismo, o preconceito
19 porque são feios, gordos, baixinhos, negros, pobres, ricos, mulheres, e, por fim, os
20 que sofrem preconceito porque estão na prisão.

21 Na segunda atividade eu passei um powerpoint com a nova versão do "Patinho
22 feio", mas todo fragmentado. A cada slide uma hipótese. Assim fomos até o final
23 da história. Por fim, eles adoraram a história de Alfonso, o mais belo cisne do lago.
24 Alfonso quebra com os estereótipos criados pelo patinho feio original.

25 Aproveitei a oportunidade para introduzir outras partes que compõem uma
26 narrativa: o conflito ou o que chamamos de enredo, e o espaço.

27 Falamos que algo pode acontecer em qualquer tipo de espaço que se queira
28 criar, por exemplo, na prisão, no pátio, no corredor, na cela, no banheiro ou na
29 imaginação. O espaço pode ser um espaço imaginário. No momento que passe às
30 letras, à escrita ou à oralidade, passa a existir, passa a ser real.

1 Almocei às 13h30min.
2 Voltamos às 14h.
3 A tarde passou rapidamente.
4 Começamos por uma atividade de escrita criativa.
5 A proposta era ver imagens (diversas) e construir uma história. A cada
6 imagem, trocava de aluno. A trama ou o tramado deveria ser com todas as imagens
7 até o final.
8 Foi bastante divertida a atividade. Eles são criativos.
9 Começava por uma lua gigante e um homem em um barco pensando, depois uma
10 bela mulher, um macaco, uma carroça, um livro, um cavalo, uma porta, tomates, um
11 caminho de madeira sobre um rio, uma calculadora, uma pessoa cheia de dúvidas e
12 de pontos de interrogações, uma banana e uma cenoura dançando, uma noiva
13 conversando com um sapo, um homem em uma motocicleta, uma mulher andando em
14 um elefante, um carro vermelho, um casal comendo um churrasco e um príncipe que
15 virou um sapo.
16 Na terceira atividade lhes apresentei o conto da "Chapeuzinho Vermelho".
17 Este creio que uns quatro ou cinco o conheciam.
18 Entreguei o texto e o li para que o escutassem. Escutaram atentamente. São
19 muito lindos, os moleques.
20 Começamos uma discussão acerca da obediência, da disciplina, do cuidado, da
21 honestidade, da responsabilidade e da sinceridade no modo de proceder das
22 pessoas. Falamos sobre os personagens principais: a Chapeuzinho, o lobo mau, a
23 vovozinha e o lenhador. Falamos sobre a simbologia do Lobo Mau. É sempre o mau.
24 A menina sempre boa, ingênua. Discutimos acerca de vários aspectos do caráter
25 das pessoas e do que levamos dentro de nós. Falamos sobre o estereótipo do lobo.
26 Sobre toda a carga que tem que carregar. Depois de tudo isso, descansamos um
27 pouco, tomamos suco e comemos as tortas e bolachinhas que eu havia levado.
28 Conversamos outras coisas, sobre o que têm feito, o que fizeram nesses
29 quinze dias nos quais eu não vim vê-los. Falamos, rimos, comemos. Todos muito à
30 vontade comigo.

1 Parecem diferentes, estão mais tranquilos, mais calmos. Estão mais alegres e
2 contentes, mais amáveis com seus companheiros. Percebo que estão se falando mais
3 entre eles. Não estão ansiosos, tampouco nervosos. Estão muito à vontade comigo,
4 e eu com eles. Eu adoro estar aqui, estar em aula, dar-lhes atenção, preparar suas
5 atividades. Isto me dá um prazer bárbaro. Faz-me sentir bem e em paz. Poder
6 contribuir para a formação existencial de alguém é muito, muito, importante. De
7 verdade.

8 A próxima atividade foi assistir ao filme "Deu a louca na Chapeuzinho". Vimos
9 o filme em espanhol para que pudéssemos entendê-lo. Adoraram! O filme é
10 bastante dinâmico e muito divertido. Assim como a atividade do patinho feio,
11 ajudou a ver outras possibilidades.

12 A trama da história é que alguém rouba os doces ou os doces que Chapeuzinho
13 levava para a vovozinha desaparecem e todos os personagens da história passam a
14 ser suspeitos. O lobo não é tão mau e a Chapeuzinho não é tão ingênua. A vovozinha
15 é uma mulher moderna e gosta de praticar esportes radicais. Sai do molde do conto
16 original e propõe abrir outras possibilidades acerca do imaginário construído ao
17 redor de cada personagem. Os estereótipos vão sendo, aos poucos, destruídos e
18 reconstruídos de uma maneira mais flexível e livre.

19 Sobre a quinta atividade, foram distribuídas seis imagens nas quais estão
20 explícitas outras leituras do conto Chapeuzinho Vermelho. A ideia é que escrevam
21 novas histórias, com novos matizes, novos desenlaces para os personagens. Vamos
22 ver o que vai acontecer. Estamos nisso agora.

23 (...)

24 A atividade foi espetacular para eles.

25 Todos escreveram lindas histórias. Cada um deles escolheu uma imagem e
26 escreveu seu texto. Alguns pediram ajuda para corrigi-los. Depois de corrigidos,
27 todos leram suas histórias para o grupo. Ao final de cada uma delas eu os felicitava
28 com entusiasmo e alegria. Palmas para cada um deles. Eles adoraram a atividade.

29 Eles estão gostando de fazer as atividades. Estão fazendo tudo de muito bom
30 humor e com ganas de fazer. Estão muito contentes por tudo o que têm conseguido

1 realizar. Perguntei como estão se sentindo e disseram que se sentem muito bem na
2 aula. Tenho visto que estão bastante calmos, nada de ansiedade. Isto é bom.

3 A tarefa para o próximo encontro é, a partir do começo de um conto,
4 escrever uma nova versão do conto da Chapeuzinho Vermelho. Propus com alguns
5 parâmetros: mínimo quatro laudas nas quais estejam claras as partes de uma
6 narrativa (o espaço, o tempo, os personagens, o narrador e o conflito ou enredo).

7 Hoje vou sair mais cedo. Trabalhamos desde as 8h15min até às 17h25min.
8 Trabalhamos durante nove horas hoje.

9 Sinto-me bastante cansada, mas muito, muito, contente e satisfeita com os
10 resultados que têm aparecido.

11 O dia passou muito rápido. Em um momento saio para Pelotas, para andar
12 250km mais, mas me sinto muito feliz com tudo que fizemos hoje.

13

14

15

16

17

18

19

20

21

22

23

24

25

26

27

28

29

30

1 **Apêndice J: Registro 10**

2 Registro 10: Sétimo encontro

3 A aula hoje começou cedo: às 8h15min já estávamos todos em sala de aula
4 sentadinhos e falando sobre o que fizemos nesses quinze dias sem ver-nos. V. me
5 contou que S. e R. saíram em liberdade. Estão em Montevideú, parece. Que bom!
6 Que Deus as abençoe.

7 No mais, tudo segue igual: fazendo nada.

8 Apresentei o que íamos fazer hoje durante o dia: as três atividades.

9 Começamos a primeira atividade. O título era "O que passa aos uruguaios?" A
10 atividade era muito simples: ver um vídeo onde havia um imenso suspense falando
11 de muitas maravilhas do Uruguai, mas ao final, eu interrompia antes que vissem o
12 que era realmente. Eles tinham que escrever o motivo de Uruguai ser um país tão
13 diferente e os uruguaios tão especiais. Todos escreveram coisas lindas sobre seu
14 país e seu povo. Todos leram o que haviam escrito compartilhando sentimentos de
15 orgulho e amor por seu país e alegria e honra por serem uruguaios.

16 Ao final, deixei passar todo o vídeo onde eram os recém nascidos que
17 gritavam "goooooool!". Esteve linda a atividade porque eles ficaram muito curiosos
18 acerca do final do vídeo.

19 Um deles me disse que "a atividade lhe serviu para dar-se conta do tão lindo
20 que é o Uruguai. Que uma pessoa ali dentro fica com tanto rancor na alma que tudo
21 vai perdendo a beleza".

22 A segunda atividade era escrever uma história coletiva baseada nas imagens
23 que ia apresentando. Esta atividade demandou bastante tempo porque estavam
24 escrevendo devagar e a cada imagem mudava o tom e o que escreviam. Ao final de
25 todas as imagens me entregaram o texto e eu li para eles para compartilhar entre
26 todos a criatividade do texto coletivo.

27 O mais interessante é que um se preocupava sempre em ler o que o outro
28 havia escrito para haver conexão textual.

1 Estou acostumando-os a importar-se com o outro, com o que o outro faz ou
2 escreve, visto que não somos sozinhos, não vivemos sozinhos, ainda ali nesse lugar,
3 não estão sozinhos.

4 A manhã se foi nessas duas atividades.

5 Depois do almoço começamos às 13h15min.

6 A primeira atividade da tarde era falar de literatura. Com a autorização de
7 meu amigo policial, fomos para a cancha para conversar. Fiz algumas perguntas-
8 chave para lhes despertar sobre o tema da aula: Qual é o começo do teu livro
9 favorito? Como começa o livro que estás lendo?

10 A tarde estava magnífica! O solzinho cálido e o céu azul, sem nuvens. Uma
11 suave brisa nos acariciava a alma. Trouxe cobertores para sentar-nos e ali ficamos
12 conversando sobre as perguntas que lhes havia feito. Falamos sobre o que Quiroga
13 disse sobre as primeiras três linhas de uma história: são primordiais para o êxito
14 da narrativa.

15 Trouxe um compêndio com quinze começos de livros. De um a um fomos
16 conversando sobre seus conteúdos. Falamos sobre Dom Quixote, Cem anos de
17 solidão, sobre Rayuela, Platero e eu, a Metamorfose de Kafka, sobre O velho e o
18 mar, Orgulho e preconceito, Contos de amor de loucura e de morte, O Pequeno
19 Príncipe, sobre A dama das camélias, A casa de Asterión, Crônica de uma morte
20 anunciada e outros que agora não me recordo.

21 Fomos falando sobre cada um desses começos de livros que, quase todos,
22 fazem parte dos clássicos da Literatura Universal.

23 Falamos também sobre algumas curiosidades sobre autores como Cervantes,
24 Gabriel Garcia Márquez, Cortázar, Juan Jimenez, Kafka, Hemingway, Jane Austen,
25 Horácio Quiroga, Saint Exupéry, Alexandre Dumas Filho, Jorge Luís Borges,
26 George Orwell, Bioy Casares e outros.

27 Passamos uma hora e meia conversando. Comentei que ainda que as coisas
28 possam ter o mesmo começo, nós podemos mudar o final. Sempre. Terminamos a
29 atividade e nos demos as mãos. Formamos um círculo. Disse-lhes que estava muito

1 feliz de estar ali com eles. Que eu sentia que eles eram meus amigos desde muito
2 tempo. Agradei por terem vindo para a aula.

3 O tempo escorreu pelo meio dos dedos. Voltamos à sala de aula e já
4 estávamos todos com muita fome. Comemos os bolos e as bolachinhas com suco
5 feito por B. Esteve muito lindo o compartilhar. Percebo que eles adoram este
6 momento. L. não comeu nada, me disse que sente dor nos dentes. Todos os outros
7 gostaram de tudo. Enquanto comíamos falamos de Quixote.

8 A próxima atividade era escolher um entre os quinze começos que trouxe e
9 escrever um texto até duas páginas. Não disse de que obra fazia parte, somente
10 depois de terem feito iam conhecer a obra original.

11 Terminamos a aula. Não houve tempo de terminar a atividade porque eu tinha
12 que ir embora por volta de 17h30min para que a noite não me agarrasse e chegasse
13 cedo em Pelotas. Amanhã cedo tenho reunião.

14 No final da aula falei sobre os objetivos das atividades: mostrar-lhes que
15 sempre se pode mudar uma situação, pese o que for. Que uma situação sempre
16 pode mudar nosso presente. Que uma situação sempre pode piorar, mas que, ao fim
17 e ao cabo, sempre podemos ter uma atitude de mudança para melhor ou pelo menos
18 para sair de uma situação incômoda.

19 Acordamos terminar a tarefa nos quinze dias que faltam para o próximo
20 encontro.

21 Cheguei às 21h30min. Estou bastante cansada pela jornada de nove horas e
22 dirigir por sete horas, mas sinto que estou no caminho. Sinto que sim. Graças te
23 dou, oh, Deus, por toda a proteção. Amém.

24

25

26

27

28

29

30

1 **Apêndice K: Registro 11**

2 Registro 11:

Oitavo encontro

3 São 3h10min da madrugada. Tomo meu café enquanto escrevo. Chove. Não
4 gosto de viajar com chuva. Vou tomar meu banho, organizar as coisas no carro: o
5 quadro-branco, a caixa amplificadora, cabos auxiliares e aparelho de som; as formas
6 de bolo e as bolachinhas, os copos, sucos, açúcar; o material que vamos usar em
7 aula: as folhas impressas com todo cuidado e zelo, os lápis de cor, os saquinhos
8 porta-retrato que fiz com tanto mimo e amor.

9 Preparei um lindo presente muito especial e representativo. É um saquinho de
10 pano (estopa) com botõezinhos de pérolas, estrelinhas e cristais dentro dele, com
11 uma "coisinha" para se colocar recados ou fotos. Ficou tão bonito!! Eu gosto de
12 preparar essas coisas. Aprendi com meus professores que uma aula deve ser
13 significativa para os alunos. Deve ser assim.

14 Bom, vou tomar meu banho e organizar tudo no Chapolim Colorado. Temos
15 250km pela frente com a chuva nos acompanhando.

16 (...)

17 São 6h da manhã. Faz duas horas que saí de Pelotas. Falta pouco para chegar
18 a Melo. A chuva parou um pouco. Amanhece. Não posso ver o Sol, mas eu sei que
19 brilha por sobre as nuvens. Hoje não pude ver o céu todo colorido ao amanhecer.
20 Vim com chuva desde que saí da minha casa. Muita chuva. Em alguns momentos tive
21 que parar o carro no acostamento porque era impossível seguir em frente.

22 Recém passei a ponte Mauá. Já estou em território uruguaio. Me sinto como
23 se estivesse em minha casa. Adoro falar com as pessoas, escutar sua risada, sua
24 amabilidade. Se olho pra frente, vejo uma longa esperança serpenteando colinas e
25 campos: a rodovia da esperança.

26 O dia já se fez claro e esplendoroso. A chuva molhou todos os seres da
27 Terra-Mãe. Se olho para a direita, vejo o campo completamente coberto pela mais
28 genuína esmeralda. Que lindo ver isso! Que bonito poder perceber tamanha beleza!
29 Posso sentir nas mãos a suavidade e a delicadeza das gotinhas nas plantinhas. As
30 flores se eriçaram, faceiras. Estão exuberantes! Vejo muitos mal-me-querer

1 desnudando-se do pó da estiagem e, erigidos e felizes, saúdam aos que passam
2 buscando seus sonhos e desejos.

3 Se olho para a esquerda vejo ovelhinhas gordinhas como novelos de lã no meio
4 das esmeraldas. São poucas. Estão distantes. Perto vejo um cemitério desses
5 construídos dentro de um campo. Está ao lado da rodovia. É bonito. Pequeno. Tem
6 um cercadinho de pedras, um pequeno portão mais alto que as outras estruturas.
7 Tem três ou quatro sepulturas dentro. É pequenininho. Ali descansam o estresse, a
8 inveja, o cansaço, a beleza, a banha da barriga, o ego, a amargura. Ali descansa em
9 paz o orgulho, a avareza, o egoísmo, a traição. Por onde andam suas almas? No
10 inferno? No purgatório? Ou no paraíso? É um lindo lugar de paz. Que Deus abençoe
11 a todos. O campo de esmeraldas os acolheu como os braços de uma mãe. A colina
12 verdejante e arredondada acolhe a todos com ternura.

13 Que lindo o que eu vejo!

14 Bom, preciso ir senão vou me atrasar e isto eu não posso. Temos que ser
15 justos e corretos para podermos ser exemplos e para poder cobrar dos alunos.
16 Custa-me bastante sair daqui. É um bonito lugar. Pero...

17 (...)

18 Não sei onde coloquei minha caneta preta, pode ser que esteja com algum dos
19 alunos. Tenho que ver.

20 Cheguei às 7h30min. Tomei um cafezinho na cozinha. Esperavam-me com um
21 pão guardadinho para mim. Isto não tem preço!!

22 Vou ter que esperar um pouco para começar a aula. Parece que houve um
23 problema aí dentro. Encontraram um velhinho morto. Pobrezinho. Que Deus esteja
24 com os braços de Amor esperando-o para curar todas as suas feridas. Amém.

25 Ficarei na sala de aula esperando-os. Quando tudo se organize vão liberá-los
26 para vir.

27 A aula de hoje vai ser muito boa. Tem trabalho para aprender técnicas de
28 escrita criativa, desenhos de animais simétricos para que relaxem suas mentes e
29 desenvolvam outras aptidões, um curta para fazê-los pensar sobre o fato de que

1 "somos eternamente responsáveis pelo que cativamos". Somos responsáveis pelas
2 nossas rosas.

3 A última parte da aula vai ser o estudo do "Manual do Perfeito Contista" de
4 Horacio Quiroga, e um gráfico sobre narração. O objetivo principal da aula de hoje
5 é lhes tocar o coração com atividades significativas. Uma conduta antissocial, por
6 exemplo, pode ser o recheio de um vazio existencial. Preciso abrir as janelas de
7 suas almas para que possam ver que quando a vida é percebida com um significado a
8 realizar, o sentido da vida é necessário para a saúde física e para a atitude
9 psicológica. Portanto, quando a vida é percebida com um significado a realizar, a
10 atitude existencial tem um papel importante no desenlace evolucionar. O sentido de
11 liberdade, a responsabilidade consigo mesmo, com os demais, com o mundo e a vida
12 em todas as etapas de evolução são importantíssimos para uma boa formação em
13 todos os aspectos.

14 A mente humana constrói ou descobre os significados, mas também pode
15 inventá-los e criá-los. A afetividade e a reflexão permitem investigar significados
16 sempre novos e mais funcionais para o crescimento próprio e unido aos demais. Sou
17 responsável pelas minhas rosas (eles) e eles pelas suas.

18 Barbaridade! Já são 9h15min. Que tarde vamos começar a trabalhar. Mas,
19 pra tudo tem um tempo debaixo do céu. Esperemos.

20 (...)

21 São 23h. Estou sentada no pátio interno da prisão. Estou sentada no piso,
22 enroscada em meu cobertor porque aqui a noite é fria. Estou encostada na parede
23 perto da entrada principal. Ouço gritos, palavras incompreensíveis. Eles falam
24 muito rápido. Parece um pedido. Parece que cobram algo que não foi cumprido.
25 Normal dentro de uma prisão, lamentavelmente.

26 Tenho aprendido muitas coisas por aqui: "o silêncio é teu melhor amigo"; "tua
27 sombra poderá te trair basta que estejas na escuridão"; "os ouvidos, a audição, é o
28 sentido que mais se desenvolve, encontrando níveis extraordinários, por exemplo,
29 se conhece cada ruído, cada fechadura que se abre ou se fecha, cada miolo de

1 fechadura que é tocado, metido a chave, girado"; "aqui cada um é um e nada mais";
2 "aqui NÃO se tem amigos".

3 Apesar da noite estar fria, a esperança me aquece a alma. A esperança
4 sempre está latente em meu coração. O amor que tenho recebido destas criaturas
5 não tem preço.

6 À minha direita, imediatamente está a porta de entrada (do prédio). A uns
7 20m estão as laranjeiras, uma linda figueira, o portão de saída (na verdade há dois
8 portões de saída), a guarita do policial de guarda, e a uns 100m está a rodovia que
9 vai para Melo. A rodovia se perde na escuridão logo depois da curva. Não se vê nada
10 mais. Parece que um portal se abre e a engole. O guarda está sentado, mas se move.
11 Fala baixo. Posso escutar os grilos, as estrelas tiritando, os quero-queros ao longe,
12 mas não o guarda.

13 À minha esquerda está imediatamente a parede, a longa parede que abriga o
14 administrativo, a cozinha dos policiais, o cassino, o alojamento dos policiais e parte
15 da marcenaria. A uns 100m está a guarita e o policial de turno fora dela. Não posso
16 ver seus olhos, mas parece que olha em minha direção. Depois da guarita se vê a
17 cerca de arame e a tela de aço. Ao lado da guarita existe uma grande caixa d'água
18 para as pessoas e os serviços da prisão. Depois, a noite engole tudo.

19 Fazendo um recorrido de 180° se pode ver desde a guarita que está
20 localizada a minha esquerda: a enorme caixa de água, as hortas que os reclusos
21 cuidam, são bastante grandes. Imediatamente a minha frente uma linha de
22 palmeiras desde a entrada até o final do prédio em direção à guarita da esquerda.
23 São altas e formosas. As folhas se requebram com a suave brisa. Depois das
24 palmeiras, creio que a uns 10m está a cancha de futebol. À minha frente. Tem luzes
25 por toda a volta. Depois da luz, a escuridão e seus monstros.

26 Se olho pra cima, vejo o céu pontilhado de estrelas. A chuva se foi. Tem
27 algumas nuvens. Posso escutar as aves noturnas arrumando-se para sair a passear.
28 Uma tímida barata me faz companhia. Não sabe para onde vai. Se fica ou se vai. Se
29 vai ou se fica. Hehehe Pobrezinha.

1 Por trás de mim uma parede que me separa do escritório, da parte
2 administrativa, um corredor, a cozinha e os pavilhões, nesta ordem.

3 Penso que a aula de hoje foi muito positiva em alguns aspectos.

4 O título do encontro de hoje era "embaralhando e tramando". Os objetivos
5 principais: desenvolver técnicas de escrita criativa, estímulos para melhorar a
6 atenção e a memória, fazê-los refletir acerca do imaginário, da generosidade e da
7 amizade, e no final, trabalhamos o "Decálogo do perfeito contista".

8 A primeira atividade era desenvolver técnicas de escrita criativa.

9 Entreguei folhas com as atividades, duas folhas a cada um. As duas com o
10 mesmo propósito: tinham duas frases, uma como começo de um texto, outra frase
11 como final. Estas frases eram inamovíveis, ou seja, não tinha como trocá-las por
12 outras, nem a sua ordem.

13 O objetivo era que recheassem com tempo, espaço, personagens, narrador e
14 enredo ou conflito, entre as duas, formando um pequeno texto coerente e coeso.
15 As orações intermediárias deveriam estar tramadas, ter uma ideia central, um
16 tema central, um tipo de narrador sem importar qual fosse. Sempre lhes chamando
17 a atenção e afirmando que não tinha necessidade do texto ser real ou não,
18 verdadeiro ou não. Que poderia ser um espaço, tempo, personagem e enredo,
19 imaginários. Ou que poderia ser uma mescla dos dois.

20 Todos fizeram a atividade com muito bom humor, mas no início foi um pouco
21 complicado recheiar o começo e o final. O que lhes resultou mais complicado, me
22 disseram, foi finalizar o texto. "Quando se tem o começo, é uma coisa. Quando se
23 tem o final, não é difícil. Mas quando se tem os dois e não se tem o conflito que
24 parece bem mais difícil e complicado", me disse B.

25 A S. F. no início achou um pouco complicado, me disse, porque não lhe ocorria
26 o assunto para recheiar tudo.

27 Passei todo o tempo caminhando na sala de aula, oferecendo minha ajuda a
28 eles, apoiando-os com adjetivos, ortografia e algumas conjugações dos verbos
29 irregulares. Não lhes corriji a acentuação enquanto não terminaram as duas
30 propostas. Na verdade, o objetivo não é que escrevam textos perfeitos, mas que

1 escrevam; que aprendam como expressar-se, como desafogar-se, desestressar-se.
2 A correção é consequência. O objetivo é que desenvolvam as técnicas e habilidades
3 da escrita criativa para, quem sabe, em um futuro não muito distante, possam,
4 inclusive, trabalhar nisso se tiverem vontade. Ademais, quanto ao processo criativo
5 não temos que cortá-lo, temos que aproveitá-lo, para que nos textos eles possam
6 perceber-se a si mesmos, transformando sua natureza e a natureza das coisas com
7 as quais têm tido contato ou as que eles têm compartilhado. Enquanto cria,
8 compreende, reconfigura, significa. Ainda que tenham feito as atividades por
9 indução, foram obrigados a criar situações.

10 A segunda atividade todos eles adoraram.

11 A primeira atividade nos tomou toda a manhã. A segunda, começamos ainda de
12 manhã e terminamos durante a tarde.

13 Hoje almocei com eles na sala de aula. Acordamos fazê-lo sempre, agora. Vou
14 trazer mais coisas para comer e eles vão pedir a seus familiares que lhes tragam
15 coisas para compartilhar no dia da aula. O grupo está se unindo bastante e isto é
16 importante, demasiadamente importante num lugar que o que se colhe são
17 inimizades, rancores, tristeza e dor.

18 Para a segunda atividade lhes entreguei desenhos de animaizinhos:
19 borboletas, gafanhotos, moscas, abelhas, grilos, aranhas, escorpiões, formigas
20 desenhadas de corpo pela metade. Primeiro eles tiveram desenhos pela metade
21 esquerda inteira desenhada para que fizessem o lado direito. A intenção é
22 melhorar a atenção e a memória deles. Deveriam fazê-lo sem ajuda de régua.
23 Traços curtos e adequadamente proporcionais ao tamanho original do desenho. Os
24 que iam terminando primeiro foram colorindo com lápis de cor.

25 A segunda parte desta atividade era entregar-lhes os desenhos com a
26 metade direita do animalzinho para que desenhassem o lado esquerdo. A atividade
27 lhes acalmou bastante. Apesar de já terem chegado na sala de aula bem contentes
28 pelo nosso encontro, a atividade lhes acalmou bastante. Estar contente não é estar
29 calmo. Sempre os tenho percebido um pouco ansiosos, não mais nervosos ou
30 irritados como antes, mas hoje, inclusive, me disseram que a atividade fez sentir

1 sono. Fico feliz por isso. Sentiram-se relaxados, talvez. Bom, esse é um dos
2 objetivos do "Érase otra vez...".

3 São 1h da manhã. Perdi-me completamente no tempo. A verdade é que
4 escrever também me faz muito bem, me desestressa, me relaxa. Sentia-me
5 esgotada quando me sentei aqui. Sinto-me recomposta agora. Parece que ao
6 escrever, renasço. Sim. É assim.

7 Vou descansar.

8

9

10

11

12

13

14

15

16

17

18

19

20

21

22

23

24

25

26

27

28

29

30

1 **Apêndice L: Registro 12**

2 Registro 12: Sobre o oitavo encontro

3 Ontem não pude terminar o registro de todas as atividades porque ficou
4 muito tarde e tinha que sair cedo para Pelotas. Saí de Melo às 5h da manhã. A
5 viagem foi bastante tranquila.

6 A terceira atividade consistia em ver o curta-metragem "A mendiga e as
7 bolsas". Levei este curta porque é uma mostra preciosa de alguns valores
8 imprescindíveis à formação humana: amizade, compartilhamento, generosidade. O
9 imaginário de um dos protagonistas, o varredor de rua, se manifesta de maneira
10 espetacular! "A mendiga e as bolsas" lhes tocou a alma.

11 Os dois personagens, o varredor de rua e a mendiga, dão uma lição de
12 generosidade, carinho, doação, valorização do outro, gratidão. Levei este curta-
13 metragem não para realizar alguma atividade, mas para fazê-los pensar sobre o
14 fato de compartilhar, sobretudo, fazê-los raciocinar e compreender que não
15 importa onde estejamos, sempre haverá alguém, uma mão, um amigo.

16 Ao final, falamos sobre "as bolsas" que têm nos deixado marcas na alma; nas
17 que temos deixado à beira do caminho; naquelas que temos esquecido, e naquelas
18 que temos levado conosco porque têm sido importantes, porque nos têm formado
19 existencialmente, porque gostamos, porque têm sido necessárias.

20 Para o final desta parte lhes entreguei os presentinhos que havia feito: os
21 porta-retratos e o calendário.

22 Falei do calendário que era para que não se esquecessem da mensagem deste
23 dia. Que não se esquecessem de que somos uma amálgama de nós mesmos e dos
24 outros que vão passando e que têm passado por nossa vida. Que a nossa vida é um
25 constante aprender, só e com os outros que nos têm atravessado.

26 Eles ficaram em silêncio enquanto eu falava. Muito atentos ao que eu estava
27 dizendo, os olhinhos de todos não se desprendiam de mim. Sempre que falo,
28 caminho dentro da sala de aula para mantê-los atentos, para que não se aborreçam
29 e não se distraiam.

1 Eles gostaram muito do curta-metragem, do calendário e da bolsinha com o
2 porta-retrato. Eu fiquei muito agradecida por este momento. Parece-me que a cada
3 encontro se fortalece a confiança e a amizade entre nós: somos eternamente
4 responsáveis pelo que cativamos. Somos responsáveis pelas nossas rosas. Sim, é
5 assim.

6 Na última parte da aula estudamos o "Manual do perfeito contista", do
7 Horacio Quiroga. Mas devo registrar aqui que depois da exposição do curta-
8 metragem se gerou uma bela discussão acerca da amizade e de tudo que levamos do
9 outro dentro de nós.

10 Sobre a quarta atividade: foi espetacular!!! O manual e o "Decálogo do
11 perfeito contista" assombrou com seu conteúdo necessário e absolutamente
12 importante aos que querem escrever. Sumamente objetivo sobre a arte de
13 escrever, Quiroga impressionou com seus conselhos e precisões. Assim que tivemos
14 bastante tempo para discutir sobre este lindo tema

15 Quiroga nos deixou um grande legado com este texto. Conciso, mas amplo.
16 Curto, mas profundamente necessária a leitura por qualquer que queira seguir esta
17 arte, ao mesmo tempo solitária, mas coletiva ao fim e ao cabo. Se pensarmos um
18 texto escrito como resultado de uma memória, ainda que particular e individual,
19 coletiva ao desnudarmos de todos os outros que nos têm formado, e ao mesmo
20 tempo que nos têm vestido de todas as marcas.

21 Ao final da conversa (ou discussão), trouxe todas as atividades que fizemos
22 hoje: a escritura do texto com as frases iniciais e finais, os desenhos dos insetos
23 faltando uma parte, o curta-metragem da mendiga e do varredor de rua, e o texto
24 de Quiroga, para que pensássemos no fato de que a vida é uma trama de
25 existências. Temos sido atravessados por todos e por tudo que temos
26 compartilhado ao longo de nossa vida. A dimensão individual está diretamente
27 relacionada à dimensão coletiva, não tem como separá-las.

28 Somos feitos por muitos, mas únicos, particulares e muito especiais.

29 A aula se foi até às 21h. A esta hora as criaturas não queriam voltar para
30 suas celas. Este é, realmente, um momento bastante triste para eles e para mim,

1 que vejo sua tristeza. Eu não gosto de vê-los assim. Não gosto. Queria vê-los
2 sempre contentes.

3 O abraço forte e amoroso e os desejos de boa viagem e boa sorte me enchem
4 a vida.

5 Um a um se foram, devagar, como que para encompridar o tempo. Despedi-me
6 de todos com amor. Não deixei atividades para escrever, somente para ler e
7 refletir sobre o texto de Quiroga.

8 Acompanhei-os com o olhar desde a porta onde estava. Eu os quero muito
9 bem. São preciosos para mim!

10 Organizei as coisas, as classes; varri tudo; levei os aparelhos de som, o
11 quadro-branco e as pastas para o carro, e depois de tudo, fiquei na sala de aula
12 lendo os textos de todos.

13

14

15

16

17

18

19

20

21

22

23

24

25

26

27

28

29

30

1 **Apêndice M: Registro 13**

2 Registro 13: Nono encontro

3 Levantei às 3h50min. Normalmente, é sempre a mesma hora que tenho me
4 levantado para que tenha tempo de tomar banho, tomar café com calma e para que
5 eu arrume tudo com cuidado no carro.

6 Igual a todas as vezes, passo pelo posto de gasolina para checar os níveis do
7 óleo e da gasolina, calibrar os pneus e o nível da água. Os meninos lavam os vidros
8 enquanto conversamos um pouquinho. Não tem sido o mesmo rapaz que tem me
9 atendido.

10 (...)

11 As ruas estavam completamente vazias. A noite cobriu-as com seu manto
12 negro pontilhado de estrelas douradas. Que estranho! Não eram de cor prata... Por
13 que será?

14 O carro cruzou a cidade com ansiedade. O ruído do motor cortou o silêncio
15 sepulcral no qual dormiam os de consciência tranquila, e os que não puderam
16 dormir, talvez, meteram a cabeça entre almofadas de suaves plumas brancas
17 buscando um perdão que ninguém nunca saberá se vai chegar ou não.

18 Era impossível ver o horizonte. Ele se vestiu de um negro tão profundo que
19 me fazia faltar o ar. Uma estrela cortou o céu numa vertiginosa velocidade. Um
20 pedido! Um pedido! Rápido, pensei. Que sejamos felizes, desejei. Foi o que pedi.

21 O caminho era longo e a memória ainda mais. A escuridão da noite abraçou a
22 solitária rodovia, mas já não era tão solitária. Nós compartilhávamos este doce e
23 terno abraço.

24 São 5h30min da madrugada. Estou sentada no acostamento, recostada no
25 carro com as luzes baixas acesas. A luminosidade é suficiente para que eu possa
26 escrever.

27 No céu começam os vaivéns do tempo e dos protagonistas. A lua cedeu seu
28 espaço. As estrelas, um pouco mais atrevidas, ficam um pouco mais. Alguns atrasos.
29 A aurora anuncia a chegada de um jovem príncipe: o Sol. A escuridão tristemente
30 se despede. Está nostálgica.

1 Agora se pode ver o horizonte. Não é azul como diz a canção. Tem tons de
2 verde, mas também de vermelho. Será chuva? É hora de seguir.

3 (...)

4 O dia foi precioso. Ainda chove, mas uma garoa quentinha, silenciosa e de
5 muitas cores.

6 São 23h38min. Estou sentada no piso, em frente à porta da prisão. A porta
7 está fechada, mas escuto o som da televisão em alto volume e a risada alta dos
8 guardas. Impressiona-me ver a falta de respeito com relação aos internos! Que
9 triste! Como vão dormir?

10 À minha frente vejo a cancha de futebol, larga, longa, de um verde muito
11 escuro. Ao fundo, o campo negro repousa no silêncio distante. Estou bastante
12 cansada. O dia foi bastante longo, mas muito, muito, positivo.

13 Cheguei cedo, cumprimentei a todos os guardas e fui para a cozinha
14 cumprimentar os internos que preparam o café da manhã dos outros. Abraçaram-
15 me, disseram que sentiram minha falta, pobres; separaram dois pães quentinhos
16 pra mim, recém tinham tirado do forno. Tomei café com eles e fui para a sala de
17 aula organizar as coisas de sempre: o aparelho de som, o quadro-branco, o material
18 dos alunos, as coisas de comer, a mochila. Varri a sala de aula, organizei as classes
19 e fiquei esperando-os cantando uma canção de ninar.

20 Senti suas vozes no corredor e pareciam bastante animados. E estavam!
21 Abraçaram-me muito forte e todos disseram que haviam sentido muito minha falta.
22 Olhavam-me com lindos sorrisos. Estavam verdadeiramente contentes os meninos.
23 Foi bonito vê-los e, sobretudo, senti-los contentes e com muito boa vibração e
24 energia positiva. Lembrei do texto do Pequeno Príncipe: "se vens, por exemplo, às
25 quatro da tarde, começarei a ser feliz desde às três". Disseram-me que se
26 levantaram cedo para me esperar. Uns me viram chegar pela janela, outros
27 escutaram o ruído do carro, outros sentiram meu perfume que chegou pelo ar. Eu
28 os adoro! Tenho imenso respeito e admiração por eles.

29 Falamos sobre a tarefa que eu havia pedido para fazer e ninguém havia feito.
30 Uns se esqueceram, outros não tiveram tempo por causa das atividades.

1 Na sequência, lhes disse que a escritura criativa é como os músculos, temos
2 que movê-los, treiná-los, se não, a possibilidade de endurecer-se é bastante
3 grande.

4 Como primeira atividade trouxe a construção de uma história coletiva. Dei
5 duas frases, uma como o começo da suposta história, e a outra como o final. A
6 frase do começo estava no início de uma folha de papel. A frase do final eu lhes dei
7 solta, em um outro pedaço de papel.

8 Pareceu-me bastante interessante o desenvolvimento desta atividade. No
9 começo, todos leram a frase do início e ficaram pensando em algo que lhes
10 ocorresse. O primeiro que falou eu lhe dei a folha e começou a escrever nela.
11 Assim, a folha andou pelas mãos de todos para a construção da história. Quando
12 faltava somente um para escrever, este seria o que ia concluir coerentemente com
13 a frase final que lhes havia dado no pedaço de papel.

14 A folha do texto não voltou para a mão de nenhum deles e todos estavam
15 curiosos para ler a história completa. Ao final, aquele que terminou a história, leu-a
16 em voz alta para que pudessemos saber como tinha ficado. Eles gostaram muito de
17 escrevê-la e escutá-la. O que terminou de escrevê-la e enganchá-la com o final foi
18 S. F.

19 Causou assombro a atividade porque eles se perguntavam como que várias
20 pessoas diferentes haviam escrito uma história comum a todos. L. explicou que era
21 porque todos tinham um começo e um final, então lhes foi "fácil", disse.

22 Parece que têm se sentido mais à vontade para escrever, estão bastante mais
23 confiantes e tenho observado que têm estado todos assim.

24 A segunda atividade foi sobre a "dinâmica do amor".

25 Muito atentos, expliquei como iam proceder, mas não expliquei o motivo
26 principal que era fazê-los refletir e expressar sentimentos para si mesmos. Queria
27 fazê-los perceberem-se a si mesmos e ao outro, com cuidado, com delicadeza.

28 Primeiro, repartí figurinhas com a forma de coração e pedi que observassem
29 e pensassem sobre o desenho em suas mãos.

1 Provoquei-lhes a pensar sobre as acepções tanto do símbolo ♥ como da
2 palavra "coração". Pedi que escrevessem sobre o quê e quem imaginam que existam
3 ou estão em seus corações. Quais são prioridades em suas vidas e qual a
4 importância do amor para cada um deles. Que pensavam que havia em seus
5 corações?

6 Dois deles me disseram que estavam com o "coração" cheio de rancor; um me
7 disse que tem seu "coração" cheio de raiva e ódio; quase todos disseram que estão
8 com o "coração" cheio de tristeza, solidão e amargura. Um, que lhe transborda de
9 culpa.

10 O mais incrível é que enquanto compartilhavam suas percepções, eu podia
11 "ver" ou sentir as cores de suas palavras. Eram todas muito escuras, de tons
12 acinzentados e muito, muito, pesadas, bastante difícil levá-las nas costas, mas...

13 O mais importante foi poder compartilhar com eles minhas percepções
14 também. Falei que a esperança e o amor devem sempre salientar-se para que haja
15 luz em nossos "corações"; que é na escuridão que é necessário acender-se a luz.

16 O segundo momento da atividade se titulava "O coração partido" e estava
17 recheada de significados demasiado importantes. Dei dois textos e quatorze
18 figuras diferentes de corações. O primeiro texto era sobre um homem que estava
19 por ganhar o concurso do coração "mais bonito". É um lindo texto que nos fala das
20 marcas da vida em nós, das experiências que vivemos e sentimos.

21 O segundo texto era sobre o rei Salomão no qual está a história de sua
22 sabedoria frente a duas mulheres que diziam que o bebê era das duas. Linda
23 história que nos emocionou a todos. Pusemo-nos a pensar no amor infinito que
24 sentem muitas mães, capazes dos maiores sacrifícios por seus filhos, capazes dos
25 atos mais valentes e impensáveis pelos seus.

26 O terceiro momento era escrever na figurinha entregue ao início, quais
27 pensamos ser nossos defeitos e qualidades, nossos medos e dificuldades, o pior e o
28 melhor de nós, o que eu gostaria e o que eu não gostaria de mostrar aos demais. Ao
29 final, deveriam escrever um conselho ao "coração".

1 Todos compartilhamos nossas percepções com o grupo. Foi precioso vê-los
2 aconselhando-se um ao outro, a paciência e a atenção com o "coração" do outro, a
3 preocupação com o bem-estar do outro.

4 É de não se acreditar o cuidado e a sensibilidade que têm desenvolvido uns
5 com os outros. É lindo vê-los compartilhando e olhando-se com amor e atenção, com
6 preocupação e cuidado com o outro.

7 A manhã se encerrou com os "corações" pesados de emoção, inclusive o meu
8 estava brando, terno e cheio de esperança.

9 Deus, já comi quase a metade do lápis. Hehehe

10 (...)

11 A tarde começou com literatura, um passeio especial: Dom Quixote de La
12 Mancha e um passeio pelos lugares por onde andou.

13 O objetivo desta aula era discutir sobre a verossimilhança do literário e da
14 inverossimilhança da realidade ou da realidade ficcional/realista. A discussão foi
15 muito produtiva, pois originou um amplo leque de possibilidades como escritores e
16 donos de nossa "pena".

17 Quando lhes trouxe a possibilidade da maior e mais conhecida obra literária
18 ter sido escrita em uma prisão, todos ficaram muito surpresos. Isto originou uma
19 discussão muito interessante e prazerosa posto que os dados na ficção são
20 verdadeiros, ao passo que a história é uma ficção, ainda que haja monumentos a
21 Quixote, Cervantes, Dulcinéia de Toboso e Sancho Pança em Argamasilla del Alba.
22 O encantamento pelos dados, as imagens, as informações, foram ótimos!!!

23 O passeio pelo Campo de Criptana, vendo as fotos dos "gigantes" de Quixote
24 causou muita emoção. Foi como se tivessem estado ali ou conhecido sua história ali,
25 com Quixote. Apenaram-se por sua morte, baixaram o tom da voz em respeito a
26 sua memória. Divino momento! Divino instante no qual percebo que a literatura, sim,
27 nos faz mais humanos, mais ternos, mais despertos ou nos desperta os mais nobres
28 sentimentos, emoções ou valores morais.

29 Foi um dia lindo e muito, muito, especial. Estou "re" cansada e me sinto
30 esgotada fisicamente e emocionalmente, mas me sinto, sobretudo, abençoada por

1 tocar-lhes a alma, por fazê-los olhar para dentro de si, por fazê-los despertar
2 para o cuidado com o outro... para a preciosidade e a ternura com o outro. Que
3 lindo!

4 Vou dormir. Meu dia vai começar às 4h para chegar cedo em Pelotas.

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14

15

16

17

18

19

20

21

22

23

24

25

26

27

28

29

30

1 **Apêndice N: Registro 14**

2 Registro 14:

Décimo encontro

3 Estou sozinha na sala de aula. Um suave perfume de pão assado entra pela
4 pequena janela. Estou com fome. A cabeça me dói. Sinto-me um pouco cansada. A
5 noite me abraçou com a força de um abraço de uma mãe ao seu filho.

6 Chegam-me tons de melancólicos murmúrios dos pátios atrás de mim. Falam
7 baixinho como se quisessem ocultar suas dores, mas a alma não pode se aguentar e
8 chora doloridas canções sopradas em meio às queixas solitárias e esquecidas de
9 todos.

10 Contrastando, dois policiais estão às gargalhadas ao longe. Conversam
11 divertida e isoladamente tendo a certeza de sua liberdade ao final da jornada de
12 trabalho. Que ironia! Isto me dá um asco bárbaro! As pessoas têm sido tão
13 individualistas e tão egoístas. É prazeroso e comum a elas (às pessoas) fazer de
14 conta que tudo está bem e que a vida segue, sem preocupar-se com a dor, com as
15 penas que o outro carrega. Acredito que a rotina endureça as pessoas, sei lá.

16 Aqui, neste lugar isolado das pessoas, da cidade, ao mesmo tempo tão
17 pertencido a esta natureza que o rodeia e protege, tanta gente compartilha de um
18 mesmo trauma: a privação da liberdade. A privação de tanto... de tantas coisas
19 importantes, necessárias e absolutamente salutares à condição humana: a privação
20 da alegria, do abraço, do amor, da risada fácil, dos beijos e mimos de seus entes
21 queridos; a privação do toque amoroso e carinhoso de seu bichinho de estimação,
22 seus miados, seus latidos, o que for; a privação de estar com seu parceiro
23 compartilhando um jantar, tomando um mate, fazendo amor, acordando nas manhãs;
24 a privação de estar com seus filhos brincando no pátio, no sofá, na cama antes de
25 dormir, contando histórias ou contos de fadas para acalmá-los antes que o sono
26 chegue; a privação de trabalhar, de proteger seus seres queridos, de cuidar de
27 seus doentes, de enterrar os que se vão, de receber os que têm chegado a este
28 mundo, de ser cuidado pelos seus, de ser protegido e amado em plenitude.

29 Quanta privação do essencial, do divino, especial e necessário a nossa
30 existência! À construção contínua de nosso caráter, de nossos afetos, dos laços

1 mais imprescindíveis à existência humana. Açoitados pela solidão, pelo sofrimento,
2 pelo isolamento e a incerteza, o que restou deles? O que se pode encontrar neste
3 ser enredado no esquecimento da justiça e da sociedade?

4 A noite vai silenciando as dores e a escuridão vai dando passagem ao pranto.
5 Alguém chora atrás de minha janela. É um pranto que sufoca e afoga. Pobre
6 criatura. Vou ver se posso vê-lo e falar-lhe.

7 (...)

8 Não pude ver ninguém. Que estranho! É praticamente impossível alguém ter
9 estado perto da janela, os guardas o teriam visto e a esta hora todos estão em
10 seus respectivos pavilhões e celas. Que Deus em Sua infinita bondade se aproxime
11 de onde e como estejam em suas camas e possa acalmar suas dores, enternecer
12 seus corações e a santificar seus pensamentos. Que a dor seja transitória, e a paz,
13 permanente. Não permita, Senhor, que a vida ou as pessoas lhes tirem a esperança
14 de viver e sonhar. Quebrantada estou pela dor deste pranto que escutei, Deus.
15 Abrace-o, cuide-o, esteja com ele na angústia e proteja-o dando-lhe salvação e
16 amor. Que assim seja.

17 A policial me chamou para comer. Em um momento volto.

18 (...)

19 A comida estava muito saborosa. Comemos pesto.

20 É macarrão com molho, mas o estranho é que colocam batatas no meio (!!!),
21 mas estava boníssimo.

22 São 23h.

23 Antes de voltar à sala de aula, andei pelo pátio. Muito estranho o pranto que
24 escutei atrás de minha janela. Entendo que tenha sido a energia deste lugar que me
25 chegou na alma buscando alento e paz. Que os anjos estejam em todos os cantos
26 abençoando, acalmando os ânimos e equilibrando a energia deste lugar.

27 A aula foi muito alegre hoje. O tempo não tem sido companheiro. Tem
28 desaparecido vertiginosamente por entre os dedos. Tudo se passou muito rápido.
29 Ou tivemos um ótimo rendimento e foi útil tudo que fizemos.

30 Cheguei cedo à prisão. Levantei muito cedo. Saí às 4h, cheguei em Jaguarão
31 antes das 6h30min. Em Melo cheguei às 7h30min. Muito cedo. Fiquei dentro do

1 carro esperando passar o tempo. A música me fez companhia, como sempre. Às 8h
2 segui meu caminho e às 8h30min cheguei em frente ao portão da prisão.

3 Eu gosto de vir. Eu gosto de sentir, de desfrutar desses momentos que
4 antecedem o início da aula. Eu gosto deste desejo de vê-los, de abraçá-los. Eu
5 gosto dos momentos que se aproximam antes de escutá-los no corredor, quando
6 suas vozes vêm levantando o volume e aproximando-se da porta de entrada da sala
7 de aula ensaiam seu melhor bom dia e seu melhor sorriso para regalar-me. Eu gosto
8 de vê-los entrando pela porta e encontrá-los na metade do caminho. Eles me
9 buscam e eu a eles em um laço de amor e afeto, de confiança e solidariedade.

10 Aqui, entre estas quatro paredes somos apenas nós, somos um grupo unido,
11 todos por um, e cada um de nós, por todos.

12 Lembro de uma parte de Ecce Homo, de Nietzsche, no qual diz que "manter a
13 grandeza de sua tarefa livre de vários impulsos mesquinhos e míopes que se possam
14 mostrar nas ações desinteressadas, essa sim é a tentação, é a prova final".
15 Obviamente que Nietzsche está falando sobre a superação da piedade. Mas eu
16 trago esta frase para tentar registrar aqui que a intenção pura e sincera de ajudar
17 de alguma maneira a estas criaturas, e a recepção e atenção que tenho recebido
18 deles, tão carentes de tudo, mantém a grandeza desta tarefa, deste intento, do
19 "Érase otra vez...". Não existe lugar para a mesquinhez e a miopia existencial nesta
20 bonita tarefa desinteressada e amorosa. As tentações fugazes e promiscuas
21 jamais vão manchar nossas intenções, tanto de minha parte, quanto da parte deles.

22 Acredito que aí está o resultado que temos logrado. É interessante pensar
23 que o Amor, a Solidariedade, a Pureza de espírito e a Compaixão têm sido os
24 provocadores desses câmbios existenciais, sociais e muito particulares que tenho
25 acompanhado aqui dentro. Têm sido os detonadores desses pequenos milagres que
26 têm ocorrido neste lugar já nem tão inóspito e hostil.

27 Pelo que eu tenho observado, pequenos ninhos de afeto e confiança têm-se
28 produzido e eles têm-se cuidado entre eles. Isto é muito importante num lugar
29 como este. Falam entre si, se perguntam como têm passado, como estão; se
30 preocupam uns com os outros, se abraçam e se beijam no rosto.

1 (...)

2 O encontro de hoje se titulava "criando histórias". Trouxe três atividades
3 pontuais com a finalidade de que escrevam sozinhos; três atividades diferentes: a
4 primeira atividade consistia em entregar palavras descontextualizadas para que
5 escrevessem pequenas histórias nas quais aparecessem os cinco elementos
6 fundamentais de uma narrativa: tempo, espaço, conflito ou enredo, personagem e
7 narrador. Entreguei cinco palavras diferentes a cada um deles, por exemplo: carro,
8 maçã, casa, menino, branca. A partir dessas cinco palavras deveriam escrever uma
9 pequena história.

10 A segunda atividade me parece que foi um pouco mais fácil e prazerosa
11 realizá-la. Em pequenos pedaços de papel entreguei os "geradores de contos"
12 numerados de um (1) a doze (12). Eles podiam escolher como quisessem. Em cada
13 gerador havia o seguinte: um começo (Há mais de mil anos...), um protagonista
14 (extraterrestre), um lugar (uma nave espacial), uma ação (solidão), objeto (uma
15 carta antigüíssima) e um final (se acabou o conto e o levou o vento e se foi pelo mar
16 adentro). Este é o exemplo dos dados do gerador de contos de número um (1).
17 Entregava os pedaços de papel com os dados virados para baixo e sorteava sua
18 escritura.

19 Todos participaram ativamente da atividade. Eles gostaram de pensá-las,
20 escrevê-las e lê-las para mim e os companheiros; se surpreenderam pela
21 criatividade de todos. A nenhum deles faltou assunto para escrever os contos.

22 Na verdade, ao compartilhar a escrita de cada um deles, puderam comprovar
23 a criatividade de todos. Despertou-lhes algo que parecia estar adormecido: a
24 criatividade, a autonomia de escrever (ainda que guiados pelo gerador de contos).
25 Essas histórias despertaram-nos para a fantasia e a magia. O ambiente carcerário
26 corta abrupta e fatalmente o direito de sonhar, de fantasiar, de imaginar. Isto é
27 um crime contra a Humanidade. De fato, tem-se que lutar muito para que a pessoa
28 não enlouqueça nesse lugar.

29 (...)

1 Para a terceira atividade lhes entreguei uns dados também chamados
2 "geradores de contos". Havia preparado em casa, coloquei dentro de uma caixinha e
3 lhes havia presenteado a cada um. Ficou bonito o presente. Eles gostaram muito.
4 São preciosos para mim ♥. Em cada caixinha tinham sete dados: protagonista,
5 objetos mágicos, perguntas, época, lugar, personagens e um de animais.

6 Esta última atividade saiu estupenda! Primeiro porque era um presente e eles
7 gostaram. Eles são muito educados e muito amigos meus ♥. Segundo porque eles não
8 imaginavam o que havia dentro da caixinha e quando viram se surpreenderam
9 totalmente. Se riam e se pensavam como crianças, se viram como crianças, com a
10 oportunidade de brincar, de passar o tempo por passar, com prazer, em harmonia e
11 paz. Ganharam um brinquedo e iam desfrutá-lo com alegria. Terceiro, porque a
12 dinamicidade da atividade permitia criar em abundância posto que a cada jogada de
13 dados era uma nova história, muito difícil coincidir em algum dado.

14 Eles atiravam os sete dados no chão e apontavam as informações que tinham
15 sido sorteadas. A partir da organização das informações, começavam a escrever os
16 contos. Todos muito atentos e cuidadosos com a letra, com os erros de acentuação,
17 com a ortografia em geral. Ao longo da escritura das histórias, perguntavam se
18 estava bem o texto, a letra; por sinônimos, por significados de expressões. Todos
19 muito concentrados fizeram da tarde um lindo tempo de prazer, de paz, de
20 harmonia e união.

21 A tarde nos passou muito rápida e quando nos demos conta já eram
22 20h30min, deveriam voltar para suas celas. Combinamos por terminar a atividade
23 nos próximos quinze dias e me entregarem na próxima aula.

24 Os momentos finais de nossos encontros são sempre tristes para mim. Queria
25 poder deter o tempo. Pendurá-lo no espaço e ficarmos lá, esquecidos por todos. Em
26 uma dimensão que somente nós pudéssemos penetrar, e ficarmos ali. Somente nós.
27 Em uma dimensão onde o Amor, a Compaixão, a amabilidade fossem deveres e
28 direitos inevitáveis e intrínsecos.

1 Que os anjos estejam ao lado de cada um deles abençoando, cuidando,
2 acalmando e protegendo. Que as grandes asas do Senhor nos proteja a todos. Que
3 assim seja.

4 São 1h15min. Está muito tarde. Saio às 4h.

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14

15

16

17

18

19

20

21

22

23

24

25

26

27

28

29

30

1 **Apêndice O: Registro 15**

2 Registro 15: Undécimo encontro

3 Levantei às 3h da manhã, tomei café, tomei banho, organizei as coisas no
4 carro e saí às 4h. Passei pelo posto de combustível, conversei um pouquinho com o
5 simpático frentista; conferi a calibragem dos pneus, lavei os vidros e paguei a
6 gasolina. Atrasei 10 minutos.

7 A cidade dormia o sono dos justos. Ou não.

8 A rodovia estava vazia. A escuridão se abria tragando a mim e ao Chapolim
9 Colorado com doçura. A música, sempre companheira, me fazia pensar neles: como
10 estão, como passaram esses dias, se vão estar todos ali na sala de aula para me
11 encontrar, será que fizeram a tarefa. Estou louca de saudade. É sempre bonito
12 estar com eles. É tudo que quero fazer hoje.

13 O dia amanhece devagar enquanto eu mais me aproximo de seus cálidos e
14 amorosos abraços. São quase 6h30min. Estou sentada no acostamento apreciando o
15 amanhecer. O céu se pinta de tons rosados e azuis. Parece que ensaia uma chuva
16 que chega. Falta pouco para o sol romper no horizonte. Eu gosto desta paisagem
17 uruguaia. Esta é minha casa.

18 A paisagem até Melo muda bastante. Uns 10km depois de Rio Branco começam
19 os repechos e as descidas. É de uma lindeza sem fim. Os campos, as flores, as
20 ovelhinhas, os cemitérios dentro dos campos, a rodovia se enredando nas árvores,
21 nas poucas casas que existem, parece uma enorme serpente. Amorosa, me guia na
22 viagem. Misteriosa, não me conta o que me espera depois da curva. Encanta-me
23 este lugar. Amo Uruguai.

24 (...)

25 São 23h. Sentada no pátio da prisão aprecio a noite. Ao longe, uma coruja me
26 cumprimenta timidamente. Por detrás da parede que está nas minhas costas, estão
27 os guardas conversando. Não posso escutá-los bem. A televisão está ligada. Tem
28 bastante ruído.

29 Avalio o dia de hoje como um bom rendimento. Trabalhamos bastante. Em
30 casa imprimi os textos que têm produzido. Transcrevi a todos, digitalizei alguns e

1 os imprimir quase todos. Tenho algumas ideias. Não sei se vou conseguir realizá-las.
2 Estou pensando em fazer um pequeno livro para presentear-los. Organizar os textos
3 de acordo e presentear-los no final do projeto. Vamos ver...

4 Trouxe os textos e entreguei: dois de C.; cinco de A.; um de M.; um de M. J.;
5 dois de V.; quatro de S.; um de L.; três de B. e dois de S. F.

6 Essas crianças me deram bastante trabalho. As letras de L. e C. não são
7 letras, são códigos Morse mesclados com hieróglifos. Barbaridade! Mas pude
8 compreendê-los.

9 Escreveram muito bem. Noto que C. gosta de escrever, mas parece que por
10 preguiça lhe custa, simples assim. Mas o rapaz é criativo!! É uma pena que não o
11 faça por gosto. Escreveu dois textos muito bons; os dois totalmente fictícios: uma
12 premonição a partir de uma frase solta e um pequeno conto sobre a história de uma
13 jovem rainha chamada Valerí. Esteve espetacular o menino! Um conto com todas as
14 partes pertinentes: personagens, espaço, tempo, narrador e conflito ou ação.

15 A A. lhe custa escrever, mas não por preguiça como a C., é que não gosta
16 muito mesmo. Percebo que é muito objetiva, concisa, sucinta. Dou-me conta que
17 sofre para fantasiar e inventar histórias, gosta mais de crônicas que contos.
18 Escreve quase sem erros de ortografia. É criativa, organiza suas ideias para depois
19 escrevê-las; não escreve muito, é concisa. O que tem que falar, fala, e pronto. É
20 assim como pessoa também, bastante direta, mulher forte e corajosa.

21 Estou apaixonada por M.. Que coisa mais querida este menino! Escreveu um
22 pequeno conto, muito criativo, com detalhes do fantástico, de magia. Isto é
23 espetacular! Texto muito coerente dentro das normas textuais. Teve começo, "me
24 contaram uma vez...". Teve um conflito ou ação ou enredo: uma linda mulher que
25 tinha um cachorro que falava e que se encontrou com ele (Martín) e pode
26 comprovar que o cachorro conversava. Teve um final: o encontro com o cachorro e
27 a certeza de que realmente falava.

28 M. é o meu pequeno milagre.

29 Confunde as letras em relação aos sons. A fonética e a fonologia se misturam
30 como se não houvesse aprendido bem os sons das letras. Está tudo entreverado,

1 misturado. Tem erros básicos e complexos de ortografia. Se vê que sua
2 alfabetização foi muito, muito precária, pobrezinho. É outro que escreve com
3 hieróglifos hehehe. Eu o adoro. Antes de escrever me disse que ia colocar tudo em
4 maiúsculas para não me dar muito trabalho, pobrezinho. Não soube estruturar o
5 diálogo que escreveu, mas o texto estava impecável. A ideia, a história, o início, o
6 meio, o nó, o final, a conclusão. É só poli-lo. Se segue fazendo, rápido vai mostrar a
7 que veio. É muito potente o menino.

8 M. J. adora escrever. Dou uma frase, um traço, um desenho, e me sai com
9 uma história. Gosta da linguagem comum, que se fala em casa; simples, sem palavras
10 difíceis ou vocabulário complexo. Escreve e pronto. É criativo, divertido e sempre
11 tem um final que surpreende. Poucos erros de ortografia e sintaxe. É organizado
12 com as ideias, pensa bem antes de levá-las ao papel. Eu gosto de lê-lo.

13 V. gosta de escrever, mas me disse que não tem o hábito de fazê-lo. É um
14 pouco ansiosa e insegura. Não acredita em si mesma nem na sua potencialidade.
15 Estava insegura se "podia" escrever qualquer coisa, como se eu fosse chamar a
16 atenção se fantasiasse ou "mentisse". Falei com calma e carinho que estávamos
17 tratando de criação literária, escrita criativa, de texto, de ficção. Ela é um amor
18 de pessoa. Parece uma mulher forte, mas ao mesmo tempo frágil, tímida. É sempre
19 muito quietinha nas aulas. Não tem segurança quanto à ortografia, mas quase não
20 teve erros importantes. Escreve bem a menina. Às vezes repete as coisas, se
21 enreda, mas dentro da normalidade. Seu texto muito coerente e coeso. A sintaxe
22 impecável! Muito criativa codificou o texto de maneira estupenda. Se nota, nos dois
23 textos, uma certa marca de solidão, de tristeza, não sei. Parece que sim. Escreve
24 muito bem.

25 S. tem muita facilidade para escrever. Tem fluidez. Pouquíssimos erros de
26 ortografia, quase nada, bem pontuais. Creio que poucos exercícios serão
27 necessários para corrigi-los. Escreve bastante bem. É muito cuidadosa com sua
28 letra, mas se esquece que o leitor espera alguma ou outra informação. Às vezes o
29 texto fica muito codificado e tenho que ajudá-la a desenredar os nós. Responsável
30 com as tarefas, sempre faz tudo com muito cuidado. Tem facilidade para voar e

1 filosofar hehehe. Do nada começa a escrever sobre a vida, a existência, o universo.
2 Isto é bom, mas às vezes foge da proposta. E às vezes ela pensa que vai escrever
3 coisas bobas e sai um texto riquíssimo. Creio que é um pouco temperamental, às
4 vezes parece que vive em uma bolha, como ela mesmo diz. É muito criativa. De um
5 momento para outro já está de mãos dadas com príncipes, com dragões fazendo
6 piruetas no céu. Hahahaha

7 De L. tenho apenas um texto escrito, mas é como um troféu. É um. Quase não
8 fala e quando o faz é um pouco incisivo, bastante, eu diria. É direto, mal humorado,
9 silencioso. Pela maneira como faz as coisas, parece que lhe custa vir para a aula.
10 Quando chega, atira suas coisas sobre a mesa, de qualquer jeito; parece estar
11 sempre contrariado, com raiva, não sei. Outras vezes vejo-o tranquilo na aula. Ele
12 gosta de literatura, eu sei. É preguiçoso para ler e escrever, e faz mais o segundo
13 que o primeiro. A verdade é que estaria realizado se pudesse ir criando e
14 naturalmente as coisas fossem se realizando. Escreve muito bem. Tem excelente
15 vocabulário, se vê que tem cultura, conhecimento. Mas acredito que tenha mais por
16 vivência e experiência que pelo tempo dentro de uma escola. Não sei.

17 É curioso, gosta de saber das coisas, como funcionam, como se faz, mas, ao
18 mesmo tempo, é taciturno, silencioso. Às vezes nos deixa e vai para o corredor
19 fumar um cigarro. Ele não gosta quando se foge do assunto da aula para falar de
20 outras coisas. Tenho percebido uma certa antipatia com relação a S.. Acredito que
21 não estou equivocada. Ele a olha de uma maneira estranha, como se não a
22 suportasse. Isso desde o início. Não começou agora.

23 Escreveu um pequeno texto com um estímulo ainda menor, mas somente por
24 ter escrito algo, me sinto muito agradecida. Escreve muito, muito bem. Muito
25 caprichoso com o texto. Impecável! Parece que escreve com a alma, com o sangue.
26 Pensa antes de escrever. É uma pessoa equilibrada, me parece íntegro e muito
27 respeitador e esses adjetivos se percebem na maneira como escreve. Seu texto
28 também é equilibrado, maduro, parece que já escreve há tempos. Mantém a
29 integridade com um vocabulário muito rico e amplo. Respeita o texto. Escreve com

1 respeito, como um artista desenhando sua deusa ou um escultor redondeando as
2 curvas de sua Afrodite. Escreve muito bem, tem um talento bárbaro!

3 Bom, amanhã eu termino o registro. O sono está chegando aos pouquinhos.
4 Estou muito cansada. Vou pra cama. Hoje durmo numa peça escura, estranha.
5 Amanhã saio cedo, às 5h. Por Deus, são quase 1h da manhã.

6 Que os anjos estejam ao lado de cada um deles velando seu sonho com amor e
7 compaixão.

8

9

10

11

12

13

14

15

16

17

18

19

20

21

22

23

24

25

26

27

28

29

30

1 **Apêndice P: Registro 16**

2 Registro 16:

3 Cheguei cedo em casa. Eram 8h, creio eu.

4 Agora são 19h. Estou sozinha e aproveitei para fazer este registro sobre os
5 textos de B. e S. F., que havia faltado. Os textos dos outros alunos comentei no
6 registro anterior.

7 Bem, B. é muito criativo. Escreve de maneira entusiasmada. Dou um estímulo e
8 me salta um excelente texto. Fantasia; cobre o texto com magia e encantamento.
9 Ele é encantador. Tem um olhar profundo. Terno, sempre me traz o abraço mais
10 mimoso. Silencioso, em seus olhos e em seu olhar estão as palavras mais doces e
11 amorosas. É um menino encantador e realmente encanta com seus textos. Mete
12 duendes, fadas, crianças, seres fantásticos e mágicos, e salta um lindo conto.
13 Escreve com delicadeza. Enquanto escreve, é silencioso, não fala, não diz nada.
14 Escreve histórias graciosas e divertidas, recheadas de aventuras, alucinações e
15 fantasia.

16 Muito boa gente, em seus textos sempre há um conselho, um moral. É muito
17 concentrado para escrever. Tem muito talento e devo dizer a ele. Adoro lê-lo. Sua
18 escrita nos prende e fascina, pois é muito imaginativo, brincalhão e inteligente. É
19 uma escrita um pouco mais fantástica que a dos outros. Tem muita facilidade em
20 acionar sua imaginação e inventar mundos e personagens muito variados.

21 S. F. é um desses sujeitos raros. Escreve muito bem, sem erros de
22 ortografia, tampouco sintáticos. Qualquer coisa que lhe deem ou lhe peçam para
23 escrever, escreve. Lê muito, sabe muito, escreve muito. É colunista do El País e
24 adora escrever ensaios sobre política e economia. O que sim, está lhe custando
25 bastante é ficcionalizar, fantasiar os textos. Disse que tem muita dificuldade para
26 entrar no mundo dos contos, da fantasia, da magia. Quando tem que escrever algo
27 do tipo, lhe custa bastante.

28 Crônicas e reflexões ele gosta de escrever, mas sua grande pedra no sapato
29 são os contos. Fica pensando, pensando. Quase sempre é o último que termina a
30 tarefa. É muito cuidadoso com a escrita.

1 A proposta deste encontro era trabalhar em seus próprios textos,
2 arrumando-os, melhorando-os, corrigindo-os, lendo-os aos companheiros.

3 Passamos todo o dia nisso. Falamos sobre os pontos positivos da escrita.

4 A. escreveu algo bastante importante acerca do ato de ler e escrever: "Ao
5 ler um livro, em nossa imaginação damos vida a cada frase, as paisagens, a cada
6 ambiente em que se desenvolve a trama. Imaginamos os personagens, como são
7 fisicamente, tomamos partido ou nos sentimos identificados com alguns deles. Para
8 os que têm o dom de escrever, dão corda a sua imaginação: ou escrevem sobre
9 casos verídicos, às vezes suas próprias vivências, aquelas que marcaram de alguma
10 forma uma etapa de sua vida; também de compilação de casos verídicos. (...) Em
11 alguns casos o autor é o protagonista plasmando aquilo que ele gostaria ser ou ter
12 sido. Sem dúvida, o livro é o único que te faz viajar, esquecer teus problemas, onde
13 estás, "tua realidade", ainda que seja uma hora por dia".

14 Precioso o que escreveu. Este era um dos objetivos do "Érase otra vez...".
15 Estupendo!

16
17
18
19
20
21
22
23
24
25
26
27
28
29
30

1 **Apêndice Q: Registro 17**

2 Registro 17: Décimo segundo encontro

3 Estou muito, muito, cansada. Que bom se eu pudesse gravar um áudio, sem ter
4 que escrever e registrar tudo que tenho para registrar. Seria mais fácil.

5 Bem, passamos um dia cheio de atividades, inclusive fomos para o pátio e para
6 a cancha de futebol.

7 Mas, primeiro, começemos pelo começo. O encontro de hoje se intitulou
8 "Simplesmente... poesia!" Que lindo!

9 Preparei várias atividades. A primeira consistia em um texto falando sobre
10 poesia, umas das expressões artísticas que reflete o melhor do espírito humano.
11 Falamos sobre o ato de "poetizar" a vida, as coisas. Mostrei-lhes uma comparação
12 entre duas figuras que se referiam às folhas das árvores. Falamos do objeto lírico
13 (motivo ou tema) da obra poética.

14 Para a segunda atividade apresentei o texto de Antonio Skármeta - O
15 carteiro de Neruda - e o texto de Neruda - 20 poemas de amor e uma canção
16 desesperada. Entreguei o texto impresso e encadernado a cada um deles, para que
17 pudessem ler, fazer anotações, observações, para a próxima aula.

18 A quarta atividade realizamos no pátio coberto. Fomos comer bolo e suco, e
19 conversar um pouco. Pedi que levassem seus lápis e seus cadernos para que
20 pudessem escrever. Reparti algumas frases de amor para que fizessem um pequeno
21 poema ou texto poético.

22 Estamos nos ensaiando para poetizar a vida.

23 Cada um deles escreveu algo e me entregou para que eu lesse e o corrigisse.
24 Vou trazer no próximo encontro. Parece que saiu algo grande hehehe.

25 Depois que terminamos a atividade, voltamos à sala de aula. Arrumamos tudo
26 e nos sentamos bem à vontade.

27 Entreguei um calendário que fiz sobre o curta metragem "A mendiga e as
28 bolsas". Eles adoraram. Realmente, estava muito bonito. Tenho registrado numa
29 pasta com todas as atividades do projeto. Dei um calendário a cada um deles. A

1 verdade é que qualquer coisa que lhes dê de presente, acredito que vão gostar e se
2 encantar, tamanha carência de tudo por aqui.

3 Para a quinta atividade, entreguei o texto "A loucura, o guia do Amor". Fomos
4 lendo aos poucos. Cada um deles leu um parágrafo. O texto fala de emoções,
5 sentimentos e valores. Disseram que não o conheciam. Eles gostaram da leitura por
6 partes.

7 Para o final, passei um PowerPoint com slides contendo frases sobre "coisas
8 do amor", este era o título.

9 Os slides serviram para discutir sobre o tema do amor e da loucura. Bastante
10 interessantes as opiniões divergentes e convergentes. O mais interessante é que
11 eles têm tido cuidado ao falar, ao esperar que o outro fale, opine. Interessante
12 como eles têm se portado frente a esses temas bastante passionais. Todos têm se
13 respeitado frente a suas opiniões.

14 Todo o dia estivemos na volta do tema do amor, da poesia, do poético.
15 Pareceu-me que eles gostaram do assunto e da maneira como foi desenvolvido.

16 Pedi que lessem o texto de Antonio Skármeta - O carteiro de Neruda, para o
17 próximo encontro.

18

19

20

21

22

23

24

25

26

27

28

29

30

1 **Apêndice R: Registro 18**

2 Registro 18: Décimo terceiro encontro

3 A rotina da saída se deu igual que das outras vezes. Sempre chego cedo, me
4 esperam na cozinha com dois pães recém assadinhos para meu café. São muito,
5 muito, amáveis os meninos.

6 A aula começou às 9h. Não sei o que aconteceu. Creio que foi algo com a
7 contagem, não sei. Senti-me roubada no tempo que tenho com eles hehehe.

8 Sempre chegam devagarinho, se parecem a uns cachorrinhos, pobres. Eu
9 adoro vê-los chegar me abraçando carinhosos e amorosos. Não sei se se deram
10 conta, mas eu lhes tenho tanto amor...

11 Comecei a aula cobrando a leitura do *Carteiro de Neruda*. Quase ninguém leu.
12 Ficou difícil a discussão sobre o tema.

13 Seguimos igual.

14 Coloquei alguns áudios e vídeos de poemas e músicas. Escutamos "te amo" e o
15 "Poema 20" de Neruda. Na metade do segundo, o Diretor veio visitar-nos na sala de
16 aula e conversar conosco sobre a possibilidade de me ajudar a continuar vindo a
17 dar aulas depois que termine o "Érase otra vez...". Nos falou das dificuldades e nos
18 disse que vai buscar ajuda junto ao INR - Instituto Nacional de Rehabilitación del
19 Uruguai, o que me parece bastante difícil acontecer. Meu amigo policial esteve
20 presente conosco. Os alunos lhe pediram para que eu possa seguir vindo, mas com
21 ajuda financeira, porque o projeto "é de grande necessidade a eles".

22 Fiquei bastante esperançada, mas me soa algo estranho: parece que o diretor
23 não está muito preocupado com o seguimento do projeto, não sei. Intuição. Depois,
24 seguimos nosso turno de trabalho.

25 Trabalhamos basicamente o poético da vida, da poesia, do nada, de tudo.

26 É bonito como eles gostam de música. Trouxe algumas bastante comuns: *La*
27 *fuerza del engaño*, *Talvez*, *El verdadero amor perdona*, *Rayando el sol*, e outra que
28 não lembro.

29 O objetivo principal das músicas é despertar a sensibilidade, a emoção, o
30 terno, inclusive a dor. Tocar nesses sentimentos e emoções deve-se ter cuidado

1 para não lastimá-los, mas não, consegui fazê-lo bem, com cuidado, atenção e muito
2 carinho. Acredito que a que mais sentiu as melodias e as letras fui eu hahaha
3 Chorei como uma condenada hahaha. A música é algo sublime, escuto e fico eriçada,
4 comovida. Sempre foi assim.

5 Para a segunda atividade eu levei exercícios para desenvolver técnicas de
6 escrita criativa. O estímulo era entregar-lhes uma folha com uma ou duas frases,
7 com número limitado de linhas e aí escrever um pequeno texto podendo ser uma
8 pequena história ou conto ou fragmento filosófico ou uma reflexão, claro, a partir
9 das frases e das músicas.

10 Saíram-se muito bem. Muito bons os textos, coerentes, profundos e muito
11 bem escritos. Pedi que lessem em voz alta e todos escutaram a cada um que foi
12 lido.

13 Para a terceira atividade fomos ao pátio interno. Estavam quase todos.

14 Ficamos bastante tempo lá. Conversamos, comemos, rimos; meu amigo tirou
15 algumas fotos nossas. Foi muito bonito. Pudemos compartilhar os bolos branco e de
16 banana e o suco que havia levado. Isto é precioso demais. Quando comemos
17 estamos ligados pelo coração. Existe um laço muito forte entre nós. Isto é
18 precioso.

19 É uma lástima que V. não venha sempre, tem faltado muito. Parece que ela não
20 gosta muito de estar na sala de aula, mas sempre que vem é amorosa comigo.
21 Quando voltamos à sala de aula, meu amigo tirou mais algumas fotos de todos
22 trabalhando. Disse que vai enviar por e-mail, assim vou poder imprimi-las para dar-
23 lhes de presente.

24 Seguimos trabalhando nos exercícios de escrita criativa até à noitinha,
25 quando meu amigo nos chamou para sentar-nos no Cassino (sala onde os policiais
26 fazem suas refeições). Houve grande surpresa por parte dos alunos. Pareciam
27 crianças.

28 Durante os quinze dias que antecederam as aulas, contactei com um dos
29 integrantes de uma Murga, um grupo de pessoas que se apresentam com roupas

1 artísticas, cantam, dramatizam situações, etc. Gastei um monte de telefone, mas
2 se apresentaram sem me cobrar nada. Meu amigo deu autorização.

3 L. parecia nervoso; M., emocionado; S. deslumbrada. Eu estava muito, muito
4 feliz por poder oferecer-lhes este espetáculo. Esteve lindo! Meu amigo fez fotos
5 de todos.

6 O grupo, fantástico! Parece que são todos de Melo. Contatei para fazer a
7 proposta e depois lhes pus em contato com meu amigo para coordenar a
8 apresentação. Meu amigo tem sido muito importante para o desenvolvimento do
9 "Érase otra vez...". Fundamental, a verdade é esta.

10 Nos reunimos todos no Cassino: os alunos, alguns presos de dentro, os
11 policiais de turno, todos sentados; alguns policiais de pé. Eu estava deslumbrada,
12 encantada com este tipo de arte de rua que não conhecia. Forma parte da cultura
13 uruguaia a Murga. Cada uma delas leva um nome. Esta era Murga Hijos Del Momo.

14 Desfrutamos de tudo e quando terminou o espetáculo no Cassino, foram
15 cantar na entrada dos pavilhões para os que não puderam sair de suas celas. Estava
16 espetacular! Impressionante!

17 Quando se foram, voltamos para a sala de aula e estávamos todos muito
18 excitados com tudo. Não trabalhamos mais em textos, somente conversamos e
19 comentamos o que aconteceu.

20 Todos muito agradecidos; estavam muito felizes. Se riam, falavam alto,
21 outros cantavam baixinho as músicas que conheciam. Foi um grande dia! Foi um
22 grande dia que ficará em nossa memória para sempre.

23 A noite me abraçou completamente com seu hálito quentinho e terno.

24 Estou com sono. No céu, nenhuma nuvem, somente estrelas, miles.

25 Saio às 4h da manhã. Necesito chegar cedo.

26 Que Deus me conduza com segurança. Que assim seja. São 0h45min.

27

1 **Apêndice S: Registro 19**

2 Registro 19:

Décimo quarto encontro

3 Levantei às 3h da manhã. Como das outras vezes, me levantei, tomei banho,
4 tomei café, escovei os dentes, arrumei as coisas no carro e saí às 4h. Passei pelo
5 posto de gasolina, chequei tudo, conversei um pouquinho e vim.

6 Andei 250 km para chegar.

7 A viagem não foi como das outras vezes. Sinto a nostalgia da despedida que
8 se aproxima, passo a passo. Tem sido um tempo bonito com meus "mimados" como
9 têm dito as pessoas. Eles mudaram bastante sua maneira de reagir, de apreciar as
10 coisas, as pessoas, inclusive a vida. Estão calmos, alegres, serenos e mais
11 conscientes do que têm que fazer frente aos outros e com relação a eles mesmos.

12 Sinto falta deles. Vou sentir uma saudade imensa. Uma solidão me invade e
13 penetra minha carne, meu pensamento, meu Ser. Dói. B. se deu conta que estamos
14 no antepenúltimo encontro. Sandra lamentou o término do "Érase otra vez...". A. se
15 emocionou. S. F. e L. estavam silenciosos. M., profundamente agradecido, me
16 presenteou umas cartinhas e me pediu que lesse em minha casa.

17 Quando cheguei, cedinho, todos me esperavam prontos e perfumados,
18 contentes, mas chateados porque se aproxima o término de nossas aulas. O dia com
19 eles foi lindo. Estou muito, muito, cansada, mas me sinto como se tivesse cumprido
20 minha missão, muito difícil, mas linda missão. Uma missão que me impus a mim
21 mesma sem saber se teria algum êxito, mas encantada com a possibilidade de
22 semear sementes de esperança e luz nesta grande seara que é a vida, tampouco me
23 permiti afrouxar para nada.

24 Dou-me conta, sentada aqui neste piso, no pátio desta prisão, enredada em
25 uma coberta por causa do frio, que no fundo, queria que eles vissem que em tudo,
26 tudo, sempre existe esperança e temos que mantê-la acesa em nosso coração, em
27 nossa consciência e em nosso Ser. Temos que manter os sonhos acesos, a utopia
28 acesa buscando sempre a liberdade, com esperança, alegria, e, sobretudo, com
29 muito amor cálido e terno.

1 A compaixão, a gratidão, a amabilidade, a compreensão, a ternura, a
2 generosidade, a paciência, a humildade, a serenidade e o cuidado, a solidariedade,
3 e, essencialmente e mais que tudo, o amor ao próximo, são capazes, sim, de fazer
4 milagres, de fazer brotar as mais ternas e cálidas sementes desde as mais
5 endurecidas entranhas. Fazer o bem ao outro, antes de mais nada, nos faz bem a
6 nós. Chega um momento em que nós nos acostumamos a servir, a ajudar, a estender
7 a mão, tanto que passa a ser uma necessidade de compreender e servir ao outro,
8 naturalmente. Isso é o mais lindo que se pode fazer e sentir.

9 A verdade é que é bom estar aqui.

10 Como eu não queria que eles percebessem que algo me chateava, trouxe umas
11 atividades bastante agitadas e criativas para trabalhar a escrita criativa e a
12 ficcionalização de textos. Para a primeira atividade propus um jogo de dados (os
13 geradores de contos). Tinha presenteado a todos com uma caixinha com sete
14 dados. Foi bastante divertido e muito produtivo. Alguns escreveram até três
15 contos. Estavam inspirados, pareciam crianças sentadas, escrevendo com ganas e
16 contentes.

17 Nos dados estavam a estrutura pontual de uma narrativa: um lugar, um
18 personagem, tempo, o narrador e uma ação ou conflito narrativo que é o eixo do
19 conto, por exemplo. Houve bastante produção textual criativa, muita leitura, e
20 principalmente, análise do que foi produzido. A manhã passou voando.

21 Pela tarde começamos com as críticas dos colegas aos textos de todos. Todos
22 interviram positivamente, óbvio, no texto do colega, gerando uma discussão
23 bastante longa sobre literatura e escrita criativa, principalmente.

24 A segunda atividade foi um baralho criativo que eu mesma construí com
25 cuidado e atenção para que pudéssemos trabalhar. Demos o nome de "baralho
26 criativo", está composta por cinquenta e duas (52) cartas com ilustrações diversas
27 e coloridas, com o logo do projeto impresso atrás. É bonito o baralho e muito útil
28 para despertar a criatividade. O jogo consistia em repartir cinco cartas para cada
29 um deles, inclusive eu, e, a partir das que correspondessem a cada um, formar
30 elementos possíveis para que se pudesse escrever um conto. Poderia agregar fatos

1 ou fazê-lo todo ficcional. O mais importante da atividade era desenvolver a
2 habilidade de escrever com criatividade, e desenvolver a própria criatividade. Eu
3 dava os inputs e os estimulava a escrever brincando com o baralho criativo com
4 eles. No demais, eles eram os protagonistas.

5 Para a terceira atividade do dia lhes dei três estímulos: eles deveriam
6 escrever uma crônica sobre "sacos de ar puro", "peixes que fazem as cutículas" e
7 "móveis divertidos para crianças". Somente adverti que deveriam aportar coisas
8 positivas para os três temas e fazer uma apresentação para a televisão sobre seus
9 "produtos".

10 Foram bem divertidos todos os produtos apresentados. No entanto, houve
11 coisas espantosas ditas pelos donos dos produtos. Ao final, mostrei o material que
12 havia trazido para mostrar-lhes que sim, peixes fazem cutículas; que na China
13 estão vendendo bolsas de ar puro e que existe um desenhista que produz lindos
14 móveis para crianças. Muito surpresos com tudo, pareciam crianças descobrindo
15 coisas.

16 Foi uma linda tarde de trabalho, de produção textual, de descobertas, de
17 jogos e de muito bom humor.

18 Estão todos muito concentrados nas aulas, eles gostam dos assuntos que
19 tenho trazido; gostam de escrever; gostam de ler para o outro, e, sobretudo, eles
20 gostam de inventar histórias, criar, sonhar. O grupo tem estado muito harmonioso
21 nas aulas de literatura e escrita criativa. Criou-se um vínculo muito forte no que se
22 refere à amizade, à ajuda com as atividades e à crítica construtiva em relação aos
23 trabalhos e à atitude dos outros.

24 Para o encerramento da jornada de escritura criativa trouxe pinturas de
25 Vincent Van Gogh. Trouxe treze pinturas impressas e lhes dei para que pudessem
26 ver com calma. Depois que todos puderam ver todas, perguntei se já o conheciam e
27 se sabiam de sua história. Alguns responderam que sim, que já haviam escutado
28 falar dele, e a maioria que não, que não sabiam nada dele.

1 Contei algumas curiosidades sobre sua vida, as cartas ao seu irmão Theo,
2 como ele gostava de pintar durante a noite, as velas que colocava no seu chapéu
3 para iluminar a tela, sua origem, etc.

4 Na sequência, reparti as figuras e pedi que observassem cada uma e que
5 escolhessem uma delas para fazer de conta que era uma página de seu livro; uma
6 página que deveria escrever; que deveria fazer de conta que a pintura foi um
7 momento presente e que deveriam escrever sobre, como quisessem. Cada um a sua
8 maneira. Mas que deveriam estar atentos aos cinco pontos principais em uma
9 narrativa: narrador, tempo, espaço, personagem e conflito ou ação, o demais era
10 por sua própria conta. Eles deveriam ser os protagonistas.

11 Faz tempo que venho observando-os e tenho percebido que eles mudaram
12 bastante. Muito, posso dizer. Percebi que além de terem aprendido técnicas de
13 escrita criativa, compreensão e interpretação textual, construir histórias
14 ficcionais, mundos imaginários, eles aprenderam, principalmente, a tomar as rédeas
15 de si mesmo. Tornaram-se donos de sua própria pena, de suas próprias histórias.
16 Isto é bárbaro!

17 Eles se tornaram pessoas autônomas em muitas coisas, mas aprenderam o
18 importante que é a unidade do grupo, a proteção ao outro mais indefeso, a ajuda
19 sem medidas ao próximo. Aprenderam a escutar mais, a não julgar ainda que
20 estejam sendo julgados e tenham sido julgados por todos. Eles têm pensado mais
21 sobre a dor alheia; têm compreendido que o outro faz parte do seu mundo. Que
22 apesar de estarem isolados nesta maldita prisão, por celas, por paredes, por
23 grades, todos compartilham da mesma falta de liberdade, das mesmas privações,
24 da mesma dor de "não poder fazer nada", das mesmas frustrações pela
25 impossibilidade de ajudar aos seus que estão em liberdade. Têm compreendido que
26 o outro também está sofrendo suas dores, está carregando sua cruz que pode ser,
27 sim, mais pesada que a nossa.

28 Tenho notado que estão mais solidários, mais ternos, mais amigos, mais
29 solícitos ao outro, ao seu companheiro. Estão mais brincalhões, mais contentes,
30 mais amáveis.

1 Enche-me de ternura pensar que eles gostam de ler e escrever agora. Enche-
2 me a alma de gratidão aos céus por ver que servir ao outro nos faz seres mais
3 humanos, mais ternos e mais felizes. Na verdade, a verdadeira felicidade, somente
4 conhecemos o sabor da verdadeira felicidade, quando nos damos conta que servir
5 ao outro é o único que realmente importa. É como semeadura e colheita. O que
6 semeias, vais colher. Se serves, o bem vai retornar a ti.

7 Não posso mais escrever. São 2h da madrugada e tenho que dormir para
8 poder sair às 4h30min. Boa noite!

9

10

11

12

13

14

15

16

17

18

19

20

21

22

23

24

25

26

27

28

29

30

1 **Apêndice T: Registro 20**

2 Registro 20:

3 Vou fazer este registro por causa de um texto que um aluno me presenteou
4 na aula e pelas cartinhas que me presentearam ao final da jornada.

5 É sumamente importante e imprescindível registrar aqui algumas coisas
6 também de suma importância que li e que senti ao ler o que recebi.

7 De M. recebi o que registro e transcrevo aqui, exatamente igual ao que ele
8 me escreveu.

9 "Seila não sei como explicar isto, por Deus, não existem letras, não encontro
10 como agradecer pelo que nos fizeram sentir. Graças a ti tudo isso não foi um sonho,
11 foi realidade. Muitos não imaginariam escutar uns tambores aqui na prisão. E hoje
12 foi algo maravilhoso o que passou. Todos recordarão para sempre e sei que todos
13 estão sumamente agradecidos por este momento. Muitos ignorarão isto, mas tenho
14 absoluta certeza de que são os que não entendem nada de sentimentos, nem dos
15 valores das coisas. Particularmente eu não gosto de carnaval, mas hoje me fizeste
16 abrir esta porta e me fizeste saber e dar-me conta do que se sente ao escutar uns
17 golpes de cada coisa. Se eu já tenho te dito te adoro, agora te digo te adoro mais
18 ainda. 'Minhas letras são minhas palavras'. O que te escrevo é de coração. Não
19 quero que penses que te digo isso para te agradar. Escrevo o que me fazes sentir.

20 Se amanhã não te vejo, recorda que estás em um lugar de minha memória.
21 Onde quer que estejas sei que vais lembrar um minuto de mim e neste minuto vais
22 encontrar um "te adoro!" (B. M. R. P.)

23 O texto se refere à apresentação da Murga. Enquanto escrevo, lágrimas
24 escorrem pela minha face transbordando desde o mais profundo do meu Ser.
25 Sentir a gratidão deste aluno; sentir seu carinho, seu amor por mim me faz
26 perceber quão precioso é o comprometimento e a dedicação em fazer algo, em
27 propor algo, em realizar algo na sala de aula, em um projeto, cujo único objetivo é o
28 aluno.

29 M. tocou minha alma. É um desses seres amorosos, com um elevado grau de
30 sensibilidade que nos toca e nos move a pensar em muitas coisas. Uma delas é

1 pensar no que me afirmou em sua cartinha: "Eu não gosto de carnaval, mas hoje me
2 fizeste abrir esta porta e me fizeste saber e dar-me conta do que se sente ao
3 escutar uns golpes de cada coisa (dos instrumentos musicais: o bumbo que bate
4 como nosso coração; os pratos, o tarol, a gaita, a flauta, a guitarra, mas os três
5 primeiros são os mais utilizados). "Mas hoje me fizeste abrir esta porta", porta
6 que estava fechada, possibilidade não considerada.

7 "...me fizeste saber" algo que desconhecia, que não sabia, que ainda não havia
8 sentido, conhecido ou sabido. "Fizeste com que eu me desse conta do que sentimos
9 ao escutar uns golpes de cada coisa", dar-se conta, ter consciência de si mesmo, do
10 estado de si ao escutar o rufar dos tambores. O conhecimento que seu espírito
11 tem de sua própria existência. Poder sentir a emoção e a sensação que a música e
12 os instrumentos nos causam, uma sensação de estranheza, este não sei o quê que
13 tem e que nos faz sentir não sei como; que nos afeta, que desata mecanismos em
14 nosso corpo capazes de fazer-nos sentir tremores na espinha, ou uma cálida
15 sensação romântica ou se eriçam os pelos dos braços ou o arrepio que nos
16 entorpece ou como seja que se apresente, mas é um momento de prazer sublime.
17 Mas como poder sentir um prazer sublime dentro de uma prisão? Como chegar a
18 esse ponto? Somente pela música. Somente pela música que nos conecta
19 imediatamente com nossa emoção mais sensível, primitiva e pura.

20 "Se eu já tenho te dito te adoro agora te digo te adoro mais ainda", ou seja, a
21 gratidão a mim, por ter desfrutado do momento com a murga é verdadeira, real e
22 profunda. Neste lugar vazio de amor, de luz e de sensações prazerosas, a música o
23 enche de harmonia e paz interior, mas não é a mim que ele deve agradecer, é a si
24 mesmo por ter-se permitido, por ter-se aberto a abrir "a porta" do desconhecido,
25 do que antes era rechaçado. Óbvio que eu fui mediadora, o instrumento que trouxe
26 a murga para a prisão e a isto se refere, mas ele podia ter ido para sua cela, e não
27 o fez.

28 Eu também experimentei como um formigamento, uma tremura em meu Ser,
29 mas na parte emocional e sensível. Claro, isto se reflete no biológico, no
30 psicológico, mas antes de tudo, está diretamente relacionado ao emocional,

1 servindo para refletir, melhorar o estado de ânimo. E a cartinha de M. me faz
2 pensar e refletir acerca dos objetivos do "Érase otra vez...", no cuidado que eu
3 tenho tido ao preparar cada aula, cada atividade, cada texto escolhido, lido,
4 compreendido; cada técnica, cada estratégia de escrita desenvolvida. Esta
5 cartinha, as palavras de M. são como um farol na escuridão. Vão me servir como
6 feedback em minha prática, a pensar, por exemplo, que tipo de atividades devem
7 ser pensadas para a próxima apresentação do "Érase otra vez..." ou de qualquer
8 outro projeto com este público específico? Quais conteúdos devem ser
9 observados, desenvolvidos e trabalhados exaustivamente? Que resultados quero
10 alcançar com a respectiva abordagem? Venho tendo resultados consistentes e
11 produtivos? Para que têm servido as aulas e tudo que temos trabalhado? O que eu
12 pude fazer por eles, realmente? Eu tenho podido ajudá-los de alguma maneira? De
13 que têm me valido todos esses miles de quilômetros investidos nisso e neles?

14 A carta de M. é uma dessas bênçãos que aparece quando menos esperamos,
15 como do céu, do Universo, a dizer-nos, sim, valeu a pena tudo, tchê.

16 Temos que seguir em frente e já.

17

18

19

20

21

22

23

24

25

26

27

28

29

30

1 **Apêndice U: Registro 21**

2 Registro 21:

Décimo quinto encontro

3 Cheguei cedo na prisão. Às 9h já estávamos trabalhando na sala de aula.
4 Todos muito contentes por ver-nos. Tenho sentido uma absurda falta deles. Parece
5 que quanto mais se aproxima o final, mais sinto saudade de todos.

6 Percebi que estão um pouco silenciosos, pensativos, mas muito participativos
7 em tudo.

8 Começamos com os textos que escreveram até agora. Entreguei toda a
9 produção de cada um para que possamos corrigi-los, melhorá-los, ampliá-los ou não,
10 e por fim, finalizá-los.

11 Começamos por uma aula de ortografia. Lendo seus textos, observei vários
12 erros básicos e bastante pontuais: a troca do v pelo b e do b pelo v; o h inicial; os
13 significados dos pares: baca/vaca, barón/varón, bello/vello, bienes/vienes,
14 botar/votar, bobina/bovina, cabo/cavo, nobel/novel, rebelado/revelado.

15 Alguns erros na concordância verbal e tempos verbais se produziram muito
16 naturalmente e muito diferente, por exemplo: M. confunde a desinência on de
17 hicieron (3ª Pessoa do Plural do Pretérito Perfeito Simples) por an e escreve
18 hicieran (3ª Pessoa do Plural do Subjuntivo) quando quer se referir ao passado
19 (Pretérito Perfeito Simples). Isto gera uma confusão na escrita porque ao cabo não
20 sabes se as coisas já aconteceram ou se ele deseja que aconteça ou se vão
21 acontecer. O curioso é que quando o escuto lendo o texto se sabe exatamente o
22 que quer dizer. A relação oralidade (a parte fonológica) e a escrita devem caminhar
23 de mãos dadas para que haja compreensão das orações, que estejam encadeadas de
24 acordo, além disso, é fundamental para a compreensão do todo; a totalidade
25 redondinha do texto.

26 Outro exemplo de erro ortográfico é o que escreveu C.: quando as letras se
27 repetem, como em "vivo, vivir, vivi" ele troca por b na segunda sílaba. Exemplo do
28 escrito: "vibo, vibí" ou "vibir" (troca as sílabas por causa do traço fonético).

29 Levei um texto com algumas regras e observações específicas, lemos,
30 discutimos, esclarecemos dúvidas, escrevemos e completamos os exercícios no

1 quadro. Depois passamos para os exercícios escritos: ditados, exercícios de
2 completar e recheiar espaços, leitura, ditados de frases, correção de palavras
3 escritas com erros ortográficos por parte dos alunos (eles corrigiram); fizemos
4 tudo juntos, sempre observando que ninguém ficasse com nenhuma dúvida. Depois
5 de tudo isso, fomos aos textos produzidos por eles mesmos para trabalhá-los e
6 finalizá-los. Todos se envolveram muito nas atividades. Muitas coisas da linguagem,
7 as regras, já tinham esquecido porque faz tempo que não vão à escola, não estudam
8 e não andavam lendo. Assim, trabalhando nisso, passamos toda a manhã e parte da
9 tarde.

10 A segunda proposta do dia era fazê-los pensar em algumas coisas, como a
11 força que tem o grupo, se somos fortes sozinhos, somos mais fortes ainda atuando
12 com o outro. Trouxe o curta "Ameisen" que tem como protagonistas a um grupo de
13 formiguinhas e a um enorme tamanduá.

14 Outra coisa a ser pensada seria a maneira como muitos meios de comunicação
15 e de internet nos têm adestrado e nos têm submetido a seus valores e absurdos. O
16 vídeo "Trickmousing" nos leva a pensar sobre a capacidade que tem o homem de
17 adestrar e submeter a seres de sua própria espécie e aos animais.

18 Havia uma terceira intenção na apresentação de uma parte do filme "Os
19 deuses devem estar loucos", no fragmento que aparecem no deserto do Kalahari e
20 passa toda uma confusão com caçadores quando os leões aparecem. É bastante
21 divertido. A intenção era que pensassem nas situações extremas que podemos
22 passar e como sair delas.

23 Antes que começassem a escrever, fomos ao pátio compartilhar. Hoje
24 estavam todos. Tiramos umas fotos juntos. Foi um lindo momento no qual a
25 amizade, a fraternidade e o carinho estiveram bem presentes. Precioso momento
26 que passamos muito bem.

27 Entreguei as fotos impressas que meu amigo policial tinha me enviado por e-
28 mail (estão arquivadas na pasta de atividades) e gostaram muito. Se riam, falavam
29 todos juntos, me abraçaram e eu somente os observava e sorria de alegria por vê-
30 los tão contentes e em paz. Estivemos aí, creio que por uma hora ou mais, comendo,

1 compartilhando, conversando, rindo, em harmonia com o Cosmos e com todos do
2 grupo.

3 Fomos para a sala de aula e deixamos tudo limpo no pátio. Estamos nisso
4 agora. Enquanto escrevo, eles terminam de arrumar tudo. Eu lavo a louça hehehehe.
5 Depois da aula, óbvio.

6 (...)

7 São 23h. Estou sozinha na sala de aula. A noite está bem tranquila e fresca.
8 Do corredor ouço vozes dos policiais, mas não compreendo nada. Estou bastante
9 cansada. Trabalhamos bastante de manhã e de tarde e uma parte da noite.
10 Deixaram-nos trabalhando até às 21h.

11 Quando voltamos do pátio eles estavam bem acesos, agitados e contentes.
12 Para que baixassem um pouco a agitação ficamos um tempo em silêncio. Pós-
13 silêncio, pedi que fizessem as tarefas sobre os três curtas apresentados: escolher
14 um deles, meter-se na trama para que pudéssemos trabalhar as funções dos
15 narradores: narrador câmara (D.), narrador protagonista (S.), narrador
16 testemunha (L. e S. F.), narrador personagem (B. e V.), narrador observador (C.),
17 narrador onisciente seletivo (M.) e narrador onisciente neutro (A. e M.). Todos
18 muito concentrados enquanto escreviam os textos, uma vez que outra, pediam
19 orientações, esclarecimentos de alguma dúvida ou outra.

20 Disseram que foi mais difícil escrever de acordo com a maneira de
21 comportar-se de cada narrador. Bom, aproveitei a situação para falar sobre
22 empatia, que, além de ser um valor muito precioso e importante, junto com a
23 compaixão são elementos, ademais de úteis, imprescindíveis e que devem caminhar
24 de mãos dadas para que possamos desenvolver a virtude da generosidade; é a chave
25 para que alguém possa se conectar com os demais.

26 Um final de tarde bastante produtivo com o desenvolvimento prático da
27 teoria. Teoria e prática caminhando de mãos dadas, lado a lado.

28 São 00h35min. Estou com muito sono. Amanhã saio cedo.

1 "Eis aqui meu segredo, que não pode ser mais simples: somente com o coração
2 se pode ver bem; o essencial é invisível aos olhos". Temos que repeti-lo sempre
3 para que nunca nos esqueçamos.

4 Boa noite.

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14

15

16

17

18

19

20

21

22

23

24

25

26

27

28

29

30

1 **Apêndice V: Registro 22**

2 Registro 22:

3 Quero registrar aqui alguns comentários que uma das alunas colocou em um
4 registro que fez no espaço de dias entre aulas e me entregou junto com outros
5 textos. Escreveu o texto "aprender a conhecer", que é uma reflexão sobre o fato
6 de julgar as pessoas. O segundo levava o título de "última oportunidade". Este
7 texto me fez chorar. Nele, ela conta como foi parar na prisão, a dor por seu
8 filhinho tão pequeno, seu maior erro por fazer o que não devia ter feito. O terceiro
9 texto não tinha título. Era o registro onde falava de algumas atividades que
10 realizamos na aula e na cancha de futebol. Neste texto fala sobre algumas
11 percepções acerca das próprias atividades desenvolvidas e do que pode
12 compreender com elas. Vou reproduzir aqui porque me pareceram coisas muito
13 importantes e que devem ser levadas em conta.

14 A seguir:

15 "Lindo dia, Seila sempre nos surpreende com suas tarefas para que nós
16 façamos; nos divertimos, rimos, choramos, tudo, enquanto fazemos as tarefas.
17 Hoje fizemos uma que consistia em fazer entre duas pessoas, de dupla, me tocou
18 fazer com M.. O nosso tema "móveis divertidos para crianças". Eu tinha que dar a
19 visão negativa do tema e M. o positivo. (...) Esta tarefa foi muito engraçada por
20 seus prós e seus contras que cada um opinou. (...) De tarde saímos para o pátio,
21 merendamos e depois um jogo, uma terapia, não sei como se chamava. Era fazer-
22 nos perguntas e ir atirando uma corda que deixávamos enganchada no dedos antes
23 de atirá-la ao outro companheiro fazendo-lhe uma pergunta, e assim seguia a roda.
24 Foi formando-se um tipo de teia de aranha. (...) Eu me perguntava qual a finalidade
25 deste jogo? Foi simples descobrir. Foram poucas palavras, mas Seila me fez
26 entender em seguida.

27 Esta teia de aranha nos mantém conectados aqui, fora daqui e onde quer que
28 estejamos. Onde a corda caia, desequilibra o resto, assim entendi o que Seila
29 explicou e sinto que é tal qual disse, porque suas palavras sempre são as corretas,

1 as que eu, particularmente, quero ouvir; ouvi-las de uma pessoa com todas as letras
2 e uma excelente mulher". (V. T.)

3 "Seila nos surpreende..." isto é bom e não é bom. É bom porque se supõe que
4 as atividades estão além do que esperam. As atividades são eventos que podem ter
5 qualquer valência, quer dizer, que podem ser neutras, agradáveis ou desagradáveis.
6 Mas, sobre tudo, eu penso que ainda que às vezes não nos demos conta, são
7 essenciais. Agradáveis ou desagradáveis. Em muitos aspectos nunca deixamos de
8 ser crianças ou sempre levamos nossa criança dentro de nós, porque no fundo,
9 adoramos encontrar tesouros escondidos e mapas perdidos. Eu os entendo em
10 parte. A prisão é um lugar, em quase todos os aspectos, muito instável, e, além
11 disso, tem uma energia muito pesada, pois sempre escutam, pensam, recebem e
12 oferecem o pior.

13 Aí estão as "ratazanas", a "escória" da sociedade, o pior da sociedade. Isso é
14 o que eu tenho escutado por aí. É incrível o desprezo por parte dos que estão
15 livres.

16 As atividades têm sido pensadas e preparadas conscientemente. Nada foi
17 preparado ao acaso. Os detalhes importam, de verdade. Para mim não importa o que
18 são, nem o que não são; o que fizeram; seus delitos. O que a mim importa é
19 mostrar-lhes quem em tudo existem prós e contras, existe positivo e negativo;
20 existe negativo, mas existe positivo. O que, sim, a mim importa é aportar algo para
21 seu crescimento. Agregar coisas que possam ajudar em seu presente.

22 Parece-me muito bom que pensem, que se façam perguntas como as que esta
23 menina se fez: "qual a finalidade deste jogo?, qual a finalidade desta atividade?"
24 Enquanto se faz a pergunta, busca o sentido, busca a compreensão do sentido.
25 Enquanto se pergunta, sai da posição de conforto e quer avançar, desvelar a
26 essência, a razão. A pergunta, a inquietude, é, muitas vezes, mais importante que as
27 respostas.

28 V. escreve que "minhas palavras sempre são as corretas" (palavras minhas =
29 Seila). Esta é uma responsabilidade gigante. Na próxima oração escreve: "as que
30 eu, particularmente, quero ouvir". Porque acredita que minhas palavras sempre são

1 as corretas quer escutá-las? Ou porque quer escutar as coisas que eu digo? Se
2 dissesse outras coisas, se falasse sobre outros assuntos, ela também gostaria de
3 escutar ainda que não fossem corretas? Ou, afortunadamente, falo as coisas que
4 necessita ouvir neste momento de encerro? E se ela estivesse livre, gostaria de
5 escutar as mesmas coisas?

6 Acredito que aí esteja o ponto principal que deve ser considerado: o
7 contexto. É pelo contexto que as atividades são assim, planejadas, pensadas e
8 preparadas de maneira consciente. Em qualquer tipo de projeto deve ser
9 considerado o contexto no qual ele vai se desenvolver. Isto é fundamental e é a
10 primeira coisa que deve ser levada em conta.

11 Eu adoro lê-los. É como se através do que escrevem vão concretizando as
12 palavras, os fatos, a vida. Através das palavras vão representando o sentido que
13 têm encontrado nas coisas. Ao escrever, concretizam seus pensamentos, seus
14 desejos, suas aspirações, sua aprendizagem.

15 Seila.

16

17

18

19

20

21

22

23

24

25

26

27

28

29

30

1 **Apêndice W: Registro 23**

2 Registro 23:

Décimo sexto encontro

3 Este é o décimo sexto encontro dentro do projeto "Érase otra vez...". O
4 último. Preparei uma aula simples porque quero que o dia seja leve, e não triste ou
5 pesado.

6 Uma vez mais estou na estrada. A música tem sido minha companheira. Neste
7 momento toca "Vivo por ela" no som do carro. Eu gosto desta música pela sua
8 simplicidade, pela sua melodia, pela sua letra, pela complementação das vozes de
9 Andrea Bocelli e Marta Sanches. É harmônico! Meu coração está pesado. Hoje o dia
10 não vai ser fácil.

11 Eu gosto de trabalhar nisso, fazer o que eu faço, da maneira como faço.
12 Adoro estar aqui nesta terra que tanto amo. O idioma espanhol por todos os lados.
13 Isto me deixa completamente enamorada. Eu gosto de pensar que meu trabalho
14 tem sido reconhecido por todos na prisão e fora dela. As pessoas têm sido muito
15 acolhedoras. Pensar que tudo isso se termina (em parte) hoje, me deixa bastante
16 triste, mas como diz minha mãe, "não há bem que nunca se acabe".

17 São 5h30min da madrugada. Estou sentada no acostamento. A rodovia está
18 deserta, só se escuta a natureza se despertando. Os passarinhos numa alegre
19 sinfonia anunciam um dia emocionalmente cinza.

20 Devo ir agora. O sono se foi por completo. Vou chegar cedo na prisão.

21 (...)

22 Hoje começamos a aula às 9h. Estavam todos presentes.

23 Pela manhã, terminamos de corrigir os textos que haviam escrito. Alguns
24 modificaram algumas coisinhas, outros deixaram como estava, só corrigiram a
25 ortografia e repassaram a sintaxe.

26 Notei o ânimo deles muito decaído e melancólico. A verdade é que todos
27 estávamos muito chateados pelo encerramento do projeto, todos sabíamos que
28 este era o último encontro, mas ninguém se animava a falar sobre o assunto.

1 Almoçamos todos na sala de aula. Pedi aos operadores penitenciários
2 trazerem a comida para mim e para os alunos na sala de aula e me atenderam e eu
3 os agradeço muitíssimo por isto. Pudemos estar mais um momento compartilhando.

4 Na parte da tarde, começamos as atividades vendo o filme "Mais estranho
5 que a ficção", com legenda em espanhol. A trama relata a rotina de Harold, um
6 auditor do Serviço de Impostos Internos dos Estados Unidos. Um dia, Harold
7 começa a ouvir uma voz feminina que descreve tudo que ele faz, como se ele fosse
8 um personagem literário. A trama é bastante interessante porque nos leva ao
9 universo da escritura criativa. A autora se encontra com seu personagem, ou seja,
10 a autora, Karen, narra a vida do protagonista enquanto ele tem vida própria.

11 A personificação do protagonista da história causa bastante assombro. Karen
12 quer matá-lo na história, mas o protagonista não quer morrer. Dois universos que
13 se cruzam, o do escritor/autor e do personagem principal, colocando os alunos bem
14 atentos a tudo.

15 A cada momento tinha que parar o filme para que pudessem comentar sobre a
16 trama, as técnicas e as estratégias que aprenderam. Isto foi muito positivo porque
17 ao longo do filme discutimos sobre muitos pontos fundamentais necessários a levar
18 em conta aos que gostam de escrever: a figura do escritor, do autor e do narrador,
19 logo, para que esta alquimia tenha sucesso deve-se considerar e agregar, talvez, o
20 participante mais importante: o leitor. É o leitor que se interessa por ler o que os
21 outros escrevem. "Sem leitor não há motivos para escrever nada", me disse S. F.

22 O filme, a discussão, os comentários, tudo, esteve boníssimo! Todos
23 participaram ativamente e eu me senti muito, muito, orgulhosa em poder realizar
24 este momento, em poder "experenciarmos" este ambiente de comunicação que nos
25 permitiu analisar mais profundamente o processo de escritura. Isto não tem preço!
26 Não tem.

27 Enquanto víamos o filme, comíamos pipoca que S. nos fez na cozinha dos
28 policiais. Eu a ajudei com tudo. No final, depois de comer e discutir sobre autor,
29 escritor, narrador, personagem protagonista, leitor, passei a última atividade do
30 projeto: observar as frases que lhes dei, escolher uma delas e escrever um

1 pequeno texto ou poema. Havia frases de vários autores: Pablo Neruda, Mario
2 Benedetti, Francisco de Quevedo, Madre Teresa de Calcutá e outros que não me
3 lembro agora.

4 Antes de me despedir disse que logo voltarei com o "Érase otra vez..."
5 segunda edição e outro curso mais avançado de escrita criativa. Parece que ficaram
6 contentes e esperançados. Isto é bom. Eu não gosto de vê-los tristes ou
7 angustiados.

8 A despedida foi um pouco triste, mas com a promessa de seguir indo eles
9 ficaram mais motivados.

10 Como o senhor diretor e o meu amigo não estavam, não quis entregar-lhes os
11 certificados. Voltarei outro dia para fazê-lo.

12 Chamam para comer a sopa mais saborosa que já comi na vida. A mesma
13 comida dos internos, dos reclusos. Depois da janta, volto para minha casa.
14 Necessito estar cedo lá.

15 São 20h. Vou comer, depois vou embora.

16

17

18

19

20

21

22

23

24

25

26

27

28

29

30

1 **Apêndice X: Registro 24**

2 Registro 24:

3 Estou em minha casa, em meu quarto. Em mim há um vazio muito grande. Sinto
4 falta deles. As lembranças do vivido e do experienciado com os alunos reclusos,
5 recheiam meus dias, minha memória. De que está feita a memória? Acredito que de
6 abraços, de ternura, de cheiros, de sabores, de olhares, de toques, de
7 esquecimento, de perfumes, de amores, de palavras, de fogo.

8 Recordo o dia que eu fui ver a primeira partida do Brasil na Copa do Mundo
9 2014. Era Brasil e Croácia. Todos éramos torcedores de Croácia hehehe.
10 Divertimo-nos muito.

11 Agendei a visita com as operadoras e fui. Levei suco, pipocas e receita para
12 fazer pão de queijo (típico da região central do Brasil, mais precisamente de Minas
13 Gerais, mas se come em todo o país) e nos encontramos na cozinha dos policiais
14 onde havia uma televisão.

15 Lembro que cheguei de manhã. Tinha ido certificá-los. O projeto "Érase otra
16 vez..." havia sido encerrado fazia alguns meses. Passamos um lindo dia no pátio.
17 Conversamos sentados sobre o enorme cobertor que havia levado, jogamos futebol,
18 compartilhamos e fomos ver a partida de futebol na cozinha.

19 Excitados, falavam alto, gritavam, brigavam falando das equipes, xingavam-se
20 e eu me ria. Foi muito, muito, divertido. Eles queriam que o Brasil perdesse, e eu
21 também. Diziam que os jogadores eram muito arrogantes. Na verdade, sim.

22 Lembro o dia que trabalhamos até bem tarde organizando a "Muestra de
23 Poemas Seleccionados". Que dia! Foi lindo ver o resultado exposto na parede. O
24 grande painel vermelho, enorme, com os poemas dos alunos expostos. Ficou muito
25 bonito o trabalho de todos!

26 Havia um poema de cada um, inclusive um meu. Ali nós pusemos para que todos
27 os presos pudessem ler e desfrutar do resultado do "Érase otra vez...", e, quem
28 sabe, motivar-se a escrever ou formar parte dos projetos futuros que eu tinha em
29 mente ou outros que a prisão oferecesse a eles.

1 O trabalho exposto no corredor refletiu a participação ativa dos alunos nas
2 aulas e no processo de criação. Lembro do cuidado em escolher o poema a ser
3 exposto. Queriam colocar o mais bonito, o mais expressivo, seu melhor trabalho,
4 quiçá o melhor de si mesmo. Sua obra-prima para que o outro pudesse admirar.

5 (...)

6 Não falei sobre a certificação. Um fato de suma importância dentro do
7 desenvolvimento do "Érase otra vez...". Depois da partida de futebol vista na
8 cozinha, organizamos e limpamos tudo e fomos para a sala de aula. Aí conversamos
9 sobre várias coisas. Foi um momento de abrir-se, de falar que sentíamos falta de
10 todos; que sentíamos falta da nossa peculiar rotina dentro da prisão, na sala de
11 aula, no pátio, na cancha; que sentíamos falta de nós mesmos quando estávamos
12 juntos. M. me disse que nada mais era igual. Que eles gostavam de me esperar a
13 cada quinze dias, ver o carro chegar, saber que eu já estava no pátio ou na sala de
14 aula esperando-os.

15 Lembro que chorei emocionada pela maneira como falou tudo. Havia um tom
16 de profunda solidão, de abandono, de tristeza em sua voz. Falava baixo, devagar, às
17 vezes com a cabeça baixa, outras vezes me olhando nos olhos e aos companheiros.
18 Todos sentiram muito o encerramento do projeto, mas M. me parece que se sentia
19 completamente abandonado lá dentro.

20 Todos falaram por um momento. Cada um falou de suas percepções, de sua
21 rotina, do que estavam fazendo e sentindo. Quando eu lhes entreguei o certificado
22 ficaram muito contentes e orgulhosos. Lembro que se riam e liam-no, admiravam,
23 como se não acreditassem no que tinham nas mãos. Na verdade, ficaram muito
24 bonitas a arte e a cor escolhidas. Assinamos os três: senhor diretor, meu amigo
25 policial e eu.

26 Ao final do encontro, cada um deles escolheu um texto seu e o leu para o
27 grupo. Lastimo que não tenha gravado este momento. Foi muito lindo escutá-los
28 cada um lendo a sua produção. A cada leitura, os aplausos e as felicitações.
29 Sentiram-se muito orgulhosos de si mesmos, era perceptível.

1 Para o encerramento, lhes dei de presente os dois livros que havia impresso:
2 "De amor y otros escritos" (um compêndio de seus melhores textos) e
3 "Reflexiones", um livro feito para pensar, refletir, analisar a vida. Eles estavam
4 muito, muito, felizes. Tudo foi muito significativo para eles e para mim, com
5 certeza.

6 Estar nesse lugar, trabalhar com esse público esgota bastante, porque os
7 encontrei carentes de tudo: de ânimo, de esperança, de amor, de atenção, de
8 recursos de todo tipo. Entregar-se a esta desinteressada tarefa com a alma, como
9 eu o fiz, esgota muito, mas acredito que seja a única maneira de lograr um bom
10 resultado e alcançar todos ou quase todos os objetivos propostos. Bom, os
11 resultados temos aí, registrados em todas estas folhas amontoadas em minha
12 memória, em minha trajetória de vida, tanto profissional como pessoal. Não sou
13 mais a Seila que começou trabalhando em setembro de 2013. Não sou. Nada é igual.
14 Aprendi muito com eles. Aprendi sobre generosidade, compaixão, sobre a pressa
15 em viver; aprendi sobre as pessoas, a língua e a cultura do povo uruguaio; aprendi a
16 ter mais paciência, mais serenidade ao tratar com o outro; aprendi outros
17 conceitos da palavra liberdade.

18 Além disso, construímos amizades, relações duradouras baseadas, sobre
19 tudo, no respeito ao outro.

20 Ao longo dos dezesseis encontros, mais a apresentação da murga, o evento da
21 Muestra de Poemas Seleccionados e as duas visitas, e de, aproximadamente, 155
22 horas de trabalho, muito estudo, muita leitura, muita discussão e muita escrita,
23 construímos uma linda relação humana baseada no respeito e no amor. Isto não tem
24 preço. E é por isso que eu amo ser professora. Este é meu lugar no mundo. Simples
25 assim.

26 Nunca, nunca, me esqueço do que disse minha professora no estágio: para
27 estar numa sala de aula tens que fazer aulas significativas positivamente para teus
28 alunos. Se não é este teu propósito, vai!

29 Isto eu tenho muito, muito, claro em minha vida e tento nunca esquecer.

1 **Apêndice Y: Registro 25**

2 Registro 25:

3 Este é o último registro que faço. Minha letra esta minúscula, pequeníssima,
4 porque estou um pouco triste. Mas um pouco contente também. Estava revolvendo
5 os materiais do projeto "Érase otra vez..." e encontrei três cartinhas dos alunos.
6 Eles me entregaram estas cartinhas no último dia que estive com eles.

7 A carta de C.:

8 "Um dia lindo, sem vento e um pouco de calor... este foi o dia de hoje. Um dia
9 para pensar, debater, comer e também conhecer-nos um pouquinho mais entre
10 todos. O que hoje levo comigo de todo este dia é que nem tudo é o que parece e que
11 a gente nem sempre tem razão. Que às vezes está esta contrapartida, e que
12 sempre tem alguém para te apoiar e te dizer "sim, tu consegues", ainda que seja um
13 só; e também têm muitos para te puxar para trás. Mas por sorte está este grupo
14 que sempre te ajuda em algo e que sempre te dá forças para seguir em frente.
15 Para minha profe com todo Amor."

16 A carta de A.:

17 "... e o presente mais lindo a presença de "Sheyla" com toda sua doçura e
18 afeto tornou possível compartilhar o resto do dia com este grupo que já lhe tenho
19 carinho e me sinto muito cômoda. São 20h10min. Estamos sentados na cancha, no
20 chão, compartilhando uma coca-cola e uma conversa amena e divertida. Ah, de
21 tarde me cantaram parabéns e tudo, fazia anos que ninguém cantava parabéns pra
22 mim. (...) Este dia foi cheio de surpresas. Obrigada "Sheyla" por tudo que nos dá."

23 A carta de M.:

24 "Estamos totalmente fora das paredes respirando ar puro da tardinha,
25 sentados no meio da cancha de futebol. Que coisa boa! As aulas de literatura estão
26 nos fazendo muito bem, nos fazem voar, nos fazem esquecer bobagens que durante
27 o dia, entre paredes, nos fazem pensar. Compartilhamos esses momentos que são
28 inesquecíveis. Eu não sou um escritor, mas sim, mais ou menos, me expresso nesta
29 pequena folha como me sinto bem, que nós nos sentimos agora.

1 Me dou conta do valioso que temos, que é esta profe (és um amor). És um
2 amor de pessoa, um amor de profissional. Às vezes penso como deve ser difícil para
3 ela vir, mas assim mesmo vem, assim que está aqui conosco conversando, ensinando-
4 nos. Também me sinto mal às vezes porque eu sei que eu posso dar mais na sala de
5 aula, mas tá... Tento ser o que sou, trato de mostrar o pouquinho que sei. Sei que a
6 cada aula eu me sinto melhor e isso era o que eu queria. Esta experiência de vida
7 vai me ajudar muito, muito.

8 Que Deus olhe e veja esta mulher que vem desde tão longe para mimar-nos e
9 ajudar-nos. Está a toda prova, e agora, sentados aqui fora como se fôssemos
10 irmãozinhos. Sempre vou lembrar de ti com muito amor. Desejo o melhor em tua
11 vida."

12 Primeiro, o que quero refletir é que em meio a uma realidade brutal como é a
13 de uma prisão, os três reconhecem o lindo que é compartilhar, estar junto de; a
14 beleza da natureza e o sentimento de gratidão e amor para com as pessoas. Nas
15 palavras de C., A. e M. está o mais precioso que uma professora pode escutar. M.
16 pede a Deus por mim, por minha pessoa. Que Deus me olhe e veja a mim que viajo
17 desde longe para mimá-los e ajudá-los. Isto é precioso demais! É amável, é
18 carinhoso, é amoroso, em um lugar tão brutal.

19 Quando C. escreve com a certeza de que "sempre existe alguém que te apoia",
20 que está a teu lado, segurando tua mão, te dando apoio, te sustentando, te
21 amparando. Esta certeza de que "por sorte está este grupo que sempre te ajuda
22 em algo e que sempre te dá forças para ir em frente". Em um lugar de inconstância,
23 sumamente instável, é precioso pensar, acreditar, sentir que existe alguém, e mais,
24 que existe um grupo que sempre te ajuda em algo. Há sentido nas coisas que
25 escreve. Pelo menos tem sentido estar ali neste lugar já nem tão solitário e
26 inóspito. Existe um grupo, o grupo "dos mimados da profe de literatura", o grupo de
27 literatura, o grupo do "Érase otra vez...", não importa a denominação que lhe deem,
28 ele sabe que existe este grupo e confia nele, que está aí para ajudá-lo a ir em
29 frente, sempre.

1 A. se sente cômuda e se encarinhou pelo grupo. Gosta de formar parte deste
2 grupo, compartilhar conversas "amenas e divertidas". Agradece por tudo que dou a
3 eles, mas na verdade, eu somente lhes dou algo porque eles permitem, porque eles
4 querem receber, porque a beleza e a preciosidade estão em todos, dentro de cada
5 um deles. Não sou eu a doce e afetuosa, são eles que levam doçura e afeto dentro
6 de si, mas somente veem em minha pessoa. O contexto parece que vai cegando para
7 ver o bom e o precioso de cada um deles. Só podem ver nos outros, em si mesmos
8 não.

9 "Para mi profe com todo Amor" (Amor com letra maiúscula), "obrigada por
10 tudo que nos dá", "sempre vou lembrar de ti com muito amor", aqui estão preciosos
11 valores, sentimentos e atitudes que alguém pode levar dentro de si, pensar e fazer:
12 amor, doação, gratidão, compaixão, amizade, bondade em relação ao outro. Estar na
13 memória do outro, em um lugar amoroso de sua vida é a recompensa por todos os
14 mais de 10 mil quilômetros que andei. É demasiadamente precioso.

15 Que lindo poder ter feito tudo que fiz, ter vivido esta experiência, ter
16 experienciado tudo. Lindo ter estado este tempo compartilhando com meus
17 mimados.

18 Sinto falta deles.

19
20
21
22
23
24
25
26